

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LEANDRO SILVA VARGAS

**ESPORTE, INTERAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO DO “PROJETO ESPORTE CLUBE CIDADÃO”**

São Leopoldo
2007

LEANDRO SILVA VARGAS

**ESPORTE, INTERAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO DO “PROJETO ESPORTE CLUBE CIDADÃO”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós Graduação em Ciências
Sociais Aplicadas da UNISINOS como
requisito parcial para obtenção do título
de Mestre em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Edison Luis Gastaldo

São Leopoldo

2007

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu pai, Luiz Aécio (in memoriam), à minha querida mãe Terezinha Airce pelo incentivo constante, à minha filha Fernanda luz da minha vida, minha esposa Carolina pelo carinho e compreensão; ainda a todos os familiares e amigos que me incentivaram e apoiaram durante essa etapa tão importante de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Edison Luis Gastaldo, pela ajuda prestimosa, pelo tempo e dedicação disponíveis, à professora Adriana Menelli de Oliveira grande incentivadora, aos colegas e amigos pela amizade e companheirismo.

*A cada obstáculo transposto concluímos
que devemos recomeçar novamente, pois
os desafios são constantes em busca da
felicidade.*

Autor desconhecido

RESUMO

Este estudo procurou discutir, a partir de uma perspectiva etnográfica política privada, de formação integral através do esporte, no bairro Restinga, uma das regiões mais pobres da Grande Porto Alegre, patrocinada pela Associação Cristã de Moços (ACM), na sua unidade ACM Vila Restinga Olímpica, o desenvolvimento do “Projeto Esporte Clube Cidadão”. Foram avaliados os tipos de benefício recebido pela população infanto-juvenil, que participa do projeto, quais os limites da instituição e como se processam os vínculos entre a ACM Vila Restinga Olímpica e a comunidade beneficiada por esta. Esta investigação buscou identificar os diferentes modos de percepção do trabalho desenvolvido pelo Projeto Esporte Clube Cidadão, tanto na perspectiva da instituição, quanto da comunidade (dos participantes), visando discutir a implementação de políticas de inclusão social por meio do esporte.

Palavras-chave:

Esporte – exclusão social – inclusão social – ACM

ABSTRACT

This paper aims at discussing, from an ethnographic private policy perspective, to thorough education through sports, the evolving of the project "Esporte Clube Cidadão", in Restinga district, one of the poorest regions in the outskirts of Porto Alegre, which was sponsored by the Young Man's Christian Association (YMCA), through their Vila Restinga Olímpica Unit. All sorts of benefits the project grants to the young population who partakes in it were analyzed, as well as the boundaries of the institution and the way the bond between the YMCA Vila Restinga Olímpica and the population assisted by it are formed. This study tried to identify the various ways the work developed by the Esporte Clube Cidadão is perceived, both from the institutions perspective and the community's (partakers), addressing the implementation of social inclusion policies through the sport.

Key words:

Sports - social exclusion - social inclusion - YMCA

LISTAS

Figura 1 - Vista do Bairro Restinga em frente à ACM Restinga Olímpica	56
Figura 2 - Vista do Bairro Restinga sob outro ângulo da ACM Restinga Olímpica	57
Figura 3 - Mapa da cidade de Porto Alegre	58
Figura 4 - Mapa Localização Esporte Clube Cidadão	60
Figura 5 - Planta Baixa da ACM Restinga Olímpica	61
Figura 6 - Vista Frontal Prédio da ACM Restinga Olímpica	61
Figura 7 - Vista Lateral do Prédio da ACM Restinga Olímpica	62
Figura 8 - Refeitório do Prédio da ACM Restinga Olímpica	62
Figura 9 - Cozinha do Prédio da ACM Restinga Olímpica	63
Figura 10 - Vestiário do Prédio da ACM Restinga Olímpica	63
Figura 11 - Quadras polivalentes de cimento para atividades esportivas	64
Figura 12 - Sala de Arte do Prédio da ACM Restinga Olímpica	68
Figura 13 - Sala de Aula do Apoio Pedagógico no Prédio da ACM Restinga Olímpica	68
Figura 14 - Sala de Informática no Prédio da ACM Restinga Olímpica	69
Gráfico 1 - Idade dos(as) Educandos(as) - PECC	77
Gráfico 2 - Série Escolar dos(as) Educandos(as) - PECC	77
Gráfico 3 - Responsável pelo Encaminhamento ao PECC	79
Gráfico 4 - Pais e Mães dos Educandos do PECC que trabalham	80
Gráfico 5 - Modalidade e Percentual das Preferências pelas Atividades	88
Gráfico 6 - Opção Principal dos Educandos em Relação às Atividades	89
Gráfico 7 - Opção Secundária dos Educandos em Relação às Atividades	89
Gráfico 8 - Opção Principal das Educandas em Relação às Atividades	91
Gráfico 9 - Opção Secundária das Educandas em Relação às Atividades	92
Gráfico 10 - O Que os(as) Educandos (as) Não Gostam de Realizar no PECC	93
Tabela 1 - Horários de atendimento de 07 a 12 anos - Manhã	65
Tabela 2 - Horários de atendimento de 07 a 12 anos - Tarde	65
Tabela 3 - Horários de atendimento de 13 aos 16 anos - Manhã	66
Tabela 4 - Horários de atendimento de 13 aos 16 anos - Tarde	66
Tabela 5 - Orçamento Anual do Projeto Esporte Clube Cidadão em R\$	74
Tabela 6 – Profissão dos pais dos(as) educandos(as) do PECC	81
Tabela 7 – Profissão das mães dos(as) educandos(as) do PECC	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABONG - Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais

ACM - Associação Cristã de Moços

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICV - Índice de Condições de Vida

IDDC - Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão

IVS - Índice de Vulnerabilidade Social

ONG - Organização Não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

PECC - Projeto Esporte Clube Cidadão

SASE - Serviço de Atendimento Sócio - Educativo

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EXCLUSÃO SOCIAL, ESPORTE E POLÍTICA DE SOCIALIZAÇÃO: UMA REVISÃO	17
1.1 EXCLUSÃO SOCIAL	17
1.2 UMA BREVE HISTÓRIA SOCIAL DO ESPORTE	30
1.3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCENTIVO AO ESPORTE COMO SOCIALIZAÇÃO	40
2 METODOLOGIA	44
2.1 PESQUISA QUANTITATIVA	46
2.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	47
2.3 ENTREVISTA	51
3 POLITICA DE INSERÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ESPORTE	55
3.1 A INSTITUIÇÃO E SEU CONTEXTO	55
3.2 ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS – ACM E O PROJETO ESPORTE CLUBE CIDADÃO	59
3.3 PROJETO ESPORTE CLUBE CIDADÃO	64
3.3.1 Proposta Político Pedagógica do Projeto Esporte Clube Cidadão	69
3.4 Universo dos Educandos	75
3.4.1 Pesquisa Quantitativa – Questionário: dados da amostra	76
3.4.2 Gênero: Interações entre Educandos e Educandas	83
3.4.3 Poder: Interações dos(as) Educandos(as) com os Educadores e Equipes Dirigentes	86
3.4.4 Habilidades: Motivação Para as Atividades e Respectivos Interesses	87
3.4.5 Comunidade: A Percepção da Sua Origem Social e do Projeto Esporte Clube Cidadão	95
3.5 UNIVERSO DA EQUIPE DIRIGENTE	102
3.5.1 Estratégias Institucionais: Manutenção dos Educandos e Educandas	103
3.5.2 Estratégias Institucionais: Formação pessoal dos Educandos e Educandas	105
3.5.3 Estratégias Institucionais: Relação com os Familiares dos Educandos e Educandas	107
CONCLUSÃO	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

INTRODUÇÃO

Por intermédio da minha vida profissional, como educador da área de Educação Física, tenho observado questões sócio-educativas que adquiriram nuances específicas dentro do contexto infanto-juvenil, as quais geraram um mote desafiador para uma investigação que possibilitasse articular teoria e prática em busca de subsídios que apontem para uma possível transformação social relacionada à educação. Nesse sentido, sob a luz das Ciências Sociais, desenvolvi esta pesquisa que remete a uma análise dos processos de exclusão social no Brasil e uma possível “inclusão social” através do esporte.

Para tanto, é mister considerar que o modelo de desenvolvimento econômico brasileiro tem gerado exclusão social de parte da população. Este processo acarreta desigualdade social, miséria, injustiça, exploração social, exploração econômica e marginalização. Sob esse viés, a exclusão social pode ser encarada como um processo que coloca a pessoa à margem da sociedade, ocorrendo a perda de cidadania devido a uma série de privações.

A despeito da diversidade das categorias¹ de exclusão social, as quais se interpenetram em algum momento, de modo geral, pode-se considerar que a exclusão social alcança maior relevo junto às populações mais pobres. Na visão de Castel (2000, p. 23), “ ‘Os excluídos’ povoam a zona mais periférica, caracterizada pela perda do trabalho e pelo isolamento social”. Desta forma, essa sociedade movida por grandes desigualdades econômicas, de instrução, de assistência na saúde, entre outras formas, alimentam a exclusão social, sem deixar de salientar a violência, que é um dos grandes fatores de dessocialização.

¹ Algumas das categorias de excluídos são: excluídos de grupos sociais, de gênero, opção sexual, por idade, aparência física, do trabalho, do universo sócio-cultural, da educação, da saúde.

Cumpra assinalar que o enfrentamento da exclusão social, em suas múltiplas facetas, passa pelo combate à marginalização de crianças e jovens, nas periferias, cuja vida é feita de iniciativas fracassadas, repleta de privações motivadas por várias questões sociais, deixando-os sem perspectivas, lançando-os ao encontro, muitas vezes, da delinqüência.

Sob este aspecto pode-se dizer que a pobreza, em suas múltiplas dimensões, priva as crianças e os jovens de oportunidades que poderiam proporcionar desenvolvimento e prosperidade, ampliando desta forma as disparidades sociais, econômicas e de gênero, deixando as crianças vulneráveis à exploração, à violência e à discriminação. Cruanhes (2000, p. 89) assinala que a “pobreza e a exclusão social não se reduzem às privações materiais, alcançam o plano espiritual, moral e político dos indivíduos submetidos aos problemas da sobrevivência”.

Não podemos deixar passar despercebido o trabalho infantil ou precoce, mesmo aquele considerado de ajuda a adultos, trabalho de rua e os trabalhos domésticos, motivados por situações de extrema pobreza. As necessidades econômicas motivadas por esta situação podem levar crianças vulnerabilizadas² a trabalharem em situações de risco, muitas vezes em detrimento de sua educação. Nesse sentido, deve-se considerar que a pouca presença do Estado, muitas vezes nenhuma, é também um dos fatores responsáveis por levar as crianças ao trabalho precoce.

As crianças residentes nos focos de exclusão social tendem, em maior número, ao abandono da vida escolar e mesmo as que freqüentarem a sala de aula tem grande número de faltas ou apresentam queda no rendimento, muitas vezes, motivado pelo cansaço de uma dupla jornada. Há um grande atraso na vida escolar dos estudantes brasileiros, no ensino fundamental a defasagem idade-série é bastante elevada, sendo que os rendimentos escolares dos adolescentes das

² Abramovay et al (2002, p. 30), diz a respeito da vulnerabilidade que esta “traduz a situação em que o conjunto de características, recursos e habilidades inerentes a um dado grupo social se revelam insuficientes, inadequados ou difíceis para lidar com o sistema de oportunidades oferecido pela sociedade, de forma a ascender a maiores níveis de bem-estar ou diminuir probabilidades de deteriorização das condições de vida de determinados atores sociais. Esta situação pode se manifestar, em um plano estrutural, por uma elevada propensão a mobilidade descendente desses atores e, no plano mais subjetivo, pelo desenvolvimento dos sentimentos de incerteza e insegurança entre eles”.

camadas mais pobres possuem uma taxa de escolarização menor do que daqueles pertencentes às mais favorecidas³.

Nesse contexto, instituições socializadoras não-governamentais têm se mobilizado para buscar a “inclusão social”, a cidadania e o resgate da auto-estima de crianças e jovens. Desta forma, estas instituições visam a criar redes sociais amenizadoras do embate dos processos de vulnerabilização que afetam principalmente este público de regiões mais pobres das grandes cidades.

Muitas dessas organizações, embora não governamentais, apontam para um processo de iniciativa mista, ou seja, privadas e públicas. Seus projetos são voltados para valores como cidadania, educação e solidariedade, buscando efetivar um projeto de integração social. Nesse processo busca-se a preservação da vida social da criança e do adolescente através de uma diversidade de projetos que oferecem um variado número de serviços educativos, lazeres, esportivos e profissionalizantes visando à promoção dos direitos de crianças e jovens.

Cabe assinalar que as instituições não-governamentais contam com apoio da iniciativa privada, em alguns casos pública, e/ou outros doadores que contribuem para viabilização de projetos destinados às crianças e aos jovens em situação de risco. Estas instituições socializadoras, normalmente, atuam junto ao público que vai da infância até a idade de dezoito anos. Não raro, os beneficiados mantêm vínculos com estas instituições após a idade limite, seja como professor de um dos projetos da instituição ou prestando serviço voluntário, não descartando contatos ocasionais na busca de orientação e convivência no ambiente a que pertenceram por algum tempo.

Nesse sentido, muitas dessas instituições encaram como uma das possibilidades de inclusão social, cidadania e resgate da auto-estima de crianças e jovens uma política de formação integral através do esporte, sendo que este tem a propriedade de “mobilizar indivíduos de todos os lugares, extratos sociais, sexos, idades e posições ideológicas” (STIGGER, 2002, p. 2), sem deixar de destacar a sua importância como lazer e fator motivador extremamente positivo.

Nos projetos protagonizados por estas instituições busca-se, através da abrangência do esporte, que os educandos possam desenvolver suas competências

³ Segundo Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE (2005-a) a defasagem idade-série em 2003 chegava a 64% dos estudantes de 14 anos de idade e 20,4% dos estudantes entre 18 a 24. Aproximadamente 1/3 da população adulta, em 2003, tinha menos de quatro anos de estudo.

físicas, emocionais, intelectuais e sociais. Assim, o esporte é tratado como uma pluralidade de sentidos, considerando que para a plena formação destes atores sociais torna-se fundamental a parceria de outras áreas do conhecimento humano, as quais irão atuar de forma interdisciplinar com o esporte buscando influenciar positivamente na formação integral dos educandos.

Sob este viés, o eixo deste estudo tematiza a *Política Privada de Formação Integral Através do Esporte*, no bairro Restinga, uma das regiões mais pobres da Grande Porto Alegre, tendo como parceiro a ACM⁴ Vila Restinga Olímpica, que desenvolve o “Projeto Esporte Clube Cidadão”, instituição filantrópica sem fins lucrativos. A ACM é uma entidade internacional, de origem inglesa, que atua no Brasil há mais de 100 anos nas áreas do esporte, lazer, voluntariado, educação e assistência social. O projeto em questão conta com o apoio de esportistas⁵, empresas e instituições públicas e privadas. Esta instituição filantrópica beneficia crianças e jovens entre sete e dezesseis anos de idade, através de atividades complementares nas áreas de educação física, artes, expressão, pedagogia e serviço social.

O esporte vem sendo utilizado, pela ACM Vila Restinga Olímpica, como uma das ferramentas para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. Através desta política, a instituição busca aumentar o rendimento escolar e propiciar a socialização das crianças e jovens, os quais fazem parte de um contexto que tem por característica a precariedade dos direitos sociais. Pressupondo que a instituição em questão tem por objetivo, através do Projeto Esporte Clube Cidadão, "promover inclusão social" e que os participantes procuram voluntariamente ou são encaminhados por órgãos públicos para participar do Projeto, levou-nos a questionar como esses dois grupos distintos, instituição e participantes, vivem o Projeto Esporte Clube Cidadão, sua participação nele e o papel atribuído a este nas suas vidas.

Nesse sentido, busquei mapear a atuação da instituição socializadora e sua atuação junto à comunidade através do Projeto Esporte Clube Cidadão. A partir desse mapeamento, aferi as características socioeconômicas e demográficas dos participantes, os tipos de benefício recebido, como se processam os vínculos entre a ACM Vila Restinga Olímpica e a comunidade beneficiada por esta. Levei em conta, nesse processo, se as crianças e os jovens atendidos pela instituição, através do

⁴ Associação Cristã de Moços

⁵ Esportistas de projeção nacional e internacional nos esportes que praticam ou praticaram.

seu projeto, sentiam-se integradas e acolhidas, se este tem proporcionado inserção à escola, se a política privada de formação integral através do esporte, patrocinada por esta instituição, efetivamente proporciona socialização, cidadania e resgate da auto-estima e quais são os seus limites.

A especificidade do objeto em questão justifica-se a partir do momento em que se verifica, nas últimas décadas, o crescimento de instituições socializadoras em todo o país, sejam patrocinadas, associadas e/ou tendo como "padrinhos" atletas consagrados em suas modalidades esportivas. Estas instituições não governamentais, sem fins lucrativos, atuando de forma filantrópica, têm buscado resgatar a cidadania e a auto-estima de crianças e jovens vulnerabilizados pelas questões sociais, principalmente nas periferias das regiões metropolitanas. Nessa perspectiva, estas instituições passam a ser sinalizadoras de desenvolvimento para as comunidades a que pertencem.

Optou-se pela realização deste estudo em um grande bairro, uma das regiões mais pobres de Porto Alegre, por estar contextualizado dentro de uma região metropolitana onde os problemas são sentidos de forma mais intensa, o que proporcionou observar *in loco* as múltiplas manifestações da exclusão social e o esforço da instituição socializadora em promover a "inclusão social". O bairro Restinga, onde está localizada a unidade da Associação Cristã de Moços, unidade de análise, conta com uma população de mais de cinquenta mil habitantes, conforme dados disponibilizados pela Secretaria do Planejamento Municipal de Porto Alegre em seu endereço⁶ eletrônico.

Projetos como este, misto de iniciativa privada e pública, estão presentes em várias cidades brasileiras, o que torna este estudo de caso relevante na medida em que propõe discutir o lapso entre as percepções de grupos sociais de origem distinta, ligados pelo Projeto, ou seja, a instituição socializadora e participantes que compartilham uma mesma situação.

A pesquisa em questão buscou problematizar os diferentes modos de percepção do trabalho desenvolvido pelo Projeto Esporte Clube Cidadão, tanto na perspectiva da instituição, quanto da comunidade (dos participantes), visando

⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Bairros Oficiais. Secretaria do Planejamento População/2000. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=67&p_secao=43 Acesso em: 12 set. 2006.

discutir aspectos da implementação de políticas de "inclusão social" por meio do esporte.

Através de um *survey* realizado junto aos participantes do projeto, recolhi as características sócio-econômica e demográfica dos beneficiados, suas trajetórias, contextos familiares e o tipo de benefício recebido. Para dar conta de aspectos relacionados às vivências cotidianas dos participantes do projeto mantido pela ACM Vila Restinga Olímpica, empreguei uma abordagem de observação participante articulada com entrevistas abertas e questionários.

Utilizei o sistema de pesquisa mista, ou seja, quantitativa, através de modelos estatísticos que descrevem aspectos do grupo estudado e qualitativo para interpretar a situação social existente no âmbito do projeto.

Essa dissertação está dividida em três capítulos de desenvolvimento, além da introdução e da conclusão. No primeiro, apresento uma revisão bibliográfica a qual aponta para as várias formas de raciocínios necessárias para a compreensão do objeto da pesquisa em questão. Constituem, também, o suporte para a explicação dos resultados experimentais obtidos permitindo a discussão destes, já que nesta são encontradas informações consolidadas no universo investigado. Face ao exposto, exploro, neste primeiro capítulo, três delineamentos gerais: o primeiro relacionado à questão da exclusão social, sem deixar de conceitualizá-la, a partir do entendimento de diversos autores, em suas múltiplas formas que têm afetado a sociedade brasileira, em um período marcado por graves crises econômicas, políticas e sociais. Investigo, na bibliografia disponível, a questão da exclusão social que vai além do desemprego, que tem, na maioria das vezes, sua motivação nas mudanças tecnológicas, abrangendo a quebra de direitos sociais que foram historicamente conquistados. No segundo, apresento a importância do esporte como um conjunto maior de aspectos socialmente relevantes em relação aos significados sociais que envolvem a consciência comunitária, o prazer, a coesão social e o equilíbrio social. Já no terceiro delineamento, apresento um estudo relacionado às políticas públicas de incentivo ao esporte como socialização, destacando o papel do Estado no fomento do esporte nas suas ações políticas, a capacidade institucional e política de tratar a imensa variedade de problemas sociais de responsabilidade pública.

O segundo capítulo, que trata da metodologia desta pesquisa, está direcionado ao contexto etnográfico, a instituição e o projeto onde ela se delineaia.

Procuro também explorar a questão do esporte como ferramenta socializadora para a instituição em questão. Faço um breve resumo sobre o trabalho realizado junto aos atores sociais que freqüentam as atividades. Apresento os educandos, educadores e pais, atores da pesquisa etnográfica, aos quais foram aplicados os questionários e as entrevistas.

No terceiro capítulo, Apresento fotografias que fiz das instalações e moradias próximas à instituição, bem como mapas que localizam o Bairro Restinga e a instituição no bairro. Identifico as relações entre a instituição e seus freqüentadores através das informações obtidas nos questionários e através de entrevistas realizadas com os demais atores do contexto social. Assim proponho uma análise abrangendo aspectos interacionais das atividades do PECC, objetivando um melhor entendimento das condições e das realidades do objeto pesquisado.

1 EXCLUSÃO SOCIAL, ESPORTE E POLÍTICA DE SOCIALIZAÇÃO: UMA REVISÃO

1.1 EXCLUSÃO SOCIAL

Desde que a humanidade passou a viver de forma coletiva e a dar um sentido a vida em comunidade, pode-se dizer que a exclusão e os excluídos sempre existiram. Através do ostracismo, da proscricção, nas várias formas de escravatura ou de exílio ocorreram manifestações de rejeição, distinção, separação dos que dominavam as funções econômicas, sociais, culturais e políticas dos que tinham pouco domínio ou dos que não os tinham de todo.

De acordo com Castel:

[...] é incontestável que existiram sociedades de exclusão. [...] Expulsão ou condenação a morte dos heréticos, caça as bruxas, execução de criminosos de "direito comum" (aí compreendidos freqüentemente os crimes contra bens), banimento ou prisão de vagabundos e sediciosos, repressão de "desvios" sexuais, como a bigamia ou a sodomia, e mesmo de casos que hoje seriam qualificados de patológicos como a lepra ou a loucura... toda uma gama de procedimentos de exclusão foi vista nesse espaço europeu entre os séculos XIV e XVIII⁷ (2004, p.37-38).

No entanto, o marco da aparição do termo exclusão social, conforme Bulla (2004) aparece na literatura política e social na França no início dos anos 70, o livro *Les Exclus*, do sociólogo francês René Lenoir, publicado em 1974, o qual denunciava os esquecidos do progresso: prisioneiros, doentes mentais, deficientes, idosos, entre outros. Através de Lenoir, deu-se lugar ao debate sobre a exclusão,

⁷ Poder-se-ia tomar o exemplo do "Século de Ouro" espanhol, que, graça à santa aliança da Inquisição e de uma monarquia particularmente forte, representa sem duvida, para a Europa, o modelo mais acabado de uma sociedade de exclusão. O período é enquadrado por duas medidas massivas, a expulsão dos judeus em 1592 e a dos descendentes dos conquistadores muçulmanos, os Mouros, em 1606. Mas, nesse intervalo de tempo ocorreram outras formas de repressão religiosa, política e moral. Essas medidas concorreram para manter a Espanha, por longo tempo, no imobilismo e no obscurantismo (Redondo e outros, 1983). [Nota do autor]

tendo assim ampliada a reflexão no sentido de sua consideração, como um fenômeno social, buscando sua origem nos princípios do funcionamento das sociedades modernas, os processos de urbanização desordenada, a inadaptação e padronização do sistema escolar; de mobilidade profissional causando a desigualdade de renda e o acesso aos bens públicos que cada vez mais abrangiam todas as camadas sociais.

Segundo Furtado et al:

Desse modo, a ambigüidade e abrangência do conceito de exclusão social que fazem dele um *mot valise*⁸ como salientam Edgar Morin e Robert Castel, fazem com que seja amplamente utilizado para destacar o papel de fatores sociais e processos institucionais que levam a pobreza e a privação, e principalmente a injustiça social. Além disso, a noção de exclusão social transfere a responsabilidade pelas circunstâncias adversas do plano individual para processos sociais e institucionais que, ao imporem obstáculos ao desenvolvimento de determinados indivíduos e grupos sociais, restringem seu acesso à plena participação na vida social, econômica, cultural e política da sociedade (2004, p.17-18) [grifo dos autores].

A exclusão do mercado de trabalho para Bulla (2004) é a primeira manifestação de exclusão social desse ponto de vista, a noção de exclusão social não pode ser identificada como um fenômeno novo no capitalismo. Assim, o conceito de exclusão social adquiriu nova visibilidade quando ocorre uma recessão econômica motivada pela política neoliberal⁹ que é globalizante, a partir da segunda metade da década de 70, com a instauração da flexibilização produtiva, a precarização das relações de trabalho e a progressiva perda de direitos sociais conquistados.

A exclusão se manifesta pela perda do lugar conquistado na responsabilidade pública social e pela discriminação, quando não respeitado o direito à diferença. A

⁸ Literalmente “mala” ou “valise”, ou seja, um conceito que é usado para fazer referência a uma série de situações diversas. [nota dos autores]

⁹ Galvão apud Cruanhes (2000, p. 91) afirma que o mercado é o centro da prática neoliberal e conseqüentemente o consumo. Afirma o autor que: “O neoliberalismo defende a liberdade de mercado (*laissez-faire*) e a abertura de fronteiras (*laissez-passer*), acima das liberdades políticas e dos direitos sociais. Dá-se ênfase à competitividade, aos grupos econômicos, às privatizações e à abertura dos mercados mundiais. [grifo do autor]

idéia de exclusão social se constitui no contraponto da concepção de universalidade e dos direitos sociais, configura-se como negação da cidadania.

Nesse sentido, para Bulla, excluídos são:

[...] todos aqueles que são rejeitados de nossos mercados materiais ou simbólicos, de nossos valores. Logo, os excluídos não são simplesmente aqueles rejeitados física, geográfica e materialmente, ou os alijados do mercado de trabalho que não têm acesso a bens e serviços, mas são também aqueles cujos valores não são reconhecidos socialmente, logo são excluídos culturalmente (2004, p. 41).

Pode-se dividir as dimensões da exclusão social em três: a econômica, a sócio-cultural e a política. A econômica refere-se ao desemprego e a precarização crescente das relações de trabalho, que provocam processos de desfiliação, ou seja, de não integração ao mundo do trabalho, trazendo conseqüentemente uma ruptura progressiva da inserção social.

Castel afirma que:

Na maior parte dos casos, "o excluído" é de fato um *desfiliado*¹⁰ cuja trajetória é feita de uma série de rupturas em relação a estados de equilíbrio anteriores mais ou menos estáveis, ou instáveis (2004, p.24) [grifo do autor].

Na sociedade salarial, a situação de emprego desempenha forte papel integrador que incide sobre a identidade do sujeito. O desemprego, além da restrição a bens e serviços, traz o sentimento de inutilidade, de incapacidade pessoal, da falta de um lugar digno na sociedade.

Para Adriana Furtado et al:

A exclusão econômica é produzida pela não inserção no mercado de trabalho ou por uma inserção precária, implicando em dificuldades de

¹⁰ A expressão "*desaffilié*" é um neologismo na língua francesa. O termo vem sendo traduzido por desfiliação e/ou desafiliação, termos também inexistentes na língua portuguesa [Nota das tradutoras].

acesso à propriedade, capital, educação, capacitação profissional e emprego. Isso resulta na existência de unidades domiciliares cujos rendimentos mostram-se insuficientes à sobrevivência do grupo familiar (2004, p.18-19).

A dimensão sócio-cultural refere-se à participação nas redes primárias, instituições e organizações, além da participação na constituição de normas e valores socialmente aceitos como válidos. O imaginário social associa a situação de pobreza ou desemprego à marginalidade e violência, criando assim situações de discriminação. Inclui-se nessa dimensão a discriminação por gênero, etnia, religião, ou ainda, a não aceitação de valores diferenciados, idéias e modos de vida.

Furtado et al, afirmam que:

A exclusão cultural consiste na inexistência, precariedade ou ruptura das relações sociais primárias (família, vizinhança, bairro) impedindo a geração ou preservação do capital social¹¹, que poderia amenizar as dificuldades de sobrevivência dos mais pobres (2004, p. 19).

Os excluídos, na visão de Bulla (2004), muitas vezes, são reprimidos e rechaçados da família, da escola, da comunidade, sentindo-se fracassados e inferiorizados. Exclusão não é sinônimo de inexistência de relação social, mas a privação de participação nos espaços sociais legitimados.

A dimensão política é vinculada à cidadania, diz respeito ao acesso aos direitos civis como igualdade, proteção, justiça, entre outros; políticos: tomada de decisões, participação; sociais: garantia a bens e serviços básicos, proteção social, saúde, habitação, educação, entre outros. Neste contexto, é preciso estar atento para a necessidade de que se tenha tratamentos diferenciados no enfrentamento dos múltiplos processos de exclusão social.

A exclusão política funda-se na dificuldade encontrada pelos segmentos pobres da população em manter uma organização

¹¹ Por capital social entende-se as relações de familiaridade e confiança e o compartilhamento de normas e valores que permitem o desenvolvimento da solidariedade e cooperação, potencializando a busca do bem comum e o manejo de situações de risco como a pobreza. [nota dos autores]

mínima que lhes permita participar dos processos de tomada de decisões que afetam as suas condições de vida e desenvolvimento, o que resulta em prejuízos à sua qualidade de vida e inserção no mundo social (FURTADO et al, 2004, p. 19).

A desqualificação social, associada ao processo de exclusão, está ligada a fracassos e contínuas perdas de integração. A desqualificação social interfere nas relações com o outro, incitando o fechamento sobre si mesmo. Mesmo as relações na própria família são afetadas. À desqualificação profissional soma-se a desintegração familiar. Tais situações levam a pessoa que se encontra em situação de exclusão a perder rapidamente suas principais referências e ela passa a viver uma profunda crise de identidade.

Portanto, a exclusão deve ser contextualizada no tempo e no espaço onde ocorre, pelo fato de se tratar de um fenômeno histórico, socialmente constituído. Não se pode trabalhar com a noção de exclusão social em países ditos de capitalismo avançado, sem verificar as transformações no mundo do trabalho e suas implicações sobre a redução do sistema de proteção social, a emergência do desemprego e a precarização das relações de trabalho como problemas centrais dessas sociedades. É nesse contexto que se verifica os desempregados de longa duração e os jovens que não conseguem fazer parte do mercado produtivo por serem, na grande maioria, despreparados.

Cumprе assinalar, segundo Abramovay et al (2000), que muitos comprometem seus estudos, abandonando-os para trabalhar, o que pode levar ao comprometimento de sua formação e capacitação profissional. Fica evidente a ocorrência da defasagem do ensino formal frente às exigências do mercado que busca em seus colaboradores habilidades e conhecimentos, assim, constitui-se em uma fonte de vulnerabilidade. Em pesquisa realizada nas escolas que tiveram implantado o Programa de Paz¹² na cidade do Rio de Janeiro em 2000, segundo Abramovay et al (2001), ficou demonstrado que outras dificuldades são encontradas

¹² A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, em conjunto com o Governo do Estado do Rio de Janeiro, tendo como referência a avaliação dos resultados da implantação do Programa Escolas de Paz no Estado do Rio de Janeiro, executado em parceria com a Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO, basearam-se em informações referente a 31 estabelecimentos localizados em 16 municípios da área metropolitana do Rio de Janeiro e 58 localizadas em 56 municípios do interior do Estado contemplando 80% dos estabelecimentos fluminenses. (Abramovay et al, p. 11-33, 2001)

pelos jovens para conseguir o primeiro emprego como o local onde mora, que não pode ser “violento”, além da considerada “boa aparência”, a qual é dada preferência para os que possuem corpo esbelto e pele clara, fatores estes que vem dificultar o ingresso dos jovens que residem na periferia aos melhores postos de trabalho.

É fundamental distinguir entre as concepções de exclusão social e de pobreza, embora elas se encontrem associadas. Enquanto a pobreza, absoluta ou relativa, constitui uma categoria que pode ser aferida quantitativamente e que está relacionada à capacidade aquisitiva, de carência de acesso a bens e serviços, a exclusão social, embora muitas vezes associada à pobreza, inclui outras condições comportamentais e culturais que não se referem tão somente à capacidade de não retenção de bens. A noção de exclusão alcança valores culturais, discriminações, perda de vínculos, desgaste das relações de convívio que, necessariamente, não passam pela pobreza.

De acordo com Estivill:

O termo pobreza deriva de pobre que, como nas outras línguas latinas, encontra a sua origem no adjetivo pauper-eris. Através dos 1.044 documentos do Arquivo Histórico da Real Academia espanhola, estudaram-se [...] as diferentes funções e acepções desta palavra. Em 37 por cento dos casos é-lhe atribuída uma função substantiva que identifica aquelas pessoas que carecem de bens materiais. Em 13 por cento dos casos, o substantivo «pobre» é utilizado como oposição a rico e em 4 por cento dos casos as palavras são associadas no plural, «ricos e pobres», mostrando assim que esta antítese tem um valor totalizador, do qual deriva a universalidade da variável riqueza-pobreza como elemento de caracterização social (2003, p. 5).

Para Lopes (2006), a concepção de "exclusão social":

Costuma ser relacionada a um plano de causalidade complexo e multidimensional, diferenciando-se da concepção de pobreza, sobretudo porque aquela é uma condição produzida na emergência do neoliberalismo, caracterizada pela estratégia de sobredeterminação constante dos termos que fundam e reproduzem os jogos contemporâneos entre mercado, trabalho, Estados, poder e desejos (p. 74).

Ainda segundo o autor a pobreza “é um desdobramento das relações históricas e estruturais de oposição entre os interesses de classes, portanto, um fenômeno econômico que se configura na questão social derivada das relações capital x trabalho” (LOPES, 2006 p. 74-75) afirma ainda que a "exclusão social" tem por característica um conjunto de fenômenos que se configuram nas relações sociais contemporâneas como desemprego estrutural, precarização do trabalho, desqualificação social, desagregação identitária, população de rua, fome, violência, falta de acesso a bens e serviços, segurança, justiça, cidadania, entre outras características que compõem a exclusão social.

Na visão de Castel (2000), os maiores contingentes de excluídos estão presentes nas periferias sendo que tem por características o desemprego e o “isolamento social”.

Dupas (2001), em seu “Economia Global e Exclusão Social”, afirma que:

[...] a pobreza - entendida como a incapacidade de satisfazer necessidades básicas - deve ser o foco da definição de exclusão social em países que não possuem um Estado de bem-estar social garantindo minimamente a sobrevivência de seus cidadãos (p. 24).

Certamente as linhas de pobreza incluem mais do que simplesmente alimentos. Envolvem moradia, saneamento, educação, segurança, justiça e cidadania.

De acordo com Dupas (2001), o Estado contemporâneo não se sente responsável pelo pleno emprego como tinha em outras épocas, por meta, a eliminação deste. As corporações transnacionais que definem os vetores tecnológicos que parametrizam a empregar habilidade, também consideram não ter tal responsabilidade. Cada um deve buscar descobrir sua oportunidade, correr seus próprios riscos. Estando na periferia do capitalismo mundial, deve buscar, por conta e risco, seu lugar no mercado informal, inventar seu emprego.

Os grandes países que fazem parte da periferia do capitalismo estão preocupados com o atual nível de violência de suas sociedades. A causa principal desta violência sofrida pela sociedade nos grandes países está nas tensões geradas

pela crescente concentração de renda e exclusão social dos enormes contingentes populacionais urbanos.

Nesse contexto, os chamados grupos perigosos, de marginais, estão em boa parte constituídos por jovens desesperançados e sem perspectivas, desenraizados entre a infância e o final da adolescência, não existem mais limites para seu comportamento. A violência passa a ser regra de conduta.

A vulnerabilidade associada com a desigualdade social e a segregação juvenil, de acordo com Abramovay et al (2002), são percebidas como produto de sistemas sociais, relacionadas a desigualdades de “na educação e no mercado de trabalho, de ausência de oportunidades de lazer, formação ética e cultural em valores de solidariedade e de cultura de paz e de distanciamento dos modelos que vinculam esforços a êxitos” (p. 56). Esses fatores mantêm os jovens à margem da participação social deixando-os sob as influências da formação das ruas, muitas vezes, são atraídos pelo crime, seus símbolos e práticas autoritárias e todo o seu protagonismo negativo. Assim, a violência manifesta-se através das desigualdades sociais e a negação ao acesso ao lazer, esporte e cultura.

Cumprir assinalar que as últimas décadas do século XX foram marcadas, de forma acentuada, pela globalização e o avanço tecnológico em diferentes sociedades, acarretando grandes transformações especialmente na questão do trabalho. Através deste processo, tem ocorrido um aumento no índice de desemprego, sucateamento do sistema de atendimento social e desprezo pelos direitos sociais e trabalhistas. Neste contexto, ressurgem antigas formas de busca pela sobrevivência como o trabalho familiar, a exploração do trabalho infantil, e até uma das formas mais desumanas, que é o trabalho escravo, que se acreditava superado pelas conquistas sociais e lutas operárias.

A mundialização dos mercados, que é encoberta pela ideologia da globalização, gerou a exclusão daqueles que não participam do jogo promovido e estruturado na idéia de que quanto menos controle melhor, ou de que não há o que fazer, frente à globalização, como fato inexorável.

Em países desenvolvidos, essa população está entre 13 a 15%. Em países emergentes, como Brasil e México, está em torno de 50%. Em países subdesenvolvidos, como os africanos ou andinos, está entre 80 a 90% (LOPES, 2006, p. 81).

A abordagem da exclusão social é multidimensional, relaciona-se com as desigualdades econômicas, política, cultural e étnica, entre outras. Portanto, as questões centrais que envolvem o futuro das relações entre a sociedade e os Estados nacionais, terão a ver com a capacidade desses Estados de assumir eficientemente um novo papel indutor-normativo-regulador, paralelamente em que essas sociedades consigam encontrar alternativas de como lidar com a tendência de crescente exclusão social, motivado pelo atual modelo econômico global.

Nesse sentido, afirma Castel:

A mundialização, que marca de forma acentuada os processos em curso nas diferentes sociedades de nossa época, tem sido acompanhada por grandes transformações, especialmente no mundo do trabalho [...] A questão social, hoje, coloca-se basicamente a partir da produção e distribuição de riquezas. Traduz-se pela erosão dos sistemas sociais. Entretanto, os países do bloco não desenvolvido enfrentam um desafio adicional: devem promover as mudanças e administrar os impactos da mundialização, com ética e responsabilidade. De outra forma, não haverá como inserir-se no processo de modo satisfatório. Nesses países, uma das grandes dificuldades para tal inserção é dada pela exclusão de grandes setores da população de maneira estrutural [...] (2000, p. 7-8).

Nesse sentido, observa-se que o sistema público apresenta deficiências nos serviços sociais, por exemplo, nas áreas de previdência, saúde, educação, saneamento básico, construção de moradias populares e cuidados com o meio ambiente, entre outros.

Para Castel (2004), a desagregação ou degradação da função integradora do trabalho na sociedade, numa sociedade salarial, na desmontagem do sistema de proteções, nas garantias vinculadas ao emprego e na desestabilização da ordem do trabalho repercute em diferentes setores da vida social. Ocorrem situações em que trabalhadores, antes inseridos, perdem seus empregos ou são considerados velhos para serem atualizados; são oferecidos empregos temporários em condições precárias, em especial para os jovens, que enfrentam o desemprego precoce e os que não conseguem emprego, os que não têm lugar na sociedade, que não são integrados, e talvez não estejam integrados no sentido atribuído por Durkheim "[...]

estar integrado é estar inserido em relações de utilidade social, relações de interdependência com o conjunto da sociedade" (apud CASTEL, 2004, p. 254).

Os denominados excluídos abrangem contingentes populacionais cada vez maiores, os quais no mundo globalizado são desnecessários à produção e, conseqüentemente, não conseguem participar do mercado como consumidores. Castel (2004) destaca a diferença entre os trabalhadores atuais e os da sociedade industrial, os últimos eram explorados, mas, ao mesmo tempo, eram indispensáveis à produção, o que lhes assegurava proteções e garantias na sociedade salarial.

A exclusão social no Brasil, analisada sob a perspectiva histórica segundo Bulla (2004), leva a verificar que a formação social brasileira se apresenta como um complexo de formas econômicas no qual se articulam e convivem juntamente as mais variadas situações. O presente Brasil capitalista, globalizado, industrializado e urbano convive com a economia primária exportadora, com o extrativismo e com a forte herança escravista. O Brasil moderno, ao tempo que se desenvolve e diversifica, preserva e recria traços e marcas do passado recente e remoto, nesta e naquela região.

São indicadores dessa desigualdade, segundo Mercadante (2003), os fatos de que, no Brasil, 64% da renda total do país é controlada pelos 20% mais ricos da população, enquanto que os 20% mais pobres sobrevivem com 2,5% dela. Conforme Sposati (2004), no contexto de desigualdade econômica e social, como é o caso brasileiro, busca-se subordinação das políticas sociais através da regulação econômica neoliberal e ao monetarismo, desta forma, são gerados programas oficiais que transferem renda, a qual não tem seu ingresso na esfera dos direitos sociais. Nesse sentido, os processos informatizados substituem as relações socioeducativa e humana, tendo como justificativa impedir mecanismos que favoreçam a cultura política dos coronéis e patrimonialista. A autora refere-se a este processo como "asepsia relacional" a qual substitui o padrão social pela operação financeira, considerando que a partir do momento em que o indivíduo tenha dinheiro fará a escolha adequada de oportunidades no mercado. Certamente não é levada em consideração a seletividade direcionada aos indigentes, a extrema pobreza, aos quais as necessidades exigem desde "acessos sociais, acessos urbanos, ofertas intersetoriais, oferta de emprego, saúde, apoios familiares, transporte, endereço" (SPOSATI, 2004, p.181), entre outras necessidades não supridas pela "ajuda financeira" muitas vezes indisponível no local em que vivem. Este sistema neoliberal

é responsável por restringir o social do monetário, considera que o enfrentamento da exclusão social vai além de financiamentos da esfera governamental sendo que o foco central reside no distanciamento das gestões em relação aos direitos social e democrático.

Os direitos sociais no Brasil traduzem-se em políticas e programas que se dirigem a dois públicos: os cidadãos e os pobres. Os cidadãos são aqueles que têm um sistema de proteção social por contribuírem para ele. Os pobres são os que, por não apresentarem capacidade contributiva, uma vez que nem sequer apresentam capacidade de garantia de sobrevivência, são alvos de políticas e programas sociais de caráter filantrópico.

Sob este viés, são múltiplas as formas de exclusão social que afetam o conjunto da sociedade, num período marcado por graves crises econômicas, políticas e sociais. Portanto, a questão social vai além do desemprego motivado por mudanças tecnológicas, ela abrange a quebra de direitos sociais que foram historicamente construídos.

O trabalho infantil ou precoce, até mesmo aquele considerado de ajuda a adultos, trabalho de rua e o trabalho doméstico, mesmo os motivados por situações de extrema pobreza, fazem parte da maioria destas populações de periferia no seu dia a dia, muitas vezes levando-as a uma posição de marginalidade, como os meninos e meninas de rua que agem nos semáforos, comercializando todo e que qualquer tipo de "produtos" e "serviços", as crianças utilizadas como mensageiras do tráfico de drogas, dentre outras atividades. Estas são descartadas pela economia capitalista, encontram-se simbolicamente estigmatizados pela inutilidade ou irrelevância.

Face ao exposto, cabe dar relevo a depoimentos obtidos em pesquisa realizada pela UNESCO no Brasil relativo ao público jovem em atividades informais, as condições precárias nas relações de trabalho, a vulnerabilidade e as explorações, grupo focal com educadores na cidade do Rio de Janeiro:

[...] São engraxates, fazem pequenos bicos, pequenas entregas, fazem montagens de algumas coisas, alguma pintura, qualquer atividade de baixo conhecimento que eles possam fazer. Vão ali ajudar ao pai fazer trabalhos de pedreiras, então vão capinar alguma coisa, então eles fazem pequenas atividades, são flanelinhas, vão vigiar carros. Alguns, aqueles que tem um pouco de sorte, vão ser

contínuos, mas a grande maioria está neste eixo de atividade do mercado informal, não tem carteira assinada, não sabem seus direitos, são explorados.

Eles estão esmolando, vendendo em feiras livres, que já são tradicionais, mercados e, nos finais de semana, também nas praias. E de noite encontra-se muita criança também vendendo na rua. No mercado formal nós não temos jovens, dessa clientela na nossa, não. (Castro et. al apud Abramovay et al, 2002, p. 50). [grifo dos autores]

A escola é responsável pela formação de capital social e cultural contribuindo para a autonomia e proporcionando espaço para socialização entre os jovens. No entanto, verifica-se um quadro de precariedade e desigualdades na educação brasileira conforme ilustra a Síntese dos Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2005-a), em 2003, revela que a defasagem escolar é significativa em todas as regiões do Brasil. Chega a 6,5 anos a diferença de estudo entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres. A maior escolaridade de estudantes está presente nas famílias que têm maior rendimento, sendo este um dos fatores que exercem maior interferência na escolarização. O fluxo escolar dos estudantes brasileiros apresenta um grande atraso, 20,4% dos estudantes entre 18 a 24 anos de idade ainda cursavam o ensino fundamental, quase 42% estavam no ensino médio.

No ensino fundamental, obrigatório, a defasagem idade-série também é elevada, chegando a 64% dos estudantes de 14 anos de idade. A média de anos de estudo em 2003 era de 6,4 anos, sob este aspecto observa-se que o brasileiro médio não concluiu o ensino fundamental, que para tanto é necessário 8 anos de estudo. Relata ainda o Instituto que esse nível foi atingido, em média, por pessoas de 18 a 24 anos de idade, sendo que este cai para 6,3 anos entre as pessoas com 25 anos ou mais de idade.

Ainda segundo o Instituto, o nível de instrução da população brasileira adulta, com 25 anos ou mais de idade, é afetado pelo rendimento familiar, ou seja, quanto mais baixo menor a escolaridade. Aproximadamente 1/3 da população adulta, em 2003, tinha menos de quatro anos de estudo, podendo ser considerados analfabetos funcionais. A taxa de escolarização no grupo de 4 a 6 anos de idade representava 60,8% para o grupo de crianças das famílias menos favorecidas e 94,6% para o grupo das crianças de famílias com melhores rendimentos. Na faixa etária de 7 a 14,

a freqüência escolar é considerada praticamente universalizada. Na faixa de 15 a 17 anos, ensino médio, nas camadas mais pobres possuíam uma taxa de 75,8% de escolarização, já nas camadas mais favorecidas 98,3% freqüentavam a escola, em 2003. Neste mesmo ano, no Brasil, havia 5,1 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade trabalhando no Brasil. Na faixa etária de 5 a 13 anos, havia 1,3 milhão de crianças ocupadas, sendo que o rendimento familiar de quase a metade dessas crianças era de até meio salário mínimo. Dessas crianças e adolescentes ocupados, constatou-se que 38% não eram remuneradas pelo seu trabalho.

Além do abandono escolar, o atraso escolar, em 2003, motivado pelo trabalho entre crianças e adolescentes, atingia 67% dos estudantes de 10 a 17 anos ocupados. O contingente de crianças e adolescentes com até 14 anos de idade em relação a população, em 2003, era 27,2%.

Cumpra assinalar, segundo Cruanhes (2000), que é fundamental que ocorra uma melhora na situação da educação dos brasileiros como uma maneira eficiente de crescimento e aperfeiçoamento da distribuição de renda no Brasil. Considera-se que um dos maiores problemas da desigualdade brasileira é motivado pelas grandes diferenças educacionais que são responsáveis pelos grandes abismos salariais. Educação e cidadania são indissociáveis, possibilitam lutar e exigir os direitos bem como cumprir os deveres como cidadãos. Neste contexto, observa-se a necessidade de políticas de inclusão social que democratizem o acesso à educação e à permanência na escola com qualidade.

Michelle Perrot (1988), no seu *Os Excluídos da História*, refere-se a um grupo de jovens marginalizados do final do século XIX em Paris, os "Apaches", formados em sua grande maioria por jovens entre 14 e 20 anos, fugitivos dos bancos escolares, habitando as regiões periféricas da cidade, sendo transgressores sociais. A esta juventude foi negada a possibilidade de identificar-se como grupo e como indivíduo, sendo sua entrada no mercado de trabalho conturbada. Estes jovens acabaram por sofrer, de certa forma, a mais perversa das exclusões quando foram enviados para o front, na Primeira Guerra Mundial.

1.2 UMA BREVE HISTÓRIA SOCIAL DO ESPORTE

Esporte é um termo, segundo Tubino (1999), que tem sua origem no século XIV. As expressões eram usadas por marinheiros, "fazer esporte", "desportar-se" ou "sair do porto" para identificar as atividades de lazer que envolviam habilidades físicas. Relata o autor que o esporte através de seus estudiosos e adeptos, tem procurado tornar-se uma ciência, sendo mais bem aceito nas comunidades internacionais científicas e esportivas como uma ciência de esporte que "[...] compreende a medicina, a psicologia, a sociologia e a biomecânica esportivas, a história, a filosofia e a pedagogia do esporte e quaisquer outros campos de conhecimento humano que apresentem conexões científicas com os fatos esportivos" (1999, p.10).

Considera que antes do surgimento do esporte na Pré-História, os homens primitivos utilizavam-se de exercícios físicos como saltar, lançar, atacar e defender para que pudessem sobreviver. O homem quando deixou de ser nômade passou a utilizar as atividades físicas para defender suas plantações e seus próprios alimentos. Na Antiguidade, a principal manifestação do esporte foram os Jogos Olímpicos realizados em Olímpia a cada quatro anos e foram disputados 293 vezes entre 776 a.C. a 394 d.C.

Segundo Tubino (1999), o esporte moderno aparece no século XX, na Inglaterra, concebido por Thomas Arnold. Arnold, entre os anos de 1928 e 1942, quando dirigia o Colégio Rugby, incorporou as atividades físicas praticadas pelos burgueses e aristocratas ingleses ao processo educativo, estimulou os alunos a dirigirem os jogos e a criarem novas regras e códigos, sob a atmosfera de *fair-play*, que significava a atitude cavalheiresca em disputas esportivas, devendo ser respeitadas regras, códigos, adversários e os árbitros. Conforme Bourdieu "O **fair play** é a maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que é um jogo [...]" (1983, p. 139) [grifo do autor]. Tais regras passaram a ser amplamente difundidas para a população inglesa. Com o tempo, tornou-se necessário criar entidades coordenadoras das disputas, surgindo, assim, federações e clubes.

Para Damo:

A invenção dos esportes modernos pode ser considerada uma dupla institucionalização dos antigos jogos populares. A primeira, marcada pela convergência dos jogos para as cortes e instituições escolares, especialmente para as *Public Schools*, foi lenta, gradativa e produziu mudanças não apenas em temas de significado e função, mas também na forma como tais jogos passaram a ser praticados: em geral, menos violentos, mais disciplinados, regrados e, por isso mesmo, distintos entre si. Nessa primeira institucionalização, os jogos assumiram as conotações da corte ou das escolas freqüentadas pela nobreza e alta burguesia. A segunda institucionalização, caracterizada pela difusão dos esportes desde o contexto das cortes e das *Public Schools* para os clubes, associações e ligas independentes, foi extremamente rápida e de acordo com as mudanças no seio mais amplo da sociedade inglesa da segunda metade do século XIX. Forjou-se a institucionalização de códigos, valores e atitudes em nome dos quais as disputas foram incrementadas, de tal forma que os esportes se tornaram uma arena privilegiada para a representação mimética das diferenças socioculturais, especialmente aqueles de natureza coletiva (2002, p. 23) [grifo do autor].

Tubino (1999) relata que Pièrre Coubertin em 1892 deu início ao movimento de restauração dos Jogos Olímpicos, baseado nas Olimpíadas da Antigüidade. Os primeiros Jogos Olímpicos modernos foram realizados em 1896, em Atenas, com a participação de 285 atletas. Consolidando-se desta forma o *fair-play*. Outra importante contribuição para o esporte moderno que até o final do século XIX era praticado, de modo geral, apenas o atletismo, o remo, o futebol e a natação foi a ação da Associação Cristã de Moços (ACM) que incentivou nos Estados Unidos os esportes coletivos como o basquete e o vôlei.

Na década de 1930, segundo Tubino (1999), o esporte por ser de grande apelo popular foi usado por Hitler como instrumento político e ideológico. O ditador organizou os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim visando que este ato internacional demonstrasse a supremacia da raça ariana sobre as demais. No entanto, seu intento nazista foi frustrado pelo americano Jesse Owens, um atleta negro que conquistou quatro medalhas de ouro.

Após a Segunda Guerra Mundial, através da Guerra Fria, o esporte passou a ser disputado entre o capitalismo e o socialismo, os quais desenvolveram fortes

estruturas com o objetivo de alcançarem vitórias esportivas internacionais, as quais eram utilizados na propaganda ideológica para demonstrar superioridade dos regimes políticos, contrariando os ideais do *fair-play*. Tal disputa no campo ideológico-político, iniciado a partir de 1950, comprova-se através do

[...] ingresso da União Soviética nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, os crescentes investimentos efetuados na área do esporte de rendimento, principalmente pelos Estados Unidos, e as fortes estruturas esportivas montadas nos países socialistas, onde a qualidade e a excelência do esporte eram obtidas em função da quantidade de praticantes (TUBINO, 1999, p. 22).

As expressões políticas nos eventos esportivos, conforme ressalta Tubino (1999), tornaram-se agravadas em especial nas Olimpíadas, como em 1968 com a contestação do movimento Black Power nos Jogos Olímpicos do México, em 1972 com o atentado contra atletas israelense pelo grupo terrorista Setembro Negro nas Olimpíadas de Munique.

Para Tubino (1999), após a crise do esporte por seu envolvimento político; este readquire vigor através do crescimento dos meios de comunicação de massa, o crescimento de ídolos esportivos, a venda de produtos e serviços bem sucedida levaram os investidores voltarem sua atenção para os eventos esportivos, sob o ponto de vista comercial. Atualmente, grandes empresas patrocinam atletas e equipes de competições, são expostas propagandas nos locais das competições, nos uniformes e equipamentos. É destinado um considerável espaço na mídia para comentários, transmissões, noticiários sobre esporte. A mídia tem maiores interesses em divulgar aqueles esportes que proporcionam maior retorno comercial como o futebol.

Um dos principais documentos internacionais que influenciaram a reconceituação do esporte foi o Manifesto Mundial do Esporte de 1964, conforme Tubino (2001), editado pelo *Conseil Internationale d'Éducation Physique et Sport* (CIEPS), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. Este documento reconheceu que, além do esporte, do rendimento, também havia um esporte na escola e um esporte do tempo livre, como um direito de todos. Após esta manifestação, outros manifestos filosóficos surgiram.

Em 1978, a UNESCO publicou a Carta Internacional de Educação Física e Desportos consolidando a discussão internacional que ocorreria sobre o esporte, tornando-se assim um marco lançando a perspectiva do direito à prática esportiva, assim, o alcance do esporte foi ampliado junto à população

[...] passando a ser praticado também por portadores de deficiências e idosos. Atualmente, o número de pessoas idosas ou portadoras de deficiências que têm o hábito de praticar esportes aumentou muito em todas as manifestações esportivas. Hoje em dia, multiplicam-se as competições da chamada categoria masters, para idades mais avançadas, e as competições adaptadas para deficientes. Após os Jogos Olímpicos, acontecem os Jogos Para-olímpicos, cujos participantes são atletas que apresentam algum tipo de deficiência.

Conforme Tubino (2005), a forma de exercer o direito ao esporte passaram a ser o Esporte-Educação, o Esporte-Lazer e o Esporte de Desempenho. O Esporte-Educação tem por princípios sócio-educativos a participação, cooperação, co-educação, co-responsabilidade, a inclusão, o desenvolvimento esportivo e o desenvolvimento do espírito esportivo; o Esporte-Lazer, o princípio do prazer; e o Esporte de Desempenho, os princípios da superação. A Ética do Esporte deve estar fundamentada na convivência humana e estar presente em todas as dimensões esportivas.

Após a ampliação do conceito, do esporte um conjunto maior de aspectos socialmente relevantes passou a ser oferecido. Os significados sociais que passaram a envolver o esporte são os seguintes:

- a) meio de socialização;
- b) favorecimento, através da atividade coletiva, do desenvolvimento da consciência comunitária;
- c) atividade de prazer;
- d) exercício da função de coesão social;
- e) desempenho de um papel de compensação, pelo prazer, contra o excesso de industrialização.
- f) instrumento de equilíbrio social.

O jogo esportivo é aquele que assume característica de esportivização, geralmente conhecido como esporte coletivo, embora existam algumas exceções como o atletismo, a natação ou a ginástica olímpica. Estes fazem parte dos jogos olímpicos, ou estão buscando fazer parte deste para que venham a fazer parte do processo de reconhecimento enquanto esporte. As entidades organizadas dos jogos esportivos têm seus elementos bem definidos, padronizados e institucionalizados, buscam a universalidade mantendo regras determinadas com rigor as quais só podem ser alteradas pelas entidades que organizam tais jogos esportivos.

O jogo, na sua perspectiva sócio-cultural, é uma atividade voluntária que tem sua execução dentro de limites de tempo e lugar, com regras aceitas, que devem ser seguidas, com um sentido de tensão e alegria. No jogo esportivo, as condutas sociais dos participantes estarão orientadas na dependência da lógica interna de cada esporte. Portanto, internalizada numa modalidade de esporte, estará representada uma sociedade em miniatura, contendo intensas experiências de condutas e comunicações humanas, onde se apresentam problemas sociais com relação às percepções e decisões, situados nas interações do plano do poder, das iniciativas individuais com os sistemas de obrigações coletivas.

Para Huizinga, no seu *Homo Ludens*,

Reina, dentro do domínio do jogo, uma ordem específica e absoluta. E aqui chegamos a sua outra característica, mais positiva ainda: ele cria ordem e é ordem. Introduce, na confusão da vida e na imperfeição do mundo, uma perfeição temporária e limitada [...] (1996, p. 13).

Ainda segundo o autor, certas características essenciais do jogo podem ser resumidas como:

uma atividade livre, conscientemente tomada como 'não – séria' e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. (HUIZINGA, 1996, p. 16).

O jogo, para Huizinga (1996), é considerado como um elemento cultural que possui uma realidade autônoma, desenvolve suas características e atende a funções previamente estabelecidas num universo não material.

Segundo o autor:

Todo jogo se processa e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. Tal como não há diferença formal entre o jogo e o culto, do mesmo modo o "lugar sagrado" não pode ser formalmente distinguido do terreno do jogo. A arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal etc., têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial. (p.13)

À educação, que tem fim eminentemente social, ao compreender o esporte como manifestação educacional, vincula-se a três áreas de atuação pedagógica:

- a de integração social;
- a de desenvolvimento psicomotor;
- a das atividades físicas educativas.

Na área de integração social, deve-se buscar assegurar uma participação autêntica, acrescida e uma possibilidade crescente de intervir nas atividades do esporte extra-escolar visando que este chegue até a comunidade em que se situa o ambiente escolar. Na área de desenvolvimento psicomotor, poderão ser oferecidas as oportunidades de participações que atendam principalmente às necessidades de movimento, situações de juízo crítico, auto-avaliação, sendo livre de discriminações de qualquer tipo. Na área das atividades físicas educativas, a orientação poderá ser direcionada para as concretizações das aptidões em capacidades.

O esporte na escola pode ser um dos meios mais importantes de formação dos jovens, a prática esportiva como educação social será indispensável no desenvolvimento da personalidade e imponderável nos processos de emancipação.

A dimensão social do esporte-participação com o princípio do prazer lúdico, como finalidade de bem-estar social dos seus praticantes tem relações íntimas com o lazer e o tempo livre. Esta manifestação, que ocorre em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária, de modo geral, comprometido com a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações de convivência entre as pessoas, oferece, ainda, oportunidades de liberdade a cada praticante, que tem participação voluntária.

Stigger (2002) em seu “Esporte, Lazer e Estilos de Vida”, ao referir que o esporte é de grande relevância na sociedade contemporânea, afirma que esta prática social está inserida em:

[...] várias instâncias da vida moderna, e a sua capacidade de trazer, em torno de si, um universo de significações capazes de mobilizar indivíduos de todos os lugares, extratos sociais, sexos, idades e posições ideológicas. Tal é sua importância enquanto fenômeno social e cultural hoje praticado em todo o mundo [...] (p. 2).

A prática do esporte vinculada como uma opção ao lazer amplia os vínculos sociais. Por não serem tediosas, as atividades esportivas oferecem a possibilidade de divertimento e entretenimento, valorizando o lazer. Stigger (2002) defende que as atividades esportivas no lazer vinculam-se não ao relaxamento, no sentido de descanso, mas à busca de um tipo de tensão que difere daquela que é proporcionada por atividades como o trabalho, ou seja, uma tensão agradável. A atividade esportiva no lazer seria uma oportunidade de desenvolvimento social e pessoal, sendo uma forma de enfrentar a realidade positivamente.

Parker (1978) em “A Sociologia do Lazer” relata uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, cuja amostragem de 585 meninos que freqüentavam a escola e praticavam esportes tiveram melhor aproveitamento do que os demais. Verificou-se, também, que alunos de quem não se esperava sucesso nos estudos tiveram melhor desempenho com a participação nos esportes.

As atividades esportivas como práticas lúdicas não significam conformismo e alienação, estas atividades incluem-se entre "formas socialmente disponíveis de mapear o mundo e encontrar lugar nele" (STIGGER, 2002, p. 229).

Para Parker (1978), desenvolver a personalidade é uma das funções do lazer, portanto, ocorre uma harmonização dos objetivos do lazer com a educação, a perspectiva do lazer deve ser vista não como o oposto ao trabalho e de tudo o que seja sério, mas como o seu colaborador. Bagrit (apud PARKER, 1978, p. 113) expressa essa idéia afirmando que "Todo o propósito do lazer é proporcionar às pessoas o ensejo de desenvolverem quaisquer talentos ou interesses que possam ter".

Nas palavras de Carlson (apud PARKER, 1978, p. 112-113):

Os objetivos da recreação e da educação não são pólos separados, pois ambos trabalham em prol do enriquecimento vital das pessoas. A aprendizagem é mais rápida e duradoura se for agradável e satisfatória em si mesma, e as melhores experiências educacionais aumentam uma natureza lúdica.

Conforme Dumazedier (1994), há grandes vantagens nas práticas das atividades de lazer pelos jovens, pode-se dizer que estas atividades permitem escolhas e conseqüentemente proporcionam aprender a escolher. Portanto, ocorre uma estimulação à iniciativa, favorecendo o desenvolvimento da autonomia. Sob este viés, os indivíduos passam a tomar parte, espontaneamente, da vida social.

O esporte popular tem o seu valor social ressaltado na participação e nas alianças ou parcerias desenvolvidas, assim fortalecendo os grupos e as comunidades, tornando-os ativos e com mais possibilidades de percepção do conceito de obrigação social, desta forma, tornam-se agentes do seu próprio destino.

Os programas de esporte popular com os melhores resultados positivos são aqueles nascidos nos grupos ou nas comunidades. Uma das faces do esporte-participação é a relativa à questão da participação, a qual é essencial em qualquer processo de democratização.

Outro aspecto social do esporte diz respeito às práticas esportivas de rendimento. Ao exigir uma organização complexa e investimentos, passa a ser responsabilidade da iniciativa privada. Tem como objetivos de novos êxitos esportivos a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, sob regras pré-estabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade, praticado principalmente pelos chamados talentos esportivos, o que o impede de ser

comprometido com os preceitos democráticos. É através da dimensão social que se propiciam os espetáculos esportivos onde podem ocorrer possibilidades sociais positivas e negativas.

Tubino (2001) ressalta que é no esporte de rendimento que a literatura de crítica ao esporte se manifesta, principalmente por aqueles que combatem o capitalismo, que consideram o esporte de competição sintoma evidente de um capitalismo exacerbado. No entanto, é possível encontrar um grande número de sintomas positivos que justificam uma relevância social no esporte-performance:

- a) o esporte de competição ou performance, como atividade cultural, será sempre um meio de progresso nacional e de intercâmbios internacionais;
- b) a organização esportiva comunitária não deixa de ser um fator de fortalecimento da sociedade (desde que tenha legitimidade);
- c) a existência do envolvimento de vários tipos de recursos humanos qualificados, provocam a existência de várias profissões de especialistas esportivos;
- d) a geração de uma indústria do esporte, promove até produtos de grande sofisticação, favorecendo o crescimento de mão-de-obra especializada;
- e) fator de geração de turismo;
- f) conceito fenômeno chamado efeito-imitação, exercendo grande influência no esporte popular.

Um aspecto ético relativo às práticas esportivas manifesta-se na noção de “espírito esportivo”. O espírito esportivo é formado pela aproximação da atitude ética e a atitude esportiva já considerada como fundamental na construção da nova ética esportiva. Embora de difícil definição, o espírito esportivo é de fácil percepção, sendo um código de atitudes, um respeito às normas derivadas de um código de ética, e ainda um comportamento moral para o meio esportivo.

Na visão de Tubino:

[...] o espírito esportivo conduz à disciplina, ao respeito ao adversário, à solidariedade, à tolerância, à liberdade e à democracia, deixa a possibilidade de estender-se este seu entendimento ao conceito mais amplo de esporte, compreendendo desde escolar até o talento esportivo, passando pelo direito de todos às práticas esportivas (2001 p. 62).

A história do esporte, conforme Bourdieu (1983), é relativamente autônoma tendo seu próprio tempo, suas leis de evolução, suas próprias crises, mesmo estando articulada com os acontecimentos da história econômica e política. Sendo a instituição esportiva, ao mesmo tempo produto e produtora da modernidade, é relativamente autônoma, conformando códigos, regras, valores e práticas que lhes são próprias.

Segundo o IBGE (2005-b), a Organização das Nações Unidas - ONU em um dos temas escolhidos para mobilizar os países em 2005 foi o esporte, visando chamar a atenção dos países para a utilização do esporte como meio de “promoção da educação, saúde, desenvolvimento e paz”. Os projetos da ONU, em relação à prática do esporte, têm por objetivo ir ao encontro de crianças de acampamentos de refugiados proporcionando a prática do jogo de futebol até programas que estejam vinculados com a “participação nos esportes à assistência escolar e à geração de empregos”. As campanhas contam com o apoio de ídolos do esporte que relataram os benefícios da prática esportiva para as pessoas e para a sociedade em geral.

Estudos da UNESCO no Brasil, conforme Abramovay et al (2002) constataram que, através “de linguagens juvenis no campo do esporte, artes e atividades lúdicas muitas jovens encontram saídas alternativas para a realização de buscas de afirmação social” (p. 57-58), mesmo quando estes enfrentam situações de restrição econômica.

1.3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCENTIVO AO ESPORTE COMO SOCIALIZAÇÃO

O Estado, compreendendo uma comunidade de interesses, passou a necessitar de uma ampla revisão diante do esporte depois que este se renovou conceitualmente visto que é o Estado que cria o Direito, adaptando-o às condições da realidade social.

O esporte, que para Tubino (2001), era autogovernado até os anos trinta, passou a receber inferências diferenciadas nos países capitalistas e socialistas. As intervenções que passam a ocorrer após os anos 1930 no esporte são sob as formas de financiamentos, legislações específicas, criação de órgãos responsáveis pela formulação de políticas e normatizações esportivas e introdução de textos relativos ao esporte nas constituições.

O papel do Estado no fomento do esporte parece mais sensível nas suas ações políticas, refletindo as inevitáveis diversidades internas das nações. É o Estado que tem a capacidade institucional e política de tratar, de forma interdisciplinar, a imensa variedade de problemas sociais de responsabilidade pública.

Muitos programas de esporte popular, ligados a ações governamentais, têm fracassado, devido às contradições internas dos seus conteúdos em relação às populações ou aos grupos a que são direcionados. A dificuldade encontrada está em conseguir subtrair as diferenças sócioeconômicas que, inequivocamente, levam a diferenças culturais, de valores, de rendimento e de produtividade.

Uma das funções sociais do Estado, para Tubino (2001), é incentivar a iniciativa privada. Para isto tem oferecido legislações de incentivos, inclusive fiscais, para que as empresas e à comunidade esportiva promovam o desenvolvimento de esportes junto a comunidades.

As políticas públicas para o esporte e lazer no Brasil, período compreendido entre 1996 a 2005, segundo Suassuna e Almeida (2006), vem considerando que uma das dimensões do esporte é a recreação. Nesse sentido, o lazer foi adotado como sendo um dos temas a serem trabalhados pelas políticas do esporte. Sob este viés, o tema da I Conferência Nacional do Esporte, realizada em junho de 2004, foi “Esporte, lazer e desenvolvimento humano”, na II Conferência Nacional de Esporte,

realizada em maio de 2006, ambas em Brasília, o tema em questão foi “Construindo o Sistema Nacional de Esporte e Lazer”. A definição da Política Nacional de Esporte e Lazer recebeu contribuições destas conferências. O Ministério do Esporte atualmente conta com dois programas de esporte de dimensão recreativa, sendo estes o “Programa Segundo Tempo”, destinado para o esporte “educacional” e o “Programa Esporte e Lazer da Cidade” que absorveu o “Programa Esporte Solidário”. O Programa “Esporte e Lazer da Cidade”, busca desenvolver ações voltadas para a intervenção social, sem esquecer das ações direcionadas para o desenvolvimento científico e tecnológico do esporte e do lazer. A noção de políticas intersetoriais já presente no documento final da I Conferência Nacional do Esporte expressava as ações de promoção do esporte e do lazer que deveriam estar “[...] articuladas ao princípio de inclusão social, envolvendo governos estaduais e municipais e **organizações da sociedade civil**, direcionadas à população, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade ou exclusão social” (ME, 2004: 28 apud SUASSUNA; ALMEIDA, 2006, p. 18) [grifo nosso]. A intersetorialidade aponta para a definição de políticas que dêem continuidade aos programas. Fica explícita a existência de interdependência entre os diferentes setores e entre as várias esferas de governo, assim, as ações tornam-se mais abrangentes contribuindo para que sejam atendidos o maior número possível de cidadãos.

Cumpramos assinalar, conforme Lopes (2006), que o campo dos conflitos relacionados à autonomia e à liberdade tem sua relação capital x trabalho deslocada para as lutas pela apropriação do fundo público. Através deste deslocamento, configuraram-se novos direitos

sobre os investimentos do fundo público em políticas sociais orientadas para novas problemáticas da vida social. E nesse campo que se enforma todo um conjunto de Organizações Não Governamentais (ONGs), com objetivos e áreas diversas de atuação e de representação dos segmentos sociais de sujeitos contemporâneos (p. 87).

Salienta Lopes (2006) que na esfera pública ocorreram disputas por projetos sociais distintos, na busca pela apropriação dos fundos geridos pelo Estado, que

constituiu importante apoio para a argumentação oficial de que era necessário reformar o Estado, isentando este de parte de incumbências acordadas com a sociedade. Ao mesmo tempo em que essas Organizações levam a efeito projetos que tem financiamento por fundos públicos e várias são as ocasiões que acabam por serem tuteladas pelo Estado, reproduzem assim, funções institucionais junto àqueles a que são dirigidos os projetos.

Ao utilizar o esporte como meio de bem-estar social, o Estado precisa buscar executar programas com qualidade efetiva, relacionada à educação, saúde, seguro desemprego, terceira idade, infância em situação de carência e abandono, além de outras áreas com problemas sociais agravados.

O termo ONG, Organização Não Governamental, conforme Horochovski (2003), está presente, inicialmente, em documentos da ONU, na Ata de Constituição desta instituição mencionava-se Organizações Não-Governamentais que o Conselho Econômico e Social da ONU poderia vir a estabelecer consultorias. O termo ONG¹³, no Brasil, aparece na década de 1980 com objetivo de identificar entidades que formavam-se desde os anos 1970, mesclando o cristianismo e o marxismo, militância e profissionalismo, através de cooperação internacional não governamental. Estas entidades ampliaram-se durante o período da redemocratização, embora suas origens sejam anteriores, vinculadas aos movimentos de educação popular, com participação católica, e movimentos culturais ligados a entidades estudantis. As organizações da sociedade civil, nos anos 1980, apontavam para redes amplas de pressão e resistência, buscaram articulações e atuação na procura de novas formas de viver tornando-se mediadoras neste processo. As ONGs consolidaram-se nos anos 1990 com a institucionalidade democrática, passaram a adotar o modelo de "projeto" na busca de recursos públicos e privados para que possam prestar serviços a seu público-alvo. As ONGs passam a ser vistas pelo Estado como parceiras no atendimento às necessidades que não pode suprir na busca por equilíbrio fiscal e diminuição de gastos.

¹³ Horochovski (2003, p. 114), utiliza para a categoria ONG o conceito da Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais - ABONG, como: "tradição de resistência ao autoritarismo; consolidação de novos sujeitos políticos e movimentos sociais; busca de alternativas de desenvolvimento ambientalmente sustentáveis e socialmente justas; **compromisso de luta contra a exclusão, a miséria e as desigualdades sociais; promoção de direitos, construção da cidadania** e da defesa na ética na política para consolidação da democracia" (ABONG, 2002, p. 7 apud HOROCHOVSKI, 2003, p. 114). [grifo nosso]

Duas em cada três ONGs, no ano de 2000, no Brasil, segundo Horochovski (2003), receberam apoio financeiro governamental. Em 100 ONGs das quais foi possível precisar o percentual das fontes de financiamento, em uma pesquisa, 46 ONGs possuíam fraca dependência do Estado. Em 28 destas organizações, o grau de dependência era médio e com alta e altíssima dependência do Estado representaram 13 organizações para cada categoria.

Evidencia-se, ainda, segundo o autor, que este tipo de instituição, a partir da década de 1980, complementa e muitas vezes até substitui o Estado no enfrentamento das questões sociais, motivado pela crise de financiamento em que muitas vezes se encontra o agente estatal.

2 METODOLOGIA

A pesquisa deste estudo de caso esteve voltada para problematizar os diferentes modos de percepção do trabalho desenvolvido pelo Projeto Esporte Clube Cidadão, através da ACM Restinga Olímpica, tanto na perspectiva da instituição, quanto da comunidade (dos participantes), visando discutir aspectos da implementação de políticas de inclusão social por meio do esporte.

Através de um *survey* foram recolhidas as características socioeconômicas e demográficas dos beneficiados, suas trajetórias, contextos familiares e o tipo de benefício recebido. Para dar conta de aspectos relacionados às vivências cotidianas dos participantes do Projeto Esporte Clube Cidadão, empreguei uma abordagem de observação participante, articulada com entrevistas abertas e questionários.

Conforme Becker:

O cientista social que realiza um estudo de caso de uma comunidade ou organização tipicamente faz uso do método de observação participante em uma de suas muitas variações, muitas vezes em ligação com outros métodos mais estruturados, tais como entrevistas. A observação dá acesso a uma ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode não ter previsto no momento em que começou a estudar, e portanto, é um método bem adequado aos propósitos do estudo de caso (1999, p.118).

Para tanto, utilizei o sistema de pesquisa mista, ou seja, quantitativa, através de modelos estatísticos que descrevam aspectos do grupo estudado e qualitativo para interpretar a situação social existente no âmbito do projeto. Nessa perspectiva, argumenta Minayo et al (1999, p.22) “O conjunto de dados quantitativos e qualitativos; porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Becker (1999) afirma que o observador-participante, no processo de coleta de dados, segundo sua escolha em ser participante em caráter integral, coloca-se na vida da comunidade, podendo ver, durante certo período de tempo, o que normalmente as pessoas fazem enquanto realizam suas atividades. O observador-

participante registra suas observações de forma breve depois de fazê-las. Observa os tipos de pessoas que interagem umas com as outras, conteúdos e conseqüências da interação e como é discutida e avaliada pelos participantes e outros ao final de cada evento. Ele busca registrar este material de forma mais completa possível por meio de relatos detalhados de ações, mapas de localização dos indivíduos, enquanto atua com transcrições literais das conversações.

Busquei evitar o *bias*¹⁴ reproduzindo cuidadosamente os relatos completos de todos os eventos observados. Em momentos diferentes do dia, fiz observações, procurando grupos diferentes da comunidade e da organização, conforme prosseguia o trabalho de campo, e depois deste, procurei casos antagônicos às hipóteses previstas.

Neste estudo etnográfico, acredito, como Humphreys (1974, p.156), “[...] que os métodos etnográficos sejam os únicos verdadeiramente empíricos para o cientista social”. Realizei observações participantes com relatório diário, nos meses de março, abril e maio de 2006. Acompanhei as atividades esportivas do Projeto Esporte Clube Cidadão uma vez por semana com grupos distintos; no final de cada atividade diária relatei minuciosamente todas as situações ocorridas em meu diário de campo.

A Entrevista focalizada ou aberta, segundo Becker (1999), não cumpre um roteiro pré-estabelecido, sendo que o entrevistador centra a conversa no aprofundamento de tema(s), assim, o respondente tem a liberdade de falar livremente sobre ele(s). O(s) tema(s) podem ser mencionados diretamente, podem conduzir de forma sutil o entrevistado em direção a ele(s) ou pode ser evocado(s) utilizando técnicas visuais, tais como quadros, pinturas ou fotos.

As entrevistas abertas foram realizadas com todos os principais segmentos com atuação no Projeto, coordenadores, professores, educandos(as) e familiares, com a seguinte projeção: educandos (as), duas entrevistas em cada subgrupo, e seus familiares, dois professores, um coordenador geral, dois estagiários da área de Educação Física. Estas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise.

¹⁴ Ver apenas as coisas que estão de acordo com as hipóteses implícitas ou explícitas.

2.1 PESQUISA QUANTITATIVA

Segundo Bauer (2003), a pesquisa quantitativa centra-se nos levantamentos de dados (*survey*) e questionários. Através do questionário estruturado, pode-se coletar informações para aplicá-los em uma amostra. Assim, a pesquisa quantitativa caracteriza-se por ser um estudo estatístico destinado a descrever características de uma determinada situação, utiliza-se de valores numéricos para medir as hipóteses a respeito de um problema de pesquisa. O questionário serve como um dos instrumentos de apoio ao pesquisador para os processos de coleta de dados.

Com o objetivo de obter um perfil sócio-cultural e econômico dos freqüentadores do Projeto Esporte Clube Cidadão, na semana seguinte, após ter sido apresentado para os grupos apliquei um questionário, com questões abertas. Foi explicitado que os entrevistados ficassem livres para responderem com suas próprias palavras sem ficarem limitados a escolha entre um número limitado de alternativas, buscando a complementaridade entre os métodos quantitativos e qualitativos visando encaminhar estratégias de integração na prática da investigação.

O questionário foi elaborado com as seguintes questões:

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Nome da escola e série:
- 4) Bairro onde mora:
- 5) Quantas pessoas moram na sua casa, contando você.
- 6) Profissão do pai
- 7) Profissão da mãe

Foram aplicados cento e dois questionários relacionados ao perfil sócio, cultural e econômico dos(as) educandos(as). Embora estes não fossem obrigados a responder este questionário a participação foi efetiva. A partir desse momento, dei início as observações participantes variando entre os mais diversos grupos.

Através do método quantitativo, utilizei o questionário para obter o perfil sócio, cultural e econômico dos frequentadores do Projeto Esporte Clube Cidadão, através de dados numéricos, distribuídos em tabelas com os respectivos percentuais, segundo Marconi e Lakatos (1996, p. 34), a tabela “[...] construída, utilizando-se dados obtidos pelo próprio pesquisador em números absolutos e/ou percentagens”, afirmam ainda que, tabela é um método:

[...] estatístico sistemático, de apresentar os dados em colunas verticais ou fileiras horizontais, que obedece à classificação dos objetos ou materiais da pesquisa.

É bom auxiliar na apresentação dos dados, uma vez que facilita, ao leitor, a compreensão e interpretação rápida da massa de dados, podendo, apenas com uma olhada, apreender importantes detalhes e relações. Todavia, seu propósito mais importante é ajudar o investigador na distinção de diferentes, semelhanças e relações, por meio de clareza e destaque que a distribuição lógica e a apresentação gráfica oferecem às classificações. Quanto mais simples for a tabela ou o quadro, concentrando-se sobre limitado número de idéias, melhor: ficam mais claras, mais objetivas (p. 33-34).

Utilizei, também, gráficos para destacar os dados relevantes e uma melhor visualização. Marconi e Lakatos (1996) salientam que os gráficos, “[...] utilizados com habilidade, podem evidenciar aspectos visuais dos dados, de forma clara e de fácil compreensão. Em geral, são empregados para dar destaque a certas relações significativas”.

2.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Foram feitas quarenta e sete sessões de observações-participante, nas quais busquei integrar-me às vivências cotidianas objetivando estabelecer uma relação de confiança com os participantes do Projeto Esporte Clube Cidadão, ingressando no seu mundo simbólico aprendendo convenções sociais e hábitos, o uso da linguagem e comunicação visando observar como se processam as atividades executadas pelos atores do projeto no seu cotidiano.

A esse respeito Melucci (2005) afirma que:

Nestas pesquisas a consciência da distância cultural entre pesquisador e ator social pressionou para buscar o contato direto com o mundo do ator social, de modo a assumir a linguagem, compreender a simbologia, reconhecer as suas formas prevalentes de expressão e de comunicação. Não se trata somente de obter a disponibilidade do ator social, mas de se apoderar de chaves interpretativas e de competências lingüísticas que são estranhas ao mundo do pesquisador. Diferentemente da observação externa, aqui o propósito não consiste em verificar no campo os comportamentos dos atores sem aceitar as mediações lingüísticas implícitas nos seus relatos verbais, quanto de reconstruir - através de um alistamento provisório - o conjunto de regras e de códigos que tornam compreensíveis e significativos os comportamentos e os gestos comunicativos do ator social (2005, p. 54-55).

Cumprasse assinalar que observei, nesta pesquisa, como ocorre a integração entre educandos(as) e educadores(as) bem como a relação destes com a instituição. Quais as conseqüências desta interação e como é avaliada pelos participantes no final de cada atividade. Registrei as informações obtidas através de relatório diário (etnográfico) da maneira mais completa possível.

No dizer de Becker:

O observador-participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou (1999, p. 47).

Busquei evitar o *bias*¹⁵ reproduzindo cuidadosamente os relatos completos de todos os eventos observados. Em momentos diferentes do dia, fiz observações, procurando grupos diferentes de educandos (as), membros da comunidade e da instituição, conforme prosseguia o trabalho de campo, após este, busquei casos

¹⁵ *Bias*, ver apenas as coisas que estão de acordo com as hipóteses implícitas ou explícitas, tendenciosidade, desvio sistemático do estudo.

negativos. Becker (1999, p. 84), assinala a esse respeito que “[...] o pesquisador de campo tipicamente coleta seus dados por um período prolongado de tempo, em uma variedade de situações, usando diversas maneiras de chegar à questão em que está interessado; todos estes aspectos que o perigo do *bias*”.

Acompanhei as atividades esportivas do Projeto Esporte Clube Cidadão uma vez por semana em grupos distintos; no final de cada atividade diária fiz um relatório minucioso de todas as situações ocorridas.

De acordo com Minayo et al:

Paralelamente as articulações a serem observadas, surge como necessário, para nossa ação de pesquisa, o delineamento de algumas estratégias. Sobre o registro das falas dos atores sociais que participam da investigação, observamos que é possível trabalharmos com um sistema de anotação simultânea da comunicação ou fazermos uso de gravações. Fotografias e filmagens se apresentam também como recursos de registro aos quais podemos recorrer (1999, p. 62-63).

Utilizei-me, também, de um Diário de Campo, onde coloquei minhas percepções e outras informações sobre a análise do objeto. Este foi um importante instrumento que me proporcionou subsídios em vários momentos da rotina da pesquisa.

Nesse contexto, diz Minayo et al:

O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa. Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico for em anotações esse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise do objeto estudado (1999, p. 63-64).

Neste estudo foram realizadas quarenta e sete idas à situação de campo, nos meses de março, abril e maio de 2006, durante as atividades de educação física que eram divididas em dois momentos: o primeiro de forma global, buscando um trabalho

corporal mais efetivo, o segundo recreativo, quando os alunos praticavam atividades pré-desportivas, ficando esse momento mais livre, não dirigido pelo(a) educador(a).

Na observação-participante, através da análise do diário de campo, associada às entrevistas, busquei compreender a existência cotidiana como experiência acumulada, os elementos construídos pela instituição, ou seja, procurei identificar o que é convergente, o que é divergente ou contraditório, nas diversas formas da atuação do Projeto. Também é fruto da análise a observação geral do espaço dos participantes, das atividades, dos objetos, dos atos, dos eventos, dos tempos, dos alvos e dos sentimentos na situação social.

May (2004), assinala que,

[...] são úteis as unidades de análise chamadas papéis. Aqui, o enfoque dirige-se para os rótulos que as pessoas e as organizações utilizam para organizar as suas próprias atividades e descreverem as dos outros. Como eles são utilizados? Quais são as questões no desempenho de um papel e que dificuldades são encontradas na sua execução? Essas são apenas algumas perguntas a serem feitas. Depois, há os relacionamentos. Observando a sugestão de Whyte sobre dividir os dados em termos dos eventos e relacionamentos, deveríamos observar como as pessoas interagem ao longo do tempo. Dos relacionamentos passamos para os grupos definidos como aqueles que concebem a si mesmos como uma entidade social (o "nós"), tendo hierarquias, facções e os meios para lidar com circunstâncias pelo suporte e a adaptação mútua. Como e por quê esses acontecem seria um enfoque de estudo dessa unidade social (p, 194).

Para esta análise da observação-participante, utilizei anotações do diário de campo aliado às entrevistas, buscando verificar como os observados se comportavam, objetivando verificar quais as interpretações que estes tem sobre as situações experimentadas junto à instituição, além de como a instituição vê a interação desta com os beneficiados. May (2004, p. 196) ressalta que, “[...] os pesquisadores podem focalizar a relação entre a utilização da linguagem e as ações humanas ou estudar como a linguagem é empregada em determinado contexto social”.

Analisei os processos vivenciados pela instituição em relação aos beneficiados e fatores de prática pedagógica tais como capacitação dos educadores,

percepções e resistências dos educandos, além das condições proporcionadas pela instituição. Fiz leituras e organização do material, desenvolvi sistema de classificação, categorização e estabelecimento de relações.

Segundo Lofland e Lofland (1984, p. 87-8):

Alguns aspectos principais da análise da organização incluem as circunstâncias da sua formação, como elas recrutam e controlam os membros, os tipos e as causas das estratégias de perseguição das metas que adotam e as causas do seu crescimento, mudança e/ou falência (apud MAY, 2004, p. 195).

Portanto, os registros etnográficos decorrentes da observação participante tiveram natureza descritiva e reflexiva. As descrições foram relacionadas ao ambiente físico, comportamentos, ações, atividades específicas da instituição e diálogos.

2.3 ENTREVISTA

A entrevista, segundo Marconi e Lakatos, é uma das ações utilizada na investigação social para coletar dados ou para colaborar no diagnóstico ou tratamento de problemas sociais. Consideram que a “entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sócias [...] (1996, p. 84).

A entrevista segundo Minayo et al:

[...] é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva (1999, p. 57).

Através da entrevista, como coleta de dados, o pesquisador poderá obter informações subjetivas que potencialmente são melhor acessadas através deste meio, uma vez que estão relacionados aos valores, atitudes e opiniões dos atores submetidos a esta ferramenta. Minayo et al, salienta que os dados objetivos podem ser obtidos também “através de fontes secundárias tais como censos, estatísticas, e outras formas de registros” (1999, p. 57).

Fiz trinta e sete entrevistas abertas buscando atender às finalidades exploratórias. Através da inserção do tema, proporcionei ampla liberdade para os entrevistados discorrerem sobre este, visando poder explorar mais amplamente as questões. As perguntas foram feitas dentro de conversações informais. Assumi uma postura de ouvinte, interferindo somente em casos extremos, por exemplo, para que a entrevista não tivesse um término precoce.

Becker (1999) assinala que este tipo de entrevista não cumpre um roteiro pré-estabelecido, sendo que o entrevistador centra a conversa no aprofundamento de um tema, ou vários, dando liberdade para o respondente falar livremente. O tema pode ser mencionado diretamente, podendo conduzir de forma sutil o entrevistado em direção a ele, pode ainda ser evocado através de técnicas visuais, como quadros, pinturas ou fotos.

Para May:

A diferença central dessa forma de entrevista em relação à entrevista estruturada ou à semi-estruturada é o seu caráter aberto. É dito que isso a provê da capacidade de desafiar as pré-concepções do pesquisador, assim como permite ao entrevistado responder perguntas dentro da sua própria estrutura de referência. Alguns podem considerar isso como uma licença para o entrevistado simplesmente falar sobre uma questão da maneira que escolher. Não obstante, essa desvantagem aparente é transformada em uma vantagem, porque há uma preocupação com a perspectiva da pessoa sendo entrevistada e estas coisas, como aparentemente divergir do tópico específico, podem de fato revelar algo sobre suas preocupações (2004, p. 149).

Em relação às entrevistas, foram realizadas com vinte e quatro educandos (as), seis familiares e sete dirigentes do Projeto Esporte Clube Cidadão. Os educandos e educandas selecionados para participar das entrevistas foram

indicados pelo educador Rodrigo Boneti, que sempre buscou manter a equidade de participação entre meninos e meninas. Nesse processo de perguntas e respostas, os educandos e educandas tinham alguma dificuldade de verbalizar seus sentimentos sendo inevitável a minha participação, embora de forma sutil. Becker (1999) resume muito bem esta situação afirmando que o pesquisador de campo tem a possibilidade de modificar o relacionamento entre as pessoas, “lidando de maneira diferente com elas, à medida que forem se conhecendo melhor. Ele pode correr riscos com palavras e ações que aborrecem ou irritam as pessoas, porque sabe que provavelmente terá a oportunidade de reparar os danos” (p. 91).

A análise do processo da pesquisa que norteia este estudo foi feita através dos questionários, da comparação de dados observacionais, das respostas às entrevistas e de fotografias. Foram realizadas as transcrições das gravações em áudio e das entrevistas, buscando uma maior operacionalidade no manuseio e análise dos dados. Estes ao serem obtidos foram analisados separadamente e, posteriormente, em conjunto visando oferecer maior confiabilidade à análise.

Nas entrevistas utilizei um gravador de forma discreta, o que colaborou para não se tornar um fator inibidor. Foram feitas após as entrevistas a transcrição e interpretação. Para May (2004, p.164), a gravação “[...] pode auxiliar a interpretação, pois permite que o entrevistador concentre-se na conversa e registre os gestos não-verbais do entrevistado durante a entrevista, ao invés de gastar tempo olhando para as notas e escrevendo o que é dito”. Segundo o autor, a partir do momento que a conversação tenha tido início a maioria das “pessoas podem esquecer que o gravador está ligado” (p.164), salienta que o entrevistador está incluso nesse processo. A edição do material coletado colaborou para a análise das respostas das entrevistas, pude evitar, desta forma, substituir as palavras dos entrevistados por outras de meu conhecimento.

Procurei identificar o relacionamento dos respondentes uns com os outros, suas referências relacionadas à instituição e às atividades concretas, além da importância que estas tinham para o entrevistado.

May (2004) enfatiza que focalizar as formas com que as pessoas interagem umas com as outras, através da fala, possibilita construir um quadro dos significados dos relacionamentos existentes entre elas, o tipo de linguagem que é utilizada ao descreverem umas as outras e os eventos ocorridos. Segundo Spradley (1979), “Essa é uma forma de análise etnográfica alcançada pela familiarização com os

dados da entrevista para entender a cultura em que as pessoas habitam e os seus relacionamentos umas com as outras” (apud MAY, 2004, p. 166).

Escutei várias vezes as entrevistas, o que colaborou para uma maior familiarização com os dados obtidos, através destas, além de colaborar para que houvesse uma ampliação das possibilidades de comparação dos relatos feitos pelos entrevistados. Na transcrição das entrevistas, o nome dos(as) informantes foi trocado, de modo a preservar sua identidade.

Acordou-se, também, que haverá um retorno aos participantes deste estudo, após a elaboração das conclusões desta investigação. O retorno às fontes que ofereceram subsídios constitui-se em mecanismo como instrumento de caráter ético.

3 POLÍTICA DE INSERÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DO ESPORTE

3.1 A INSTITUIÇÃO E SEU CONTEXTO

Evidencia-se, portanto, neste ponto da investigação, a necessidade de um recorte a respeito do cenário do estudo em questão como as características constituídas da comunidade em que está inserido o Projeto Esporte Clube Cidadão, os mantenedores e apoiador do Projeto, onde ocorrem às manifestações dos atores sociais, os eventos diversos e as circunstâncias que se entrelaçaram nesta trajetória com repercussões na vida das comunidades.

O Bairro Restinga está localizado na Zona Sul de Porto Alegre a 25 km do centro, segundo a Secretaria do Planejamento Municipal de Porto Alegre (SPM, 2004), tendo sido criado pela Lei 6571 de 08/01/1990. A população deste bairro, segundo dados do ano 2000, é de 50.020 moradores, sendo 24.008 pessoas do sexo masculino e 26.012 pessoas do sexo feminino. O Bairro possui uma área de 2.149 ha, com densidade de 23 hab/ha. A taxa de crescimento entre 1991 e 2000 foi de 4,6% aa. O número de domicílios em 2000 era de 13.421.

A Lei denomina Bairro Restinga as atuais Vilas Pitinga, Vila Restinga Nova, Vila Restinga Velha, Vila Mariana, Barro Vermelho, Chácara do Banco, Vila Flor da Restinga, Vila Monte Castelo e Vila Santa Rita. Os limites são do encontro da Avenida Edgar Pires de Castro com a Estrada Costa Gama, indo por esta no sentido norte até a Estrada Octávio Frasca. Por esta até a Estrada do Rincão e por esta até a Estrada João Antônio da Silveira. Deste ponto, por uma linha reta, seca e imaginária até o marco geodésico do Morro São Pedro. Deste marco, por uma linha reta, seca e imaginária até a esquina da Av. Edgar Pires de Castro com a Estrada Francisca de Oliveira Vieira, indo, finalmente, pela Av. Edgar Pires de Castro até encontrar a Estrada Costa Gama.

Os domicílios da Região, segundo a ACM (ESPORTE...,2006), 5,7 % são considerados subnormais (conjunto de, no mínimo, 51 unidades habitacionais, que constitui favelas ou similares). O abastecimento de água inadequado representa

10,1%. A média em Porto Alegre é de 5,1%. Os que possuem instalação sanitária inadequada são 21,1%. Já a média em Porto Alegre é 18,1%.

Em relação à malha viária da Região possui 67.583 metros de vias pavimentadas (81,95%) e 14.876 metros de não pavimentadas.

O Bairro Restinga tem a 3ª mais elevada proporção de chefes de domicílio com renda de até 2 salários mínimos ou seja 54,20%, a renda média mais baixa da cidade, o que significa que mais da metade das famílias da Região são pobres.

O Bairro Restinga possui a 4ª proporção mais elevada de pessoas com 10 ou mais anos analfabetas e a 5ª proporção mais elevada de mulheres analfabetas de 15 a 49 anos. Detém o 4º maior percentual de evasão e o 1º maior de reprovação no ensino fundamental da cidade.

A mais baixa proporção de domicílios subnormais encontra-se no Bairro Restinga, em relação aos outros bairros de Porto Alegre, a 5ª mais baixa proporção de domicílios com instalação sanitária inadequada, a 4ª mais elevada proporção de domicílios com abastecimento de água inadequado.



Figura 1: Vista do Bairro Restinga em frente a ACM Restinga Olímpica



Figura 2: Vista do Bairro Restinga sob outro ângulo da ACM Restinga Olímpica

O Bairro Restinga é classificado como sendo o terceiro maior bairro com vulnerabilidade social, em Porto Alegre. Conforme o assessor comunitário do Programa Cidadania e Paz da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana (SMDHSU), Carlos Augusto Fonseca Pereira (PREFEITURA..., 2005), "Desse total, a grande concentração de miséria, violência drogadição e criminalidade está na Restinga Velha, o nicho pioneiro de um dos maiores bairros da Capital".

O Índice de Condições de Vida¹⁶ (ICV), no Bairro Restinga é muito baixo, possuindo características de regiões periféricas. Já o Índice de Vulnerabilidade Social¹⁷ (IVS) é muito alto, nesta região o nível educacional é muito baixo. Mais de 50% dos responsáveis pelo domicílio não tem o nível educacional básico. São,

¹⁶ Conforme Furtado et al (2004, p. 36), O Índice de Condições de Vida (ICV) é classificados como: Muito baixo (IVS 0,00 a 0,49), Baixo (IVS >0,50 a 0,69), Médio (IVS >0,70 a 0,79), Alto (IVS >0,80 a 1,00), o Bairro Restinga tem como índice do ICV 0,45.

¹⁷ Segundo Furtado et al (2004, p. 42), O Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) foi desenvolvido visando aprofundar a análise das condições de vida, completando o quadro social produzido pelo Índice de Condições de Vida. Classificados como: Muito alto (IVS 0,00 a 0,49), Alto (IVS >0,50 a 0,69), Médio (IVS >0,70 a 0,79), Baixo (IVS >0,80 a 1,00), o Bairro Restinga tem como índice do ICV 0,41.

também, sérios os obstáculos ao desenvolvimento sadio das crianças, mais da metade das mães dos recém-nascidos não concluíram o ensino fundamental, sendo grande o número de mães adolescentes, aproximadamente um terço destas não completaram vinte anos. Caracteriza-se, assim, uma maior precariedade da situação das mulheres.

Ainda, segundo os autores, a violência atinge maciçamente os jovens do sexo masculino entre 15 e 24 anos, sendo as taxas de homicídios uma das mais elevadas que a média da cidade de Porto Alegre. Os jovens desta região estão mais expostos a violência, a probabilidade de morte violenta no Bairro Restinga é de 4,4 em dez mil.

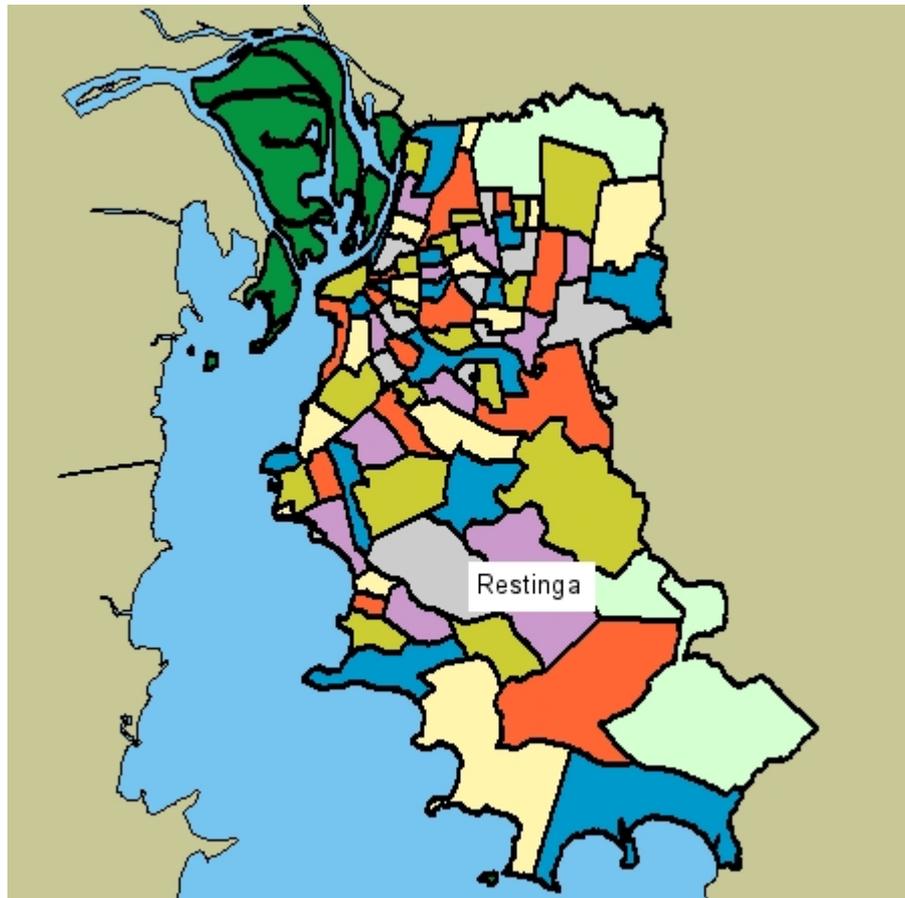


Figura 3: Mapa da cidade de Porto Alegre

Fonte: Portal da Prefeitura do Município de Porto Alegre.
Mapa Digital Oficial de Porto Alegre (PREFEITURA..., 2006).

3.2 ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS – ACM E O PROJETO ESPORTE CLUBE CIDADÃO

A Associação Cristã de Moços – ACM, sede do Rio Grande do Sul, é uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos, conta com o apoio do Instituto Dunga¹⁸ de Desenvolvimento do Cidadão - IDDC, além de empresas e instituições privadas e públicas, do Ministério do Esporte e Turismo, Prefeitura de Porto Alegre e Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Conforme histórico da instituição (HISTÓRICO..., 2005), foi fundada na cidade de Porto Alegre, em 26 de novembro de 1901. Esta entidade é uma instituição internacional, segundo (ACM..., 2005-a), criada no ano de 1844, em Londres, Inglaterra, por George Williams, a ACM-YMCA, que está presente em mais de 120 países, contando com 14.000 sedes e aproximadamente 45 milhões de associados. A ACM atua nas áreas do esporte, lazer, voluntariado, educação e assistência social.

A ACM do Rio Grande do Sul, conforme consta em seu endereço eletrônico, tem por Missão “Promover a vida, como agente de transformação da sociedade, trabalhando com amor por justiça e paz, de acordo com a mensagem cristã” (ACM..., 2006-b). Os valores são definidos como: dimensionando-os na relação ALMA, CORPO e MENTE, representadas pelas condutas de amor, solidariedade, respeito às diferenças, ética cristã, justiça e qualidade de vida” (ACM..., 2006-b).

O coordenador do Projeto Esporte Clube Cidadão, senhor Alexandre, informou que a ACM Vila Restinga Olímpica, palco da pesquisa, deu início a seus atendimentos em abril de 2002. A estrutura projetada compreende uma área construída de 2.640 m² com capacidade para abrigar centenas de jovens e oferecer a eles lazer, esporte, alimentação, educação, cultura e capacitação profissional. Sendo que o terreno onde se localiza esta instituição é de aproximadamente um hectare, cedido pela prefeitura. Esse terreno está situado no quinto distrito do bairro Restinga, Av. João Antônio da Silveira, 4065, zona sul da cidade de Porto Alegre.

¹⁸ Carlos Caetano Bledorn Verri - "Dunga", esportista que teve projeção nacional e internacional no esporte que praticava, futebol. Capitão do Tetracampeonato Mundial de Futebol.

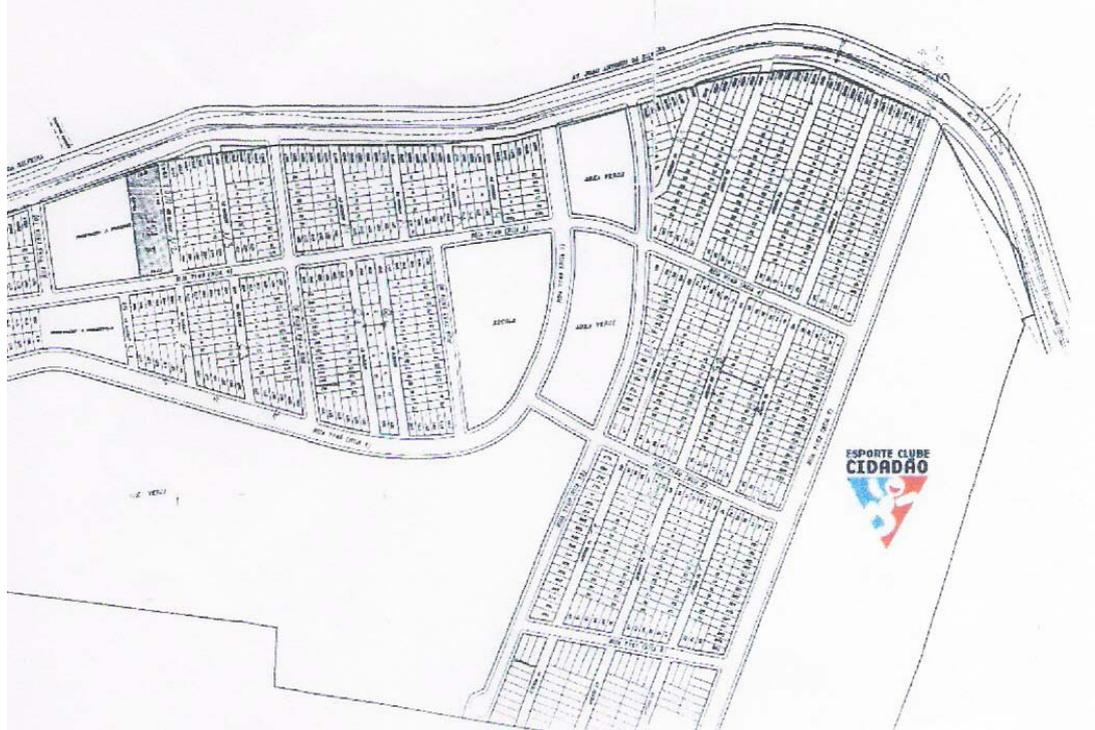


Figura 4: Mapa da Localização Esporte Clube Cidadão
Fonte: ACM (ESPORTE...,2006)

O espaço físico é composto por um prédio baixo dividido em seis salas grandes, um salão para realização das refeições que serve como sala multiuso para as atividades esportivas em dias de chuva, cozinha, dois vestiários grandes e três quadras poliesportivas.

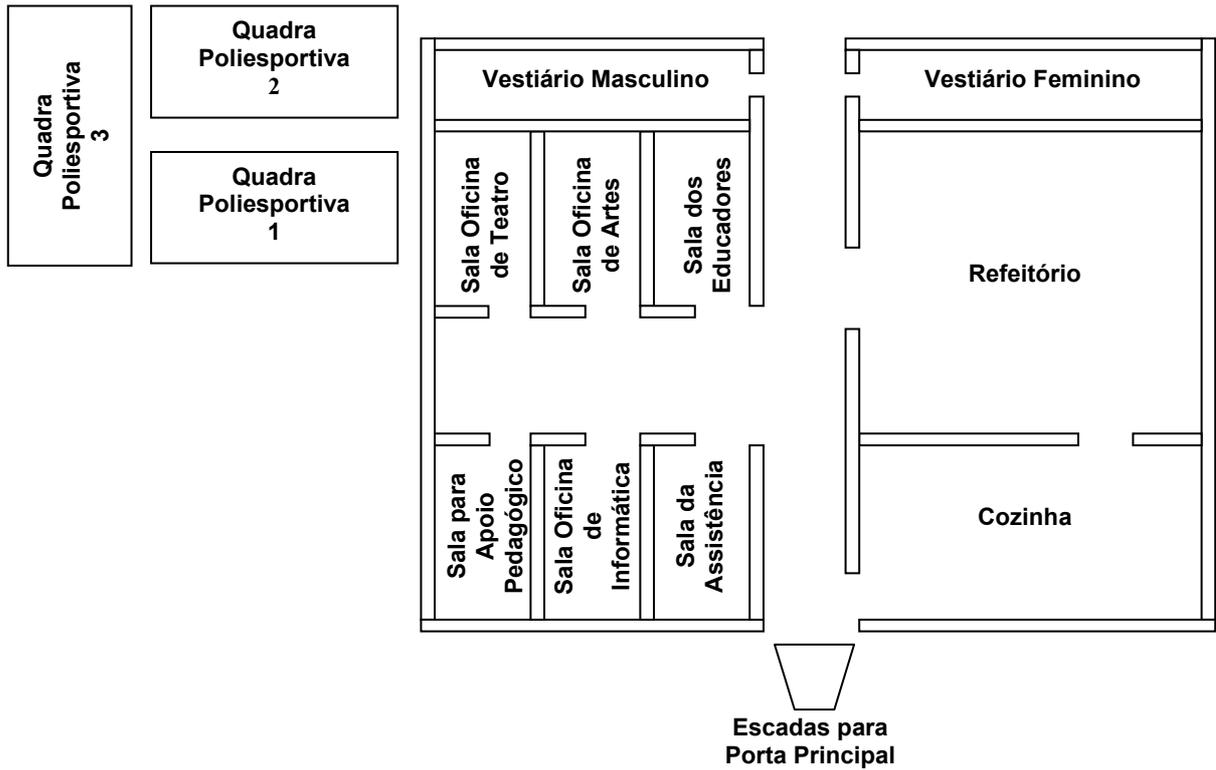


Figura 5: Planta baixa da ACM Restinga Olímpica
Nota: Figura baseada em material fornecido pela instituição



Figura 6: Vista Frontal Prédio da ACM Restinga Olímpica



Figura 7: Vista Lateral do Prédio da ACM Restinga Olímpica



Figura 8: Refeitório do Prédio da ACM Restinga Olímpica



Figura 9: Cozinha do Prédio da ACM Restinga Olímpica



Figura 10: Vestiário do Prédio da ACM Restinga Olímpica

Na parte externa, existem três quadras polivalentes de cimento abertas onde os alunos praticam atividades esportivas. Como o terreno é muito grande, existe um local onde os alunos realizam caminhadas ecológicas, trilhas e têm contato com a natureza. Há uma área, nesse terreno, determinada para a construção de um ginásio poliesportivo que está previsto no projeto de expansão.



Figura 11: quadras polivalentes de cimento para atividades esportivas

3.3 PROJETO ESPORTE CLUBE CIDADÃO

Conforme o Coordenador esportivo da ACM Vila Restinga Olímpica, educador Rodrigo Bonetti, atualmente são beneficiados 390 educandos(as) entre sete e dezesseis anos de idade, através de atividades complementares nas áreas de educação física, artes, expressão, pedagogia e serviço social.

Os participantes do Projeto, segundo o Coordenador esportivo, são divididos em dois grandes grupos, conforme a idade. O primeiro grupo com 220 meninos e meninas com idade de sete a doze anos, o segundo grupo com 170 meninos e meninas com idade de treze a dezesseis anos. Estes dois grandes grupos são

divididos em subgrupos de aproximadamente quatorze educandos e educandas, o primeiro grupo com 14 subgrupos e o segundo com 3 subgrupos. Os subgrupos são organizados conforme a idade dos participantes, conforme segue:

Tabela 1
Horários de atendimento de 07 a 12 anos - Manhã

MANHÃ	Segunda-feira		Terça-feira		Quarta-feira		Quinta-feira		Sexta-feira	
	Arte	A1	B3	C1	A1	C1	B1	B1	B3	Grupo de crianças
A2			C2	A2	C2	B2	B2			
Acompanhamento Escolar	B1	A1			B1	C1	B3	A1	C1	B3
	B2	A2			B2	C2		A2	C2	
Educação Física	B3	B1	A1	C1			A1	B1	B3	C1
		B2	A2	C2			A2	B2		C2

Fonte: ACM Vila Restinga Olímpica

Tabela 2
Horários de atendimento de 07 a 12 anos - Tarde

TARDE	Segunda-feira		Terça-feira		Quarta-feira	Quinta-feira		Sexta-feira	
	Arte	A1	B1	C1		B1	Reunião	A1	C3
A2		B2	C2	B2	A2			C2	
Acompanhamento Escolar	C3	A1	B1	A1	C3	C1		B1	C1
		A2	B2	A2		C2		B2	C2
Educação Física	B1	C3	A1	C1	C1	A1		C3	B1
	B2		A2	C2	C2	A2			B2

Fonte: ACM Vila Restinga Olímpica

Tabela 3
Horários de atendimento de 13 aos 16 anos - Manhã

MANHÃ	Segunda-feira		Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira		Sexta-feira	
Arte		Teatro				Teatro		
Acompanhamento Escolar	Informática			Informática	Leitura e Pesquisa			Leitura e Pesquisa
Educação Física			Esportes				Esportes	

Fonte: ACM Vila Restinga Olímpica

Tabela 4
Horários de atendimento de 13 aos 16 anos - Tarde

TARDE	Segunda-feira		Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira		Sexta-feira	
Arte		Teatro				Teatro		
Acompanhamento Escolar	Informática			Reunião	Leitura e Pesquisa		Informática	Leitura e Pesquisa
Educação Física			Esportes				Esportes	

Fonte: ACM Vila Restinga Olímpica

Conforme tabelas 1 e 2, a letra A para os(as) educandos(as) entre 7 e 8 anos, a letra B para educandos(as) entre 9 e 10 anos e a letra C para educandos(as) entre 11 e 12 anos, nos turnos da manhã e tarde. No segundo grande grupo, conforme tabelas 3 e 4, com idade entre 13 e 16 anos, os participantes são divididos por grupos de interesse, formando assim os subgrupos nos turnos da manhã e tarde, segundo tabelas de horários de atendimento fornecidos pela instituição.

A participação de crianças e jovens no Projeto Esporte Clube Cidadão pode ser motivado por iniciativa própria ou encaminhamentos feitos por órgãos públicos da comunidade como Prefeitura, FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania), Conselho Tutelar, Ministério Público e Escolas.

Estes são levados a adaptarem-se à instituição que envolve ambiente, atividades, relações e sistema de regras. Para Goffman, "o controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas – seja ou não uma necessidade ou meio eficiente de organização social nas circunstâncias - é o fato básico das instituições totais" (1996, p. 18). Nesse tipo

de instituição, existe uma divisão entre o grupo dos que participam e da equipe dirigente, de certa forma, um estereótipo antagônico.

Ainda segundo Goffman:

Desenvolvem-se dois mundos sociais e culturais diferentes, que caminham juntos com pontos de contato oficial, mas com pouca interpenetração. É significativo observar que o edifício da instituição e seu nome passem a ser identificado tanto pela equipe dirigente como pelos internados como algo que pertence à equipe dirigente, de forma que quando qualquer dos grupos se refere às interpretações ou aos interesses “da instituição”, implicitamente se referem (tal como o farei) às interpretações e aos interesses da equipe dirigente (1996, p. 20).

A instituição tem grande preocupação em relação ao ensino formal, caso os(as) educandos(as), ao procurar ou ser encaminhados ao Projeto, não freqüentem ou tenham abandonado a escola, a instituição providenciará para que estes venham a ter acesso a uma escola.

Segundo o Coordenador esportivo do Projeto Esporte Clube Cidadão, quando o(a) educando(a) falta às atividades, por mais de quatro vezes consecutivas, o responsável pelo(a) educando(a) é comunicado e convidado, pelo serviço social, para um atendimento visando encontrar soluções para que o mesmo volte a freqüentar o Projeto.

As atividades, pela parte da manhã começam as 8h30, sendo que os educadores esperam os(as) educandos(as) na porta, organizam os mesmos em fila conduzem estes ao local da atividade. Cada subgrupo é coordenado por um(a) educador(a) Licenciado(a) em Educação Física e um(a) estagiária na mesma área. Quando chegam ao local onde serão realizadas as atividades, o educador faz a chamada e explica as atividades que serão desenvolvidas no dia.

As atividades físicas duram cerca de uma hora e trinta minutos divididos em dois momentos, o primeiro momento dividido em duas partes, sendo a primeira parte dirigida pelos educadores e a segunda é livre, ou seja, os(as) educandos(as) escolhem que tipos de atividade querem realizar. Normalmente utiliza-se a metade do tempo para cada uma das duas partes do primeiro momento, ocorrendo variações.

Ao final das atividades, é servido o lanche às 10h. Após o lanche, às 10h30 inicia a outra atividade que, dependendo do dia e do horário, pode ser artes, apoio pedagógico ou informática.



Figura 12: Sala de Arte do Prédio da ACM Restinga Olímpica



Figura 13: Sala de Aula do Apoio Pedagógico no Prédio da ACM Restinga Olímpica



Figura 14: Sala de Informática no Prédio da ACM Restinga Olímpica

As atividades relacionadas ao apoio pedagógico, artes ou informática estendem-se até as 12h, quando é servido o almoço. Após o almoço, os alunos são liberados para casa e posteriormente se dirigem à escola. A rotina é a mesma no turno da tarde, considerando que os(as) educandos(as) freqüentam a escola pela parte da manhã, os(as) educandos(as) entram às 13h, almoçam e após desenvolvem as atividades propostas para o dia.

3.3.1 Proposta Político Pedagógica do Projeto Esporte Clube Cidadão

A Proposta Político Pedagógica do PECC foi disponibilizada para este estudo somente após dois meses de pesquisa, segundo a instituição, esta dificuldade foi motivada pela reformulação da Política Pedagógica do PECC.

A Proposta Político Pedagógica do PECC, segundo a Área de Desenvolvimento Social, enfatiza que

- 1) a vida e os direitos humanos são valores fundamentais no paradigma do desenvolvimento humano;
- 2) cada ser humano nasce com um potencial e tem o direito de desenvolvê-lo. Para desenvolver os potenciais, o ser humano necessita de oportunidades educativas;
- 3) a Proposta Político Pedagógica prioriza uma Educação para o desenvolvimento humano;
- 4) educação para o desenvolvimento humano exige um olhar do universo das crianças e dos adolescentes valorizando o potencial, o que de melhor elas têm. Exige reforçarmos sempre o positivo;
- 5) todas as pessoas que trabalham na ACM Fundação são extremamente importantes para a instituição.

A Área de Desenvolvimento Social considera três passos fundamentais para o êxito da proposta voltada para a educação e para o desenvolvimento humano:

- 1) Focar o potencial - toda pessoa nasce com um potencial e tem o direito de desenvolvê-lo;
- 2) Criar oportunidades para desenvolver potenciais - oportunidades educativas;
- 3) Preparar as pessoas para fazerem escolhas - a partir das vivências as crianças passam a fazer escolhas.

As ações destinadas às crianças e aos adolescentes estão relacionadas à educação integral e passam a não ser ações compensatórias de supostas carências. Assim, a educação passa a organizar-se através de quatro aprendizagens que passarão a representar, ao longo da vida, pilares do conhecimento:

- 1) Aprender a ser:

Essas são as competências pessoais que incluem desenvolver:

- Identidade: Desenvolver a consciência de si mesmo;

Continuação

- Auto-estima: Gostar de si mesmo;
- Auto-conceito: É a idéia que se tem de si mesmo;
- Auto-confiança: Pessoa que se compreende, se aceita e tem uma boa idéia de si mesma;
- Visão destemida do futuro: Olha o futuro de forma desejosa e sem medo;
- Querer ser: Querer desejar a motivação vem de cada pessoa. O querer ser é um projeto, é quando se sonha e se define as etapas para concretizá-lo;
- Projeto de vida: É ter um sonho e definir as etapas para alcançá-lo.
- Sentido da vida: é o rumo traçado entre o presente e o futuro desejado.
- Auto-determinação: Cada pessoa deve determinar o caminho que quer seguir.
- Resiliência: A pessoa resiliente funciona no modelo do desafio: cresce na diversidade;
- Auto-realização: É o cumprimento de seu potencial;
- Plenitude humana: São momentos de grande realização pessoal e profissional.

2) Aprender a conviver:

São as competências sociais. Conviver é relacionar-se

- Aprender a não agredir os semelhantes: É respeitar as diferenças entre as pessoas, é respeitar os pontos de vista diferentes dos nossos, é crescer a partir do conhecimento dessas diferenças.
- Aprender a comunicar-se: É fazer se entender e entender o outro. É saber falar e saber ouvir.
- Aprender a interagir: Interagir é estar atento ao outro. É percebê-lo.

Continuação

- Aprender a decidir em grupo: É aperfeiçoar o espírito democrático.
- Aprender a se cuidar: Cuidar-se é evitar ofender e ser ofendido é relacionar-se de maneira saudável com o outro.
- Aprender a cuidar do lugar onde vivemos: Cuidar do lugar onde moramos é melhorar as condições de vida de todos, lutar pela cidadania, respeitar todos os seres vivos.
- Aprender a valorizar o saber social: Saber social é o conjunto de conhecimento, práticas, procedimentos, valores, sentimentos e ritos de uma cultura.

3) Aprender a fazer:

São as competências produtivas.

- O domínio da lecto escritura: Saber ler e escrever não é a alfabetização por si só, é uma necessidade de sobrevivência;
- Capacidade de fazer cálculos e resolver problemas: Na vida diária e no trabalho é fundamental saber calcular e resolver problemas;
- Capacidade de descrever, analisar e interpretar dados, fatos e situações: para serem produtivos na escola, no trabalho e na vida como um todo, os educandos deverão aprender a expressar-se com precisão por escrito;
- Capacidade de compreender e atuar em seu entorno social: A construção de uma sociedade democrática e produtiva requer que crianças e jovens recebam informações e formação que lhes permitam atuar como cidadãos;
- Capacidade de receber criticamente os meios de comunicação: Um receptor crítico dos meios de comunicação é alguém que não se deixa manipular como pessoa, como consumidor, como cidadão;

Continuação

- Capacidade de localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada: Em um futuro bem próximo, será impossível ingressar no mercado de trabalho sem saber localizar dados, sem saber como usar essa informação para resolver problemas;
- Capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo: forma-se cotidianamente por meio de um modelo de ensino-aprendizagem autônomo e cooperativo (educação personalizada em grupo).

4) Aprender a conhecer:

São as competências cognitivas.

- Aprender a aprender: É o autodidatismo. O homem volta a ser um caçador, mas agora de conhecimento ao longo de sua vida.
- Ensinar o ensinar: É o desenvolvimento de habilidades didáticas.
- Conhecer o conhecer: Trata-se de preparar o ser humano para produzir conhecimentos e não apenas assimilá-los.

A proposta orçamentária anual, conforme dados fornecidos pelo Projeto Esporte Clube Cidadão, é de R\$ 656.748,24 distribuídos conforme segue:

Recursos Humanos	438.372,24
Material Didático-Pedagógico	8.640,00
Material Administrativo	816,00
Alimentação	179.520,00
Água, Luz, Telefone, Gás, Contribuições	24.000,00
Manutenção e Conservação	5.400,00
Total	656.748,24

Fonte: ACM (ESPORTE..., 2006)
Nota: Atendimento para 400 crianças/adolescentes dia

O IDDC, segundo seu endereço eletrônico (IDDC..., 2006) é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com atuação no Estado do Rio Grande do Sul, com objetivo de buscar a promoção social de crianças, adolescentes, famílias e idosos, através do esporte educacional. Os integrantes do IDDC são pessoas físicas voluntárias que têm interesse no fomento de ações e programas sociais que buscam o desenvolvimento e a formação do cidadão voltado para a prática do bem comum, solidariedade e participação.

Tem por objetivos:

- Priorizar o atendimento às famílias, crianças, adolescentes e idosos em situação de vulnerabilidade social, através do esporte educacional/participativo; Incentivar o desenvolvimento sustentável de ações sociais, através da estruturação de seu autofinanciamento;

Continuação

- Incentivar o exercício da Responsabilidade Social, mediante parcerias duradouras, visando minimizar as demandas das comunidades desfavorecidas; Incentivar o estudo e o debate de questões jurídicas, sociais e econômicas relativas à área do esporte educacional;
- Colaborar com os Governos Municipal, Estadual e Federal nos estudos e soluções dos problemas que se relacionem com o resgate da cidadania e a melhoria da qualidade de vida das comunidades vulneráveis.

Carlos Caetano Bledorn Verri, “Dunga”, segundo seu endereço eletrônico oficial (PROJETOS..., 2006), considera que a prática do desporto educacional, entre outras alternativas, é uma das mais eficazes na preparação da criança e do adolescente para a vida, visto que o desporto utilizado como forma de inserção social proporciona pleno desenvolvimento e formação do cidadão, pois conduz para a prática do bem comum. Através do IDDC, participam diversos projetos sociais da ACM, do Ministério do Esporte e Turismo, do Ministério da Educação, do Instituto do Câncer Infantil, entre outros. Uma das ações Instituto Dunga é a parceria com a ACM de Porto Alegre, através do Projeto Esporte Clube Cidadão, que busca o resgate da cidadania de crianças, jovens e idosos, em situação de risco social no Bairro Restinga em Porto Alegre. Através deste projeto, busca-se oportunizar mudanças significativas na vida dos participantes.

3.4 Universo dos Educandos

Para avaliar melhor o universo dos educandos, utilizei a pesquisa quantitativa através de um questionário a fim de construir uma amostra do perfil sócio econômico e cultural dos(as) educandos(as) participantes do Projeto Esporte Clube Cidadão, os

quais em conjunto com as entrevistas e observação participante auxiliaram na análise deste estudo.

Ao longo desta observação, examinou-se, dentro de um referencial-teórico, a exclusão social em suas múltiplas facetas, o esporte como uma possibilidade de ressocialização e de “inclusão social”. Na metodologia, apresentei os métodos utilizados para a pesquisa deste estudo de caso que esteve voltada para problematizar os diferentes modos de percepção do trabalho desenvolvido pela ACM que busca proporcionar “inclusão social” por meio do esporte.

Procura-se aqui investigar, através destes dados, os serviços oferecidos pela instituição, os sentidos atribuídos a elas pelos educandos, bem como pelos seus familiares e comunidade.

3.4.1 Pesquisa Quantitativa – Questionário: dados da amostra

A amostra desta pesquisa quantitativa corresponde a cento e dois questionários aplicados junto aos participantes do Projeto Esporte Clube Cidadão. Embora não fosse obrigatório responder houve adesão total. Destes, cinquenta e cinco compostos pelo sexo masculino e quarenta e sete pelo sexo feminino, variando entre 09 e 11 anos de idade, distribuídos entre a terceira e a quinta séries escolar, conforme tabelas e gráficos a seguir:

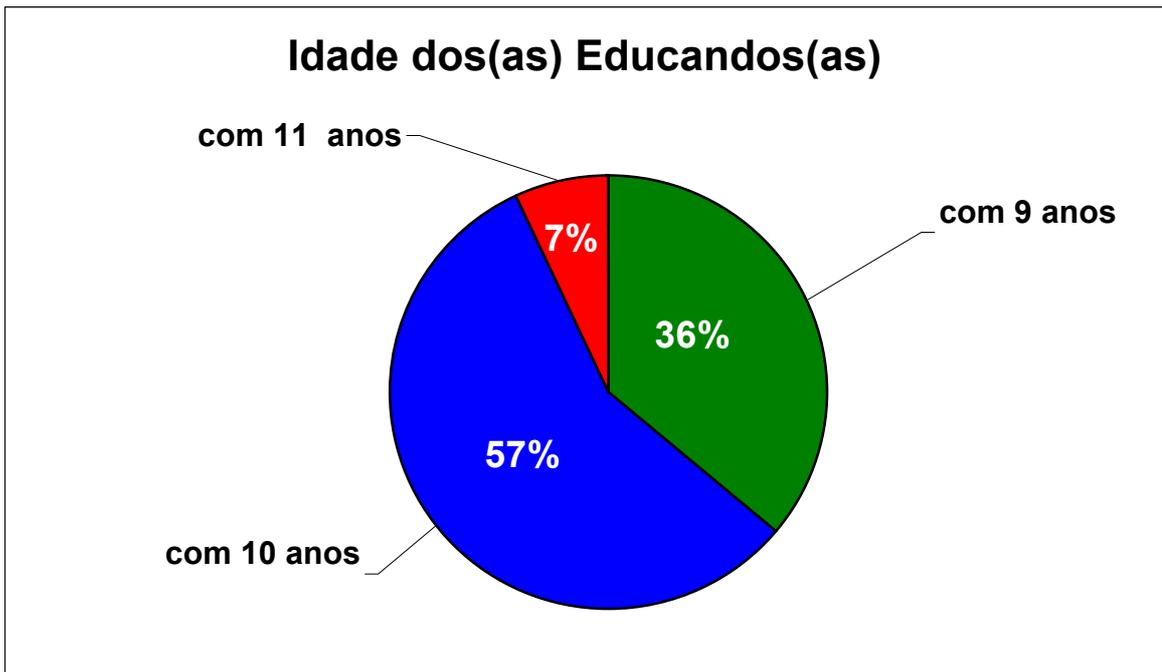


Gráfico – 1: Idade dos(as) Educandos(as) – PECC
Fonte: Dados conforme amostra do Questionário

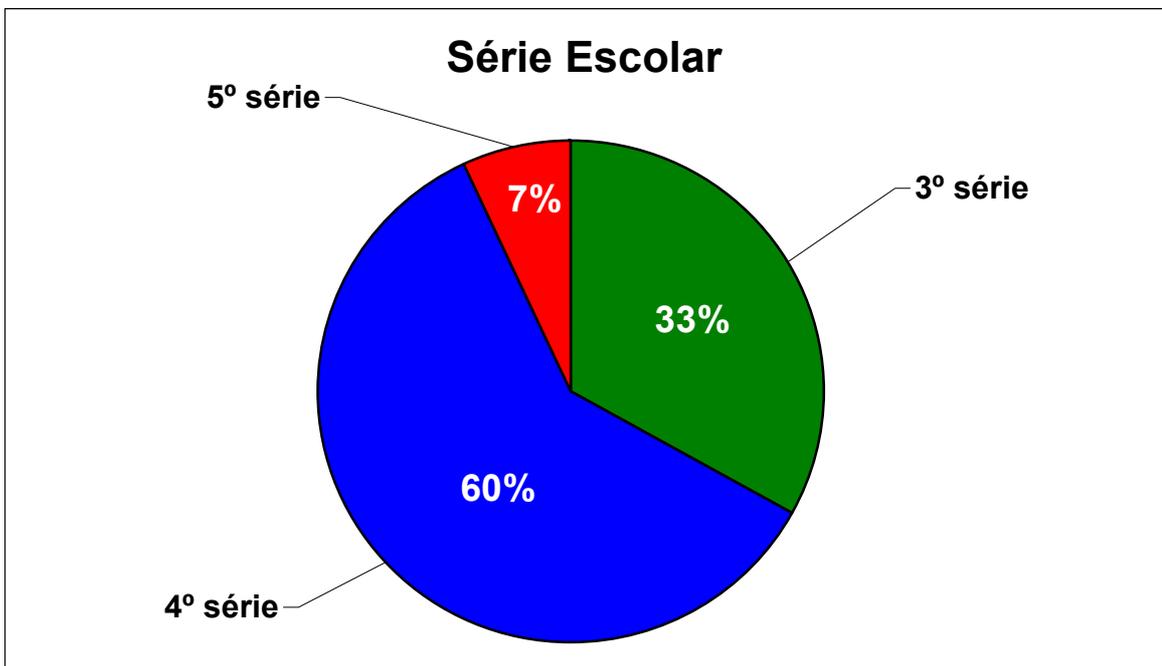


Gráfico – 2: Série Escolar dos(as) Educandos(as) - PECC
Fonte: Dados conforme amostra do Questionário

Por meio da amostra dos questionários, observa-se que os índices referentes aos(às) educandos(as) estarem estudando são efetivos, conforme a proposta do Projeto Esporte Clube Cidadão, embora se constate que absolutamente não há crianças que apresentem defasagem escolar prévia ao ingresso no projeto.

Entrevista realizada no dia 09/06/06 no Projeto Esporte Clube Cidadão, ACM – Restinga Olímpica com o professor e Coordenador do Projeto Rodrigo Boneti, em relação aos participantes do Projeto estarem estudando: “[...] *se não estão estudando agente encaminha e tem que ter uma freqüência naquela escola, não adianta estar matriculado e não ir*”.

A Entrevista com “Luciana”, mãe de uma educanda e um educando, reafirmam está condição: “A menina vem três vezes por semana durante a manhã, porque ela estuda à tarde, e os dois dias que a “Juliana” não tem, ela fica com a vizinha ali perto de casa”. “Luciana”, mãe de “Juliana”, diz ainda: “*O que gostei é que no projeto tem pedagogia, e isso ajuda bastante eles, o meu agora está fraco em duas matérias e aqui dentro estão dando o maior apoio pra ele nessas matérias*”. A entrevista com “Marcia”, mãe de dois educandos assinala: “[...] *agora eles têm compromisso com o projeto e com a escola, aí eles mesmos se cobram, porque aqui eles também são cobrados*”.

Como um dos indicadores tradicionalmente empregados para aferir exclusão social consiste na defasagem escolar, constatamos que os educandos e as educandas do Projeto Esporte Clube Cidadão não apresentam tal defasagem, ou seja, os educandos e educandas estão nas séries escolares adequadas, portanto estes dados indicam que os participantes do projeto não se encontram “excluídos” em relação a este item.

3.4.1.1 Composição de Habitantes por Residência dos(as) Educandos(as) e Responsáveis pelo Encaminhamento dos Educandos ao PECC

A residência dos(as) educandos(as) é composta, em média, por sete pessoas, incluindo estes. De acordo com as entrevistas abertas, constata-se que 86% das mães e 14% dos pais foram responsáveis pelo encaminhamento dos educandos(as) ao Projeto Esporte Clube Cidadão.

O gráfico a seguir ilustra esta situação:

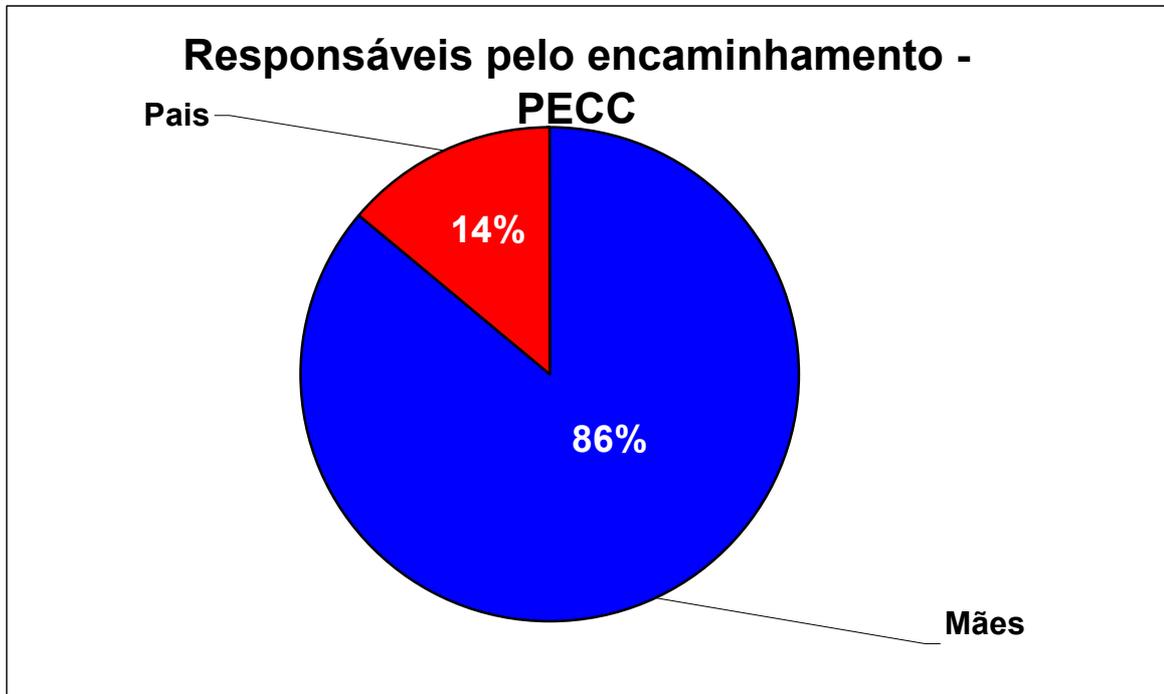


Gráfico – 3: Responsável pelo encaminhamento ao PECC

Fonte: Dados conforme amostra do Questionário e Entrevistas

A entrevista com “Luis”, Líder Comunitário do Bairro Restinga, colabora para enfatizar estes índices: “[...] *aqui em especial a mãe é que conduz a família, ou seja, ela tem o papel de chefe de família. Isso em 80% das casas, é a mãe que comanda os filhos, a casa. Isso é uma carga muito grande, e algo difícil de se fazer*”.

3.4.1.2 Pais e Mães que Trabalham

Os pais dos(as) educandos(as), participantes do Projeto Esporte Clube Cidadão, que trabalham são 80% e as mães 76%, conforme gráfico a seguir:

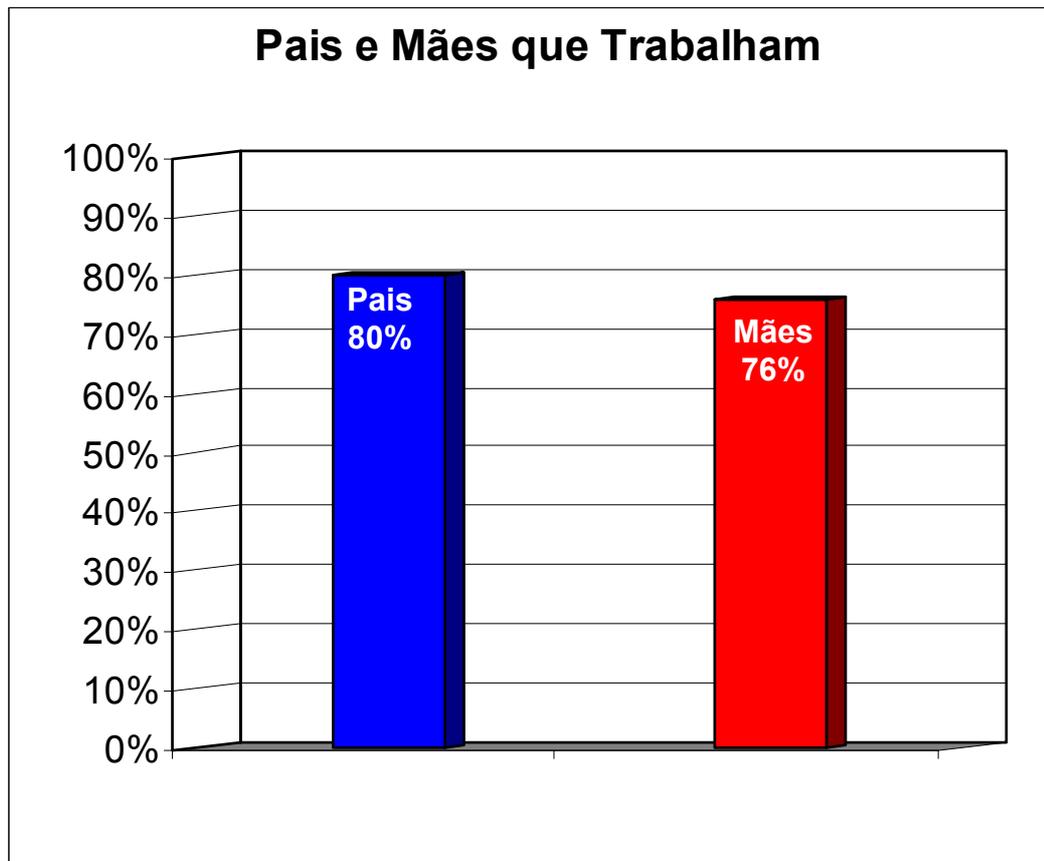


Gráfico – 4: Pais e Mães dos Educandos do PECC que Trabalham
Fonte: Dados conforme amostra do Questionário

Como se verifica no gráfico é alto o percentual de pais e/ou mães que trabalham formalmente, estando inseridos no mercado de trabalho e apresentando; portanto, uma renda familiar mínima, bem como uma organização familiar/doméstica prévia ao ingresso no projeto, que se reflete em itens como escolarização dos filhos e alimentação básica.

As profissões são variadas conforme tabela a seguir:

Tabela 06
Profissão dos pais dos(as) educandos(as) do PECC

Quantidade	Profissões
18	Não sabem a profissão dos pais
10	Pedreiro
08	Segurança
07	Limpador
06	Cozinheiro
06	Cobrador
05	Papeleiro
05	Lixeiro
05	Serralheiro
05	Policia
05	Vendedor
05	Eletricista
04	Guarda
04	Motorista de ônibus
04	Caminhoneiro
02	Pai falecido
02	Pedagogo
01	Professor

Fonte: Dados conforme amostra do Questionário

Tabela 07
Profissão das mães dos(as) educandos(as) do PECC

Quantidade	Profissões
17	Faxineira
12	Donas de casa
12	Não sabem a profissão da mãe
08	Artesã
07	Garçonete
07	Vendedora
07	Camareira
06	Cozinheira
06	Babá
06	Gari
05	Secretária
04	Agente comunitário de saúde
04	Estagiária
01	Professora

Fonte: Dados conforme amostra do Questionário

Verificamos, nas amostras dos questionários, que as profissões das mães apresentam atividades mais próximas da informalidade – trabalho sem carteira assinada – mas deixam clara a participação delas na renda familiar, além de uma estrutura familiar relativamente sólida.

3.4.2 Gênero: Interações entre Educandos e Educandas

Realizamos este recorte destacando a discussão e reflexão acerca das interações entre educandos e educandas relacionadas as suas relações de gênero, uma vez que as análises dessas interações proporcionam a compreensão das relações existentes no cotidiano pautados pelo diálogo, pela confiança, pelo respeito, curiosidades, medos e ansiedades peculiares, vivenciados no ambiente da instituição. As observações-participantes e entrevistas proporcionaram entender a organização dos espaços das atividades e brincadeiras bem como suas características particulares em cada grupo.

Gênero, conforme Sousa e Altmann (1999), é uma construção social que determinada cultura institui ou escolhe em relação a homens e mulheres. Nesse sentido, o gênero enfatiza o caráter social das divisões com base no sexo, possibilitando entender as representações e apresentações das diferenças sexuais. Além das diferenças biológicas, ressaltam as autoras, existem as diferenças social e cultural construída entre homens e mulheres. Assim, a ênfase do conceito de gênero, em relação à construção social das diferenças sexuais, não despreza as diferenças biológicas entre homens e mulheres, considera-se que através destas outras são construídas. Gênero, por levar em conta o sexo oposto, é considerado uma categoria relacional, ou seja, tem seu relacionamento com outras categorias, as pessoas não são vistas somente com o seu sexo ou a maneira com que a cultura o "moldou", de forma mais ampla, as pessoas são classificadas conforme a idade, classe social, raça, peso corporal, entre outras.

Por intermédio de uma proposta pedagógica igualitária, os educadores utilizam-se de atividades mistas, buscando, em termos de gênero, que meninos e meninas possam ocupar os mesmos espaços estando eles submetidos a uma mesma rotina. Existe uma preocupação dos educadores para que todos estejam sempre incluídos em todas as atividades, assim, cumprindo com a proposta pedagógica. É importante salientar que a instituição, através do seu projeto, está relacionada ao esporte em geral e não somente ao futebol, embora grande parte dos meninos seja atraída pelo fato do projeto receber apoio dos jogadores de futebol Dunga e Tinga, sempre existindo uma expectativa de profissionalização no futebol,

entretanto, a participação masculina tanto quanto a feminina são homogêneas, com pequenas variações, conforme o dia.

Todavia, as diferenciações de gênero aparecem mais efetivamente na segunda parte das atividades físicas, atividades livres, embora sejam de livre escolha dos(as) educandos(as), os educadores permanecem presentes dando suporte no que julgam necessário e/ou são solicitados. Embora ocorram jogos de vôlei, basquete ou handebol, as questões relacionadas a gênero são efetivamente mais visíveis nos jogos de futebol, mesmo aqueles orientados pelos educadores em que os times são mistos.

As meninas encontram dificuldades de praticar este esporte com os meninos por elas serem, conforme eles, "*mulheres*" e "*futebol é jogo pra homem*", além de serem consideradas mais fracas e menos habilidosas, assim, conseqüentemente os meninos resistem em passar a bola para elas, conforme depoimento do educando "Ricardo", dez anos, "*As brincadeiras e jogos são legais, mas no jogo [de futebol] eles botam as gurias junto e elas não sabe jogar e atrapalham o jogo, aí é ruim*". Já o educando "Diogo", doze anos: "*Respeitamos [as educandas], mas fica meio difícil jogar com elas [...] Ah, porque elas são gurias né, não têm a mesma habilidade que os gurus, né?*". Sob este aspecto, fica evidente a questão de estereótipos¹⁹ de gênero existente neste tipo de esporte.

É importante considerar que crianças e jovens trazem conhecimentos a respeito de crenças, valores e comportamentos adquiridos junto aos adultos, na televisão, nos quadrinhos, nos grupos de amigos que apresentam estereótipos de gênero relacionados à masculinidade e feminilidade.

Embora seja quase de total unanimidade por parte das educandas a afirmação que os educandos as respeitam de forma geral, em especial no futebol, segundo depoimento da educanda "Sara", doze anos:

É, respeitam porque assim eu tenho mais convivência com os gurus sabe, assim, porque desde que eu entrei aqui eu só ando com os

¹⁹ Estereótipos são crenças, conjunto de idéias, rótulos, que se usa para determinadas situações de uma forma mecânica, sem questionamentos. Aqui vale diferenciar preconceito de estereótipo. Preconceito pode ser considerado um tipo de estereótipo, vem a ser uma idéia estereotipada que as pessoas adquirem antes de ter contato com a situação, depois que conhecemos as realidades, nossa idéia sobre a determinada situação passa a ser chamada de estereótipos, Paim (2006).

guris sabe? Eu não sei, são as coisas sabe, só ando com os guris, e é meu primeiro mês que eu jogo futebol mais com eles, eles tocam pra mim, eu fico no gol.

Já a educanda “Daniela”, onze anos, afirma que “*Não é tranquilo, têm as vezes que tem sim [conflito] [...] às vezes eles respeitam a gente*”, a participação das educandas nos jogos de futebol fica em torno de cinqüenta por cento. Quando estes são mistos, ocorrem variações como educandos contra educandas e educandas contra educandas com menor proporção de partidas. O depoimento da educanda “Isabela”, doze anos, confirma este tipo de atuação “[...] *de vez em quando estão jogando só os guris, a gente pega outra bola e vai jogar com as gurias porque é difícil eles deixarem as gurias jogarem bola*”. Ainda segundo a educanda “Isabela” [os meninos] *só não deixam as meninas jogar bola quando elas ficam gritando, muitas vezes elas montam o time, o time delas, e jogam na outra quadra [...] daí elas tem que montar um time com quatro guris*“ [jogo de futebol educandos versus educandas]. Em relação aos times mistos, a educanda “Isabela” afirma que o jogo é tranquilo com exceção quando “[...] *tirando quando as gurias começam a gritar . Porque de vez em quando os guris do time delas não passam pra elas começam a gritar ‘passa aqui’ [...] e quando elas fazem falta, elas falam que não foi falta*“. Perguntado a educanda “Sofia”, dez anos, se era tranquilo jogar com os meninos esta responde “*Claro né, algumas gurias não gostam de jogar porque eles não passam a bola pra elas*”.

As educandas que não participam do jogo de futebol jogam outros jogos como vôlei, basquete, handebol ou outras brincadeiras como de casinha, de arco, ping pong, pega-pega, entre outras. Convém dar relevo, embora a maioria dos educandos prefira futebol, as atividades de esportes são variadas e algumas adaptadas sendo distribuídas entre futebol, vôlei, basquete e handebol. No entanto, através do estudo etnográfico, percebe-se que as meninas, embora ainda longe de ser a maioria, passam a praticar o futebol como esporte.

Através da observação constatei, com a exceção do futebol, as outras atividades esportivas mantêm se com certa equidade de participação de educandos e educandas. Os níveis de tensão e conflitos ocorrem em maior número e intensidade nos jogos de futebol. No entanto, esta tensão está relacionada, conforme Stigger (2002), a tensão que difere daquela que é proporcionada por

atividades como o trabalho, ou seja, uma tensão agradável. Os conflitos e tensões estão relacionados, também, às regras, atividades esportivas são mais competitivas, quando são vistas como lazer, os conflitos são diminuídos como nas outras atividades realizadas.

Em um estudo realizado em um projeto dedicado exclusivamente ao jogo de futebol, Guedes, Oliveira Filho e Novaes afirmam "Pelas próprias características assumidas pela prática do futebol no Brasil, como "jogo pra homem", [...] este projeto social atrai um número muito maior de meninos do que de meninas" (2004, p. 170).

Projetos sociais, como este que foi focalizado por nosso estudo, através de ações pedagógicas que visam à igualdade de gênero, pode proporcionar práticas conjuntas entre meninas e meninos tornando possível que os espaços sejam ampliados para que haja uma construção de relações igualitárias, ou seja, tornando menos hierarquizadas as relações de gênero.

As dimensões de gênero ficaram evidentes na prática do esporte, como é o caso do jogo de futebol, dentro da concepção de masculino e feminino mesmo num contexto que busca envidar esforços para que ocorra transformação nas relações entre homens e mulheres baseadas na liberdade, igualdade e participação, como no caso do projeto aqui apresentado.

3.4.3 Poder: Interações dos(as) Educandos(as) com os Educadores e Equipes Dirigentes

A interação dos educandos e educandas relacionada aos educadores e equipe dirigente, através da observação participante, configurou-se como predominantemente positivas, centradas em especial na figura do educador e das pessoas de apoio com quem têm mais contato. Na sua grande maioria, os(as) educandos(as), afirmavam gostar de fazer parte do grupo a que pertencem, aceitam e respeitam os ícones de autoridade que se fazem presentes. Pode-se considerar que os beneficiados pelo projeto consideram que o grupo tem semelhança ao de uma família de caráter ideal tendo como centro aglutinador das escolhas positivas os educadores, os quais são respeitados e admirados.

O relato da educanda "Sofia", dez anos, na entrevista aberta, atesta a questão de interação positiva existente entre educanda e educador:

Eu gosto de vir pra cá, porque é uma satisfação melhor do que ficar na rua, aí eu venho pra cá e a gente faz teatro, depois à noite nós temos outras coisas, a gente vai pra quadra tiramos um montão de fotos. E todo professor tem seu jeito né, chega e dá um puxão pra dizer o que não faz assim, mas tudo bem.

Segundo a educanda "Maria", dez anos: *"Eu gosto dos professores eles são legais, às vezes eles jogam com a gente, às vezes eles ficam de juiz do jogo. Quando eles jogam é mais legal, a gente se diverte mais. Eles são legais"*.

A educanda "Viviam", 11 anos comenta:

Eu acho eles muito legais. Eles são divertidos, brincam com a gente quando a gente faz alguma coisa errada eles conversam nos tiram do jogo para conversar e depois a gente volta. Quando dá confusão, eles param e sentam todos para conversar. Eu acho bom o jeito que eles dão aula.

A competência dos educadores para mediar situações conflituosas e valorização da auto-estima dos(as) educandos(as) é a grande responsável por essa admiração que os educandos expressam. Muitos dos beneficiados do projeto vêm desde o início deste, muitos fazem questão que os educadores participem dos jogos, além de se identificarem com os educadores que moram no bairro Restinga.

3.4.4 Habilidades: Motivação Para as Atividades e Respective Interesses

Por meio das entrevistas realizadas, identifiquei os diferentes níveis de motivação e interesses dos(as) educandos(as) pelas atividades oferecidas pelo Projeto Esporte Clube Cidadão, conforme gráfico a seguir :

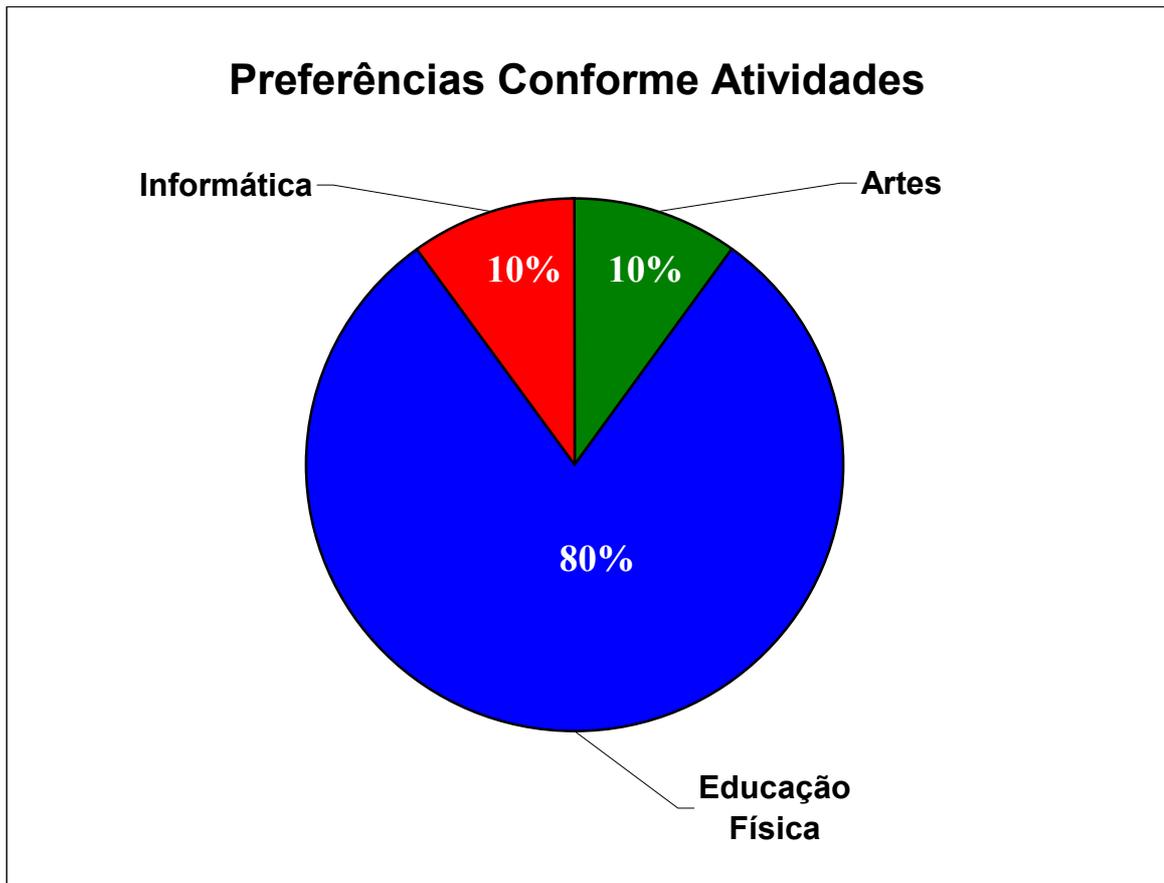


Gráfico –5: Modalidade e Percentual das Preferências de Atividade
Fonte: Entrevistas juntos aos participantes do PECC

Como se pode observar, o maior interesse e o grande motivador dos(as) educandos(as) é a educação física. Nas preferências, especificando, entre os educandos, está o futebol em primeiro lugar, com noventa por cento da preferência, seguida da informática, com um índice de dez por cento. Numa opção secundária, permanece o índice de noventa por cento com o futebol, acrescido de dez por cento nas artes.

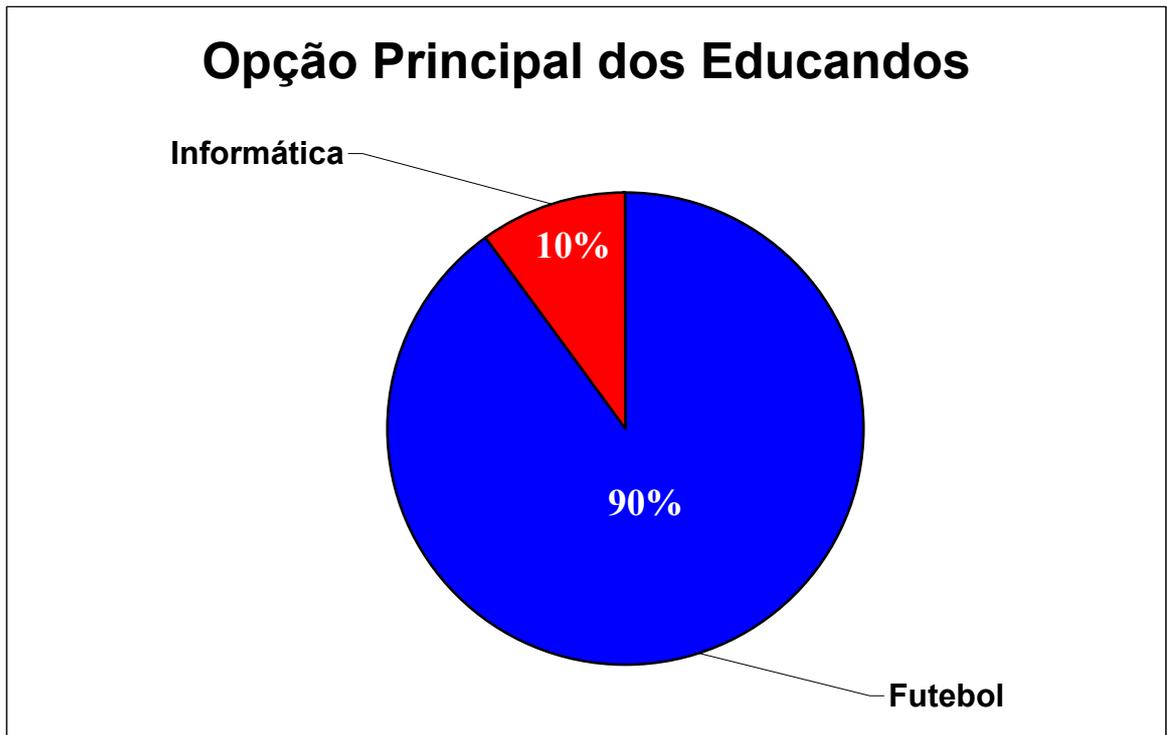


Gráfico – 6: Opção Principal dos Educandos em Relação às Atividades
Fonte: Dados conforme entrevistas

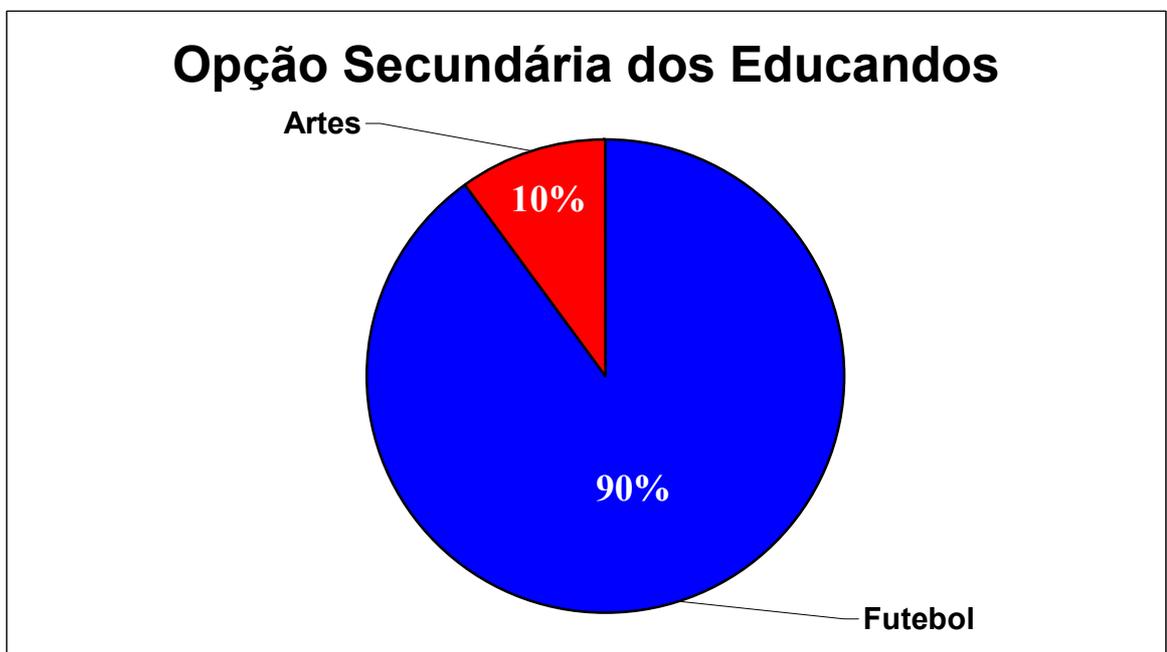


Gráfico – 7: Opção Secundária dos Educandos em Relação às Atividades
Fonte: Dados conforme entrevistas

A preferência dos educandos pelo esporte como atividades no Projeto Esporte Clube Cidadão fica evidente na declaração de “Francisco”, doze anos, referindo-se a significância do projeto para ele:

O que o projeto representa para você?

O projeto é um esporte, tudo.

O que tu acha te ajuda?

Aprender.

Aprender o quê?

Aprender várias coisas.

Uma mais importante, uma só?

A me tirar da rua.

Embora a preferência seja o jogo de futebol os educandos participam de outros esportes, segundo afirma o educando “Diogo”, doze anos, quando perguntado se ele só jogava futebol: *“Não, não, eu jogo basquete e outros esportes educativos também né”*.

Quanto à questão de preferências com menor percentual dos educandos é oportuno transcrever as falas de “Rafael”, onze anos:

O que você mais gosta aqui no projeto?

Informática. Acho mais divertido fica brincando com o computador.

Nas aulas de informática vocês ficam ali brincando?

Pesquisando.

Nas preferências das educandas, encontramos quarenta por cento com preferência pelo vôlei, quarenta por cento no futebol e vinte por cento no basquete.

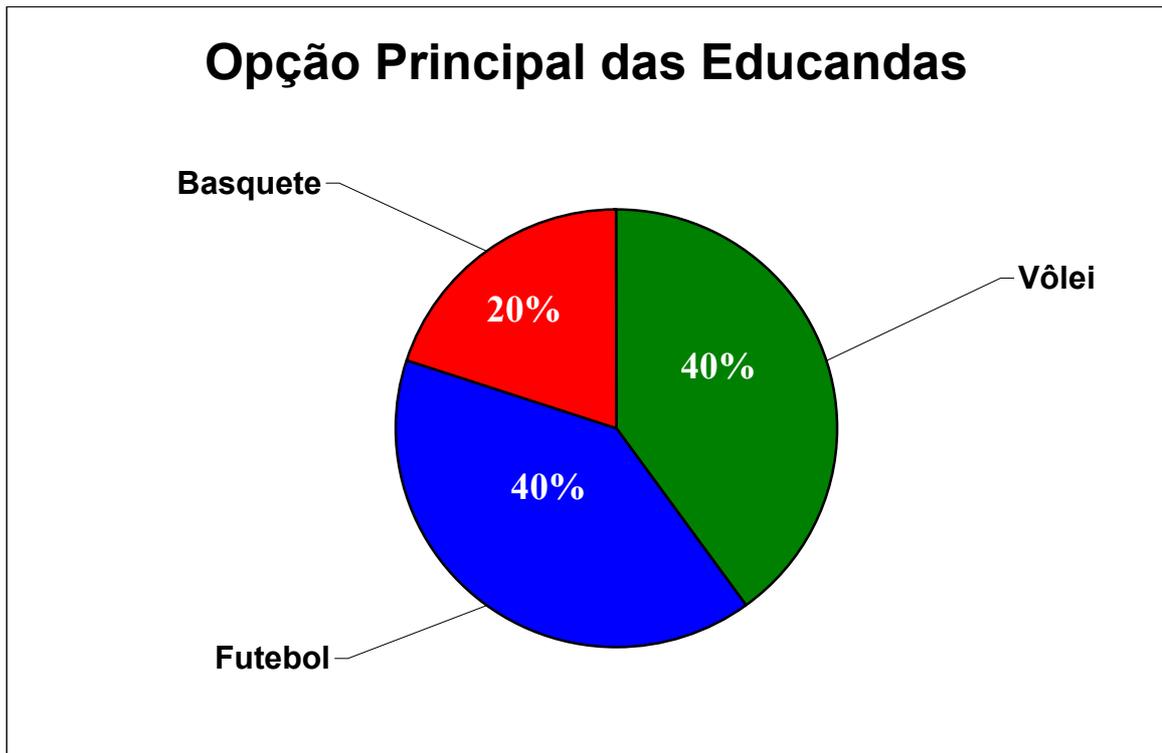


Gráfico – 8: Opção Principal das Educandas em Relação às Atividades
 Fonte: Dados conforme entrevistas

Em relação à preferência das educandas pelo esporte, observa-se ser variada, vejamos “Sofia”, doze anos: *“A gente tem aula com o professor aqui e com o grupo e eu gosto mais de vôlei do que futebol”*. “Isabela”, doze anos, tem preferência por jogar Futebol. *“Jogo com os guris porque vai eu e quatro guris”*.

Como opção secundária, encontramos como preferência pelas educandas vinte e cinco por cento pelas artes, vinte e cinco por cento pelo apoio pedagógico e cinquenta por cento pelo futebol. Os gráficos a seguir exemplificam essa diversidade de interesses, apontando também para a preferência da prática esportiva na maioria das modalidades.

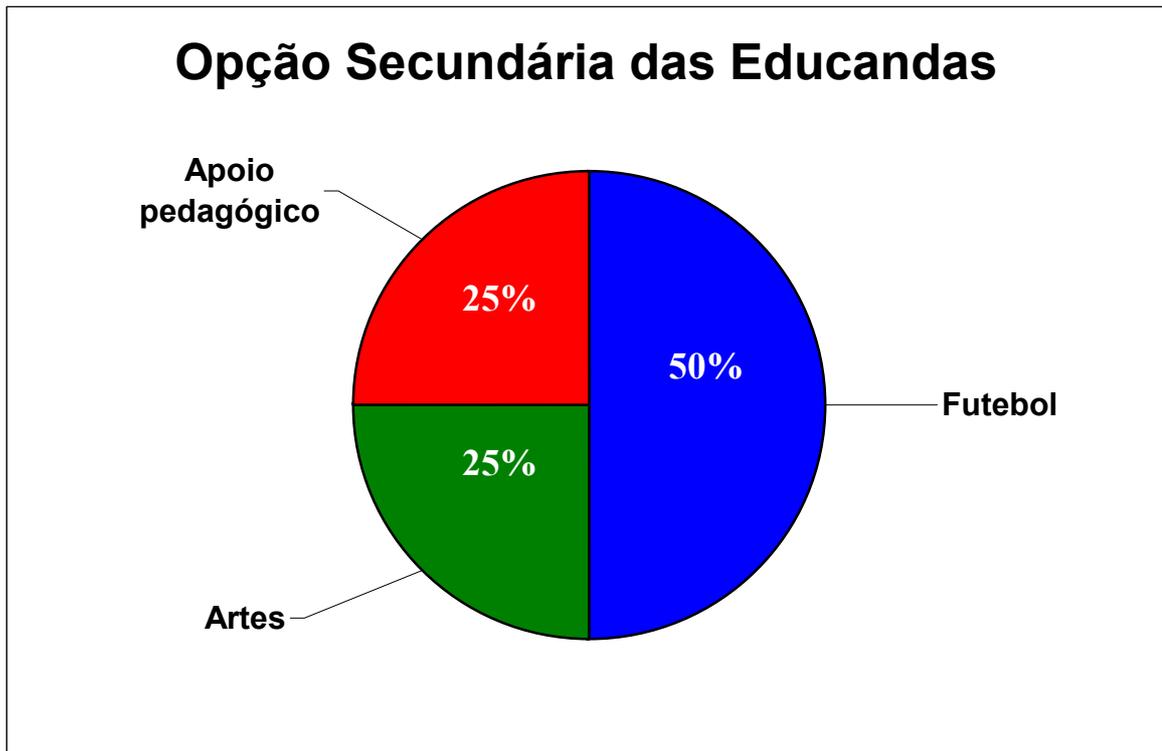


Gráfico – 9: Opção Secundária das Educandas em Relação às Atividades
Fonte: Dados conforme entrevistas

A preferência das educandas pelo esporte como atividades no Projeto Esporte Clube Cidadão também é efetiva e fica evidente com a declaração de “Daniela”, onze anos, declara:

Antes de vir para o projeto onde você ficava?

Em casa eu não fazia nada. Só via TV ou saía pra brincar na rua.

O que você mais gosta aqui no projeto?

Da Educação Física. Primeiro a gente faz duas brincadeiras, três, aí depois a gente tem um momento livre.

A educanda “Isabela”, doze anos, declara que gosta de “*Educação Física e artes*”. Declara em relação ao Apoio pedagógico: “*Melhorou muitas coisas até no colégio porque tu tens acompanhamento escolar no esporte*”. [Você faz os temas aqui?] “*Aham, quando tem tema, trabalho*”. A educanda “Maria”, doze anos, não estava estudando antes de começar a frequentar o projeto, segundo ela, frequentar o projeto “[...] *ajuda a estudar, a não ficar em casa*”.

De forma geral, há atividades que os(as) educandos(as) não gostam de realizar e há atividades que eles gostam de praticar no PECC. Vejamos o gráfico a seguir:

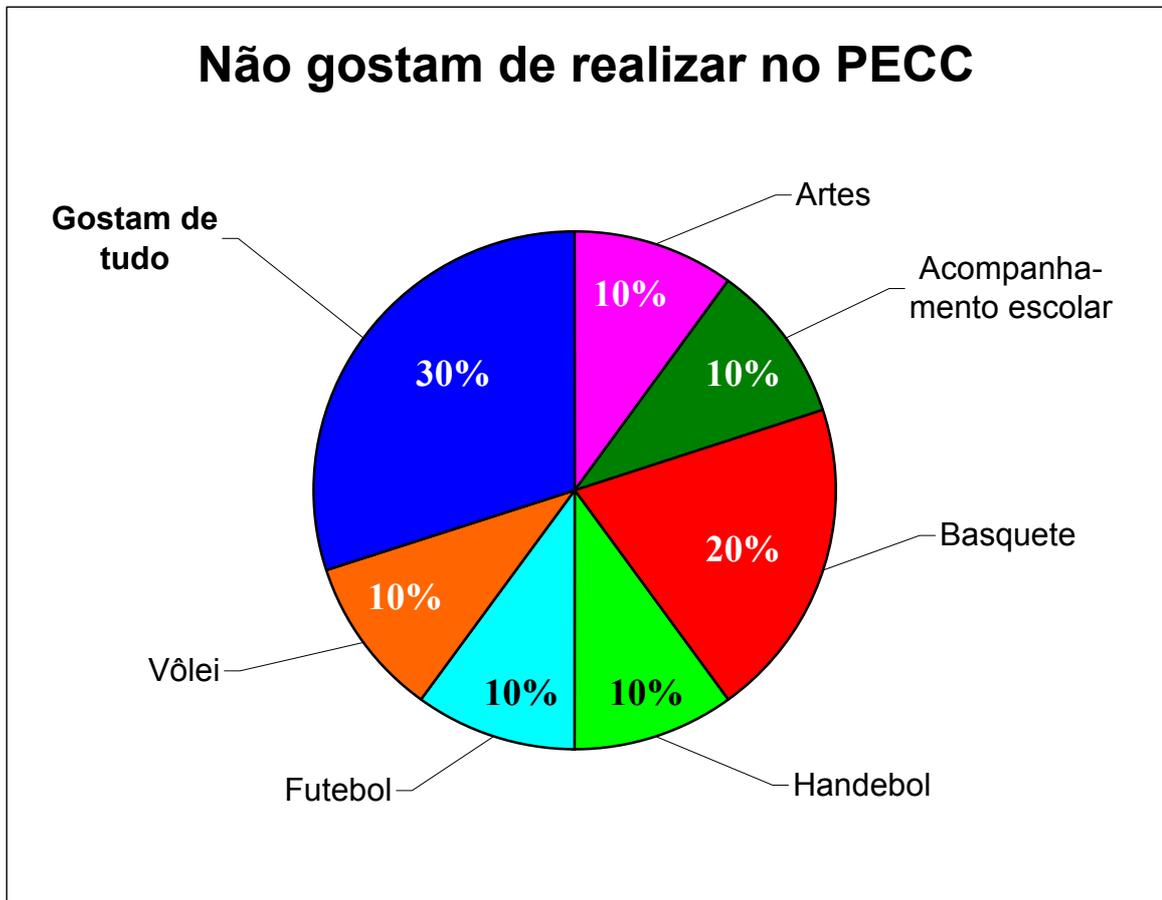


Gráfico –10: O Que os Educandos(as) Não Gostam de Realizar no PECC
Fonte: Dados conforme entrevistas

Importa, neste ponto do estudo, salientar que o fato de os(as) educandos(as) não terem preferência por determinada atividade não significa que não participem dela, apenas denota a opinião deles, muitas das atividades são adaptadas para que todos participem, a ação dos educadores é imediata quando ocorre algum caso de um(a) dos(as) educandos(as) não quererem participar de uma atividade. Quando isso ocorre, os(as) educando(as) são orientados ou é desenvolvido algo paralelo para que estes não se sintam excluídos seja qual for o motivo.

Os beneficiados pelo projeto são unânimes em afirmar que comparecem às atividades porque gostam, não há necessidade de que os seus responsáveis os

mandem freqüentar. De certa forma, os responsáveis dizerem que irão “tirar” um educando ou uma educanda do projeto representa uma forma de “punição” como relata o educando “Rafael”, onze anos:

Se eu não gostasse, já tinha saído há muitos anos. Já era pra mim ter saído.

Por quê?

Ah! deu umas confusões ali com os guris que eram meus amigos e daí ela [mãe] disse que queria me tirar.

Deu confusão fora daqui é isso?

Aham. Daí eu quis ficar.

As educandas “Sofia”, doze anos, afirma “Gostei [de vir para o projeto]. *Eu saio da aula e venho para cá*” e “Daniela”, onze anos, Hoje você vem para o projeto porque você gosta ou por que teus pais querem? “Porque eu gosto”.

Durante a pesquisa percebi que os educandos e as educandas sentem se acolhidos pelo projeto, sendo este um dos fatores motivador de participação e interesse.

Torna-se oportuno transcrever as falas de educandos e educandas relativo às suas atividades antes de começarem a freqüentar o Projeto Esporte Clube Cidadão.

Depoimento da educanda “Sara”, doze anos:

Quando tua mãe chegou a tua casa e disse que você ia vir para o projeto o que você achou?

Ah!, eu achei legal porque eu queria entrar, porque assim na minha rua antes só tinha os guris que fumava guris assim sabe, e aí era ruim eu fica ali no meio daquilo entendeu, daquilo, mas agora esta melhor.

Às vezes, eu ficava na rua, às vezes só dentro de casa porque naquela época minha mãe trabalhava, né, daí eu ficava em casa com meus irmãos.

Segundo o educando “Diogo”, doze anos, antes de freqüentar o projeto: “Ah, eu ficava brincando na rua”. O educando “Guilherme”, doze anos, tinha o mesmo destino “Ah, ficava na rua brincando”. Já o educando “Angelo”, dez anos, “Ficava em

casa olhando TV". A educanda "Maria", doze anos: *"Eu ficava arrumando a casa. Saía [para brincar na rua]"*.

Face ao exposto, cumpre assinalar que o esporte, como uma ferramenta que integra meninos e meninas a outras atividades colabora para um determinado nível de "inclusão social", já que os educandos e as educandas participam de oficinas de artes, têm aulas de informática, acompanhamento pedagógico e têm que permanecer matriculados em escola regular, cumprindo assim o seu papel, haja visto que a grande maioria dos educandos e educandas participantes do Projeto Esporte Clube Cidadão sentem-se atraídos pelo esporte.

O fato de o projeto estar relacionado ao esporte em geral e não somente ao futebol faz com que a presença tanto masculina quanto feminina seja homogênea, com pequenas variações conforme o dia. Grande parte dos educandos é, também, atraída pelo fato do projeto receber apoio dos jogadores de futebol Dunga e Tinga, sempre existindo uma expectativa de profissionalização no futebol, ou seja, ser visto por olheiros²⁰. O educando Diogo expressa essa expectativa *"Gosto dos esportes, mas gosto mais de jogar bola e meu ídolo é o Dunga, um dia eles [olheiros] podem me ver jogando e aí me contratam"*.

No entanto, em nossa observação, não percebemos a presença dos chamados "olheiros". A equipe dirigente afirma que esta não é a intenção do projeto e não compactua com este tipo de "profissional".

3.4.5 Comunidade: A Percepção da Sua Origem Social e do Projeto Esporte Clube Cidadão

Por intermédio das entrevistas verifiquei como a comunidade percebe sua origem social e como entende o Projeto Esporte Clube Cidadão. Há também o modo como se processa o papel de agente formador de cidadania condicionado pela especificidade do contexto socioeconômico no qual se incluem, levando em consideração a permanente interação com os atores beneficiados pelo projeto.

²⁰ Nome que se dá aos profissionais encarregados de descobrir novos talentos na área do esporte, em especial, neste caso, o futebol.

O relato do Líder Comunitário “Luis” apresenta a visão que este tem da realidade social do Bairro Restinga e do Projeto Esporte Clube Cidadão:

Eu moro aqui na Restinga há 15 anos. A Restinga não cresceu, ela inchou. Virou um dormitório, porque nós temos um distrito industrial aqui que não funciona. Temos pouca gente que mora e trabalha aqui, porque temos poucas oportunidades de emprego. O comércio é pouco aqui, então o pessoal têm que sair daqui e ir pra Zona Norte, inclusive Canoas, Sapucaia do Sul.

Então a gente trabalha muito em cima disso né, que a Restinga não teve um crescimento, ela foi inchada. Veio moradores de toda a parte de Porto Alegre, foi aquela inclusão social né. Nos anos 60, a Restinga foi excluída, os bairros, aquelas vilas do centro de Porto Alegre, jogaram tudo pra cá.

O Líder Comunitário “Luis” comenta a questão da emancipação do Bairro Restinga:

Nós somos contra a emancipação da Restinga porque pra isso tem que se ter recurso, através do imposto, então quem vai sofrer vai ser o morador, que vai ter que pagar o IPTU aqui da região, já que não tem recursos financeiros de empresas. Então não tem como a Restinga se emancipar. Uma que a passagem se tornaria mais cara. Então isso para nós é prejuízo.

A questão dos pontos positivos e negativos do Projeto Esporte Clube Cidadão, segundo o Líder Comunitário “Luis”:

Eu sou um cara que desde que a gente fez a comissão que essa área era do Esporte Clube Cidadão, antes a mesma era cedida para o Hospital da Restinga, isso desde 1980 que tinha um projeto de um Hospital aqui na quinta unidade e era área do hospital e a gente como trabalhava na comissão de educação, nós cedemos para o Projeto Esporte Clube Cidadão. Nós achamos que era um benefício para a Restinga. Tem os negativos e positivos. Como positivos tem a cozinha industrial ai, que capacita as pessoas, os pais de família, as mães. Inclusive tem bastantes homens na cozinha, curso pra cozinheiro, auxiliar de cozinha.

O curso de gastronomia?

Isso gastronomia, está tendo ainda, continua tendo, não é aquela mesma coisa do começo, porque lá era 6 meses, agora é de 3 em três meses. Mas negativo é a exclusão social.

Exclusão social?

Eu acho que o "Dunga" tem que trabalhar com aquela criança que é mais arteira, a educação tem que se dar em casa através dos pais, mas eu acho que o "Dunga" exclui as crianças quando as mesmas são muito bagunceiras.

Aqueles que estão com problemas eles tiram?

Isso, mas deveria ser ao contrário, porque nesse caso a gente tem que buscar pra saber que problema essa criança tem, porque muitas vezes aqui na Restinga o jovem possui problema pela falta do pai, uma atenção dele.

Aqui em especial a mãe é que conduz a família, ou seja, ela tem o papel de chefe de família. Isso em 80 % das casas. Tinha que ser ao contrário.

Então o Esporte Clube Cidadão tem que ter uma forma de trabalhar essa criança com problema, busca o que muitas vezes pode ser o afeto do pai, muitas vezes nós nos passamos como referência de pai, tu vê que muitas vezes a gente passa e os alunos já vem, "oi professor", tu vê que existe um afeto deles conosco.

Isso é discutido em várias reuniões nossas aqui do bairro, como a reunião do orçamento participativo, uma outra que teve que envolveu 20 moradores sobre segurança, que nós discutimos a carência da criança em relação ao seu pai.

Em relação à “exclusão”, conforme se refere o Líder Comunitário “Luis” quando diz que: “eu acho que o ‘Dunga’ exclui as crianças quando as mesmas são muito bagunceiras”, por sua vez, a equipe dirigente afirma que há falta de vagas para atender a todos os que procuram o projeto pela limitação de estrutura física e financeira. No entanto, a fala do líder comunitário “Luis” vem ao encontro dos dados recolhidos na pesquisa, ou seja, segundo a amostra dos questionários, na sua totalidade, os educandos e as educandas não apresentam defasagem escolar. Outro ponto que chamou atenção está relacionada ao fato de 80% dos pais e 76% das mães, isto significa que 97% das famílias ou o pai ou a mãe estão no mercado economicamente ativo da população. Face ao exposto, evidencia-se que, em sua maioria, o Projeto Esporte Clube Cidadão “inclui” a população infanto-juvenil que está minimamente incluída. O projeto, por estrutura funcional ou por opção, trabalha com crianças pobres e não crianças miseráveis. As crianças pobres estão no projeto buscando um futuro promissor que hoje se encontra na classe média através das opções de oficinas oferecidas pelo projeto.

As crianças freqüentadoras do projeto em nenhum momento mencionam a importância das refeições o que representa que estão minimamente alimentadas, ou seja, existe uma renda familiar mínima, existe uma alimentação mínima e um grau de instrução mínimo das famílias freqüentadoras do projeto.

Ele comenta a questão de como os(as) educandos(as) chegam até a instituição: *Vocês indicam alguma criança para vir para o projeto? “Não, não, não, eu nunca indiquei ninguém. Nem como instituição, é algo fechado”.*

“Luciana”, mãe de um educando e uma educanda, através de uma entrevista, relata suas impressões em relação ao projeto:

Eu cheguei até o projeto através do posto de saúde.
 Eles viviam na rua [os filhos]
 Na rua direto. Chegava do colégio, tiravam a roupa e rua.
 O mais velho ficou bem tranqüilo já, porque de manhã ele vai para a escola e à tarde ele tem várias atividades aqui até as seis horas da tarde, todos os dias.
 A Menina tem três vezes por semana durante a manhã porque ela estuda à tarde, e os dois dias que a “Juliana” não tem, *ela fica com a vizinha* ali perto de casa;
 Eles só queriam saber de rua, eles não me ouviam, eram bem avoadinhos, você chamava, eles estavam comendo, quando vê eles tocavam o prato num canto e já saiam correndo pra rua e já agora não, eles estão melhor;
 O que eu gostei é que no projeto tem pedagogia, e isso ajuda bastante eles, o meu agora está fraco em duas matérias e aqui dentro estão dando o maior apoio pra ele nessas matérias.

A mãe do educando e da educanda comenta a opinião de alguns moradores do bairro em relação ao projeto:

O povo é muito burro, eles dizem que o projeto é uma panelinha, que da prioridade só para alguns. Isso ocorre muito na rua, a gente escuta muito isso.
Essas pessoas são as que estão esperando por vagas ou não tem relação?
Isso que não conseguem e ficam falando que é só panelinha que esta aqui dentro e assim por diante.

“Marcia”, mãe de dois educandos, fala sobre suas impressões sobre o projeto, segundo ela, o que outras pessoas da comunidade pensam:

A respeito do PECC

Fiquei sabendo pelos comentários do pessoal da comunidade.

A respeito dos filhos antes deles virem para o projeto.

Eles ficavam sozinhos em casa. Tinha vezes que eu chegava e eles estavam em casa e outros não. Hoje eles vão pra escola e depois vem pro projeto.

O que o projeto melhorou na vida de vocês como família?

Ah, o conhecimento deles, muita coisa que eles não sabiam como o teatro, o cinema, e eu comecei a vê que eles tem tendência pra isso. Eu também nem imaginava que eles tinham essa tendência.

[Antes do projeto] Eu não acompanhava muito a vida deles em relação ao esporte, eu não sabia que era tão importante pra eles, como está sendo.

[Em nível de escola] Ajudo bastante porque agora eles têm compromisso com o projeto e com a escola, ai eles mesmos se cobram, porque aqui eles também são cobrados.

Hoje eles vêm porque eles gostam

Ou você que impõe?

Não, eles gostam de vir.

Como a comunidade vê o projeto?

Eles vêm com bons olhos o projeto, porque pelo menos eles saem para trabalhar e as crianças estão aqui, é uma referencia né.

E aqueles que não estão com os filhos aqui. Qual é a reação deles?

A reação é de espera, de chegar à época de vir pra cá, porque a maioria das crianças que não estão aqui é porque não tem idade ainda no momento. Mas a ansiedade deles é que chegue logo o momento.

A maioria das crianças estão aqui e a gente nota isso porque tá vendo que as crianças não estão mais na rua.

“João” pai de dois educandos, também, registra suas impressões:

O que levou você a levá-los para o projeto?

Tirar eles da rua, para eles ficarem legal, né. [Os educandos] Ficavam na rua, em casa, o “DR” só que gostava de ficar na rua. O “Marcos” tem problema, ele não escuta e nem fala e tá aí no meio da gurizada, dos ouvintes, ele tá bem melhor.

Ele está em uma turma normal?

Sim, ele tá na turma normal, junto com os outros.

Quando o “Marcos” ficava em casa o que ele fazia?

Ficava com a minha esposa, mas sempre na frente de casa.

Houve alguma mudança na participação deles no projeto?

Sim, teve uma grande melhora. O “Carlos”, por exemplo, não sabia escrever direito e nem sabia fazer conta, agora ele já tá craque já tá aprendendo bem. O apoio pedagógico ajudou bastante.

A vinda do projeto trouxe alguma vantagem para o bairro?

Trouxe bastante vantagens, porque *as crianças não ficam mais nas ruas, não tem como eles serem assassinados com o trafico*, porque aqui na Restinga tu sabe né como é o negócio, é pesado. E as crianças estando aqui, eles ficam bem longe, não tendo tempo de pensar bobagem. Aqui eles brincam.

A tua esposa acompanha as atividades do projeto?

Acompanha, ela fez curso de gastronomia aqui, já faz uns dois meses atrás. Formou-se e arrumou um emprego num restaurante e foi o projeto que arrumou para ela.

Em relação aos participantes do projeto

Tem gente de outras partes do bairro, da Restinga Nova, da Restinga Velha e da Putinga, já estão vindo para o projeto.

Através dos depoimentos anteriores, evidencia-se, portanto, a consciência da comunidade do Bairro Restinga em relação às questões existentes como falta de trabalho, as questões relativas à violência e a questão do uso de drogas e a falta de lazer para as crianças.

Há uma grande preocupação dos pais que trabalham e não tinham e ou não tem onde deixar os filhos após a escola, entre outras situações. Por outro lado reconhecem no Projeto Esporte Clube Cidadão “um porto seguro” para seus filhos, no sentido em que as crianças não ficam na rua e, desta forma, ficam longe das influências negativas. Um dos aspectos que consideram relevantes, além desta “proteção”, é que elas podem ter infância, brincar, estudar, ter acesso às artes, à inclusão digital, ao esporte podendo fazer aflorar suas habilidades e ter uma convivência sadia.

João, pai de dois educandos, salienta a questão da pessoa portadora de necessidades especiais como é o caso de “Marcos” que “*não escuta e nem fala*”, o qual está integrado no grupo “normal” e isto contribui para a inclusão e emancipação das crianças portadoras de necessidades especiais podendo proporcionar

autonomia pessoal e social, colaborando, assim para uma melhor qualidade de vida favorecendo a satisfação pessoal, a auto-estima e as atitudes positivas. Em relação aos educandos e educandas considerados “normais”, é proporcionada a convivência com a variedade humana e a aprendizagem através da cooperação.

Cabe salientar que “Marcos” tem bom relacionamento com os demais educandos e educandas e a equipe dirigente, a comunicação é feita por leitura labial e gestos. O educando encontra alguma dificuldade nos jogos esportivos tendo maior facilidade nas atividades corporais.

Há um reconhecimento por parte da comunidade em relação à formação profissional proporcionada pelo Projeto Esporte Clube Cidadão através do curso de gastronomia o qual já tem proporcionado emprego para alguns dos participantes adultos, sendo a questão do emprego uma das maiores preocupações da comunidade.

Em relação à “exclusão”, conforme se refere o Líder Comunitário “Luis” quando diz que: “eu acho que o ‘Dunga’ exclui as crianças quando as mesmas são muito bagunceiras”, por sua vez, a equipe dirigente afirma que há falta de vagas para atender a todos os que procuram o projeto pela limitação de estrutura física e financeira. No entanto, a fala do líder comunitário “Luis” vem ao encontro dos dados recolhidos na pesquisa, ou seja, segundo a amostra dos questionários, na sua totalidade, os educandos e as educandas não apresentam defasagem escolar. Outro ponto que chamou atenção está relacionada ao fato de 80% dos pais e 76% das mães trabalharem. Face ao exposto, evidencia-se que, em sua maioria, o “Projeto Esporte Clube Cidadão” inclui a população infanto-juvenil que está minimamente incluída. Segundo a instituição, é disponibilizada aos interessados uma lista de espera para novas admissões. Considera-se ainda que a ansiedade dos responsáveis de crianças e jovens para que eles façam parte do PECC vem do fato de o projeto ter se tornado uma referência dentro do Bairro Restinga em relação à formação e à segurança das crianças por tirá-las da rua e proporcionar atividades lúdicas através do esporte.

Segundo o professor e coordenador do projeto Rodrigo Boneti:

O Projeto Esporte Clube Cidadão, que teve início em 2002, com instalações, digamos provisórias, com duas tendas onde nós

atendíamos em média de 220 a 230 crianças num turno inverso ao da escola, tendo atendimento em quatro áreas, uma sendo da Educação Física, a outra de Acompanhamento Escolar, Artes e Expressão e também Serviço Social trabalhando com a família.

O projeto teve alguns investimentos com relação a instalações que foram a partir do ano de 2003, ampliando as mesmas com a construção de um prédio, onde pode dar a entidade o aumento do nosso número de atendimentos, onde mais crianças do bairro que estavam inscritas conseguiram ingressar no projeto.

O coordenador do projeto comenta o crescimento de vagas e o projeto para ampliação destas:

Tem um grupo especial que a gente tem junto com a prefeitura, uma parceria que é o SASE, serviço de atendimento sócio – educativo. Esse projeto é de 2006, que ampliou mais vagas no total de atendidos, é entre 400 a 450, oscilando, futuramente tem um projeto de construção de um ginásio, onde vai ter também salas de multiuso, que daí vai poder ampliar mais esse atendimento, porque tendo esse outro espaço vamos ter quatro salas de multiuso bastante grandes, que daí vai dá pra ter mais atendimentos nessas salas com faixas etárias também diferenciadas e ampliar também para os jovens e adolescentes da comunidade.

Portanto, constata-se a preocupação da instituição em ampliar as vagas na busca de cada vez mais abranger, de forma sustentável, o maior número possível de crianças e jovens do Bairro Restinga, como vem acontecendo desde o início deste.

3.5 UNIVERSO DA EQUIPE DIRIGENTE

A instituição socializadora participa, desde cedo, da formação de valores dos educandos e educandas, procurando proporcionar vivências que orientem para o presente e o futuro. Tornando-se, assim, um espaço de relações humanas, construção de modelos e experiências.

A instituição detém certa representatividade e respeitabilidade junto a educandos, educandas e comunidade. Essa respeitabilidade é motivada por ser

encarada como um espaço de referência e pelo sentimento de pertencer, formar parte, através da posição social que ocupa como um núcleo organizado, já que possuem a condição de se configurar como forma de aproximação entre educandos(as), família e comunidade.

3.5.1 Estratégias Institucionais: Manutenção dos Educandos e Educandas

Buscamos aqui através da observação participante e entrevistas identificar os fatores que podem configurar a manutenção dos educandos e educandas no Projeto Esporte Clube Cidadão.

Segundo Rodrigo Boneti, Coordenador do Projeto Esporte Clube Cidadão:

Em 2004, o projeto deu continuidade ao atendimento do jovem no qual existe até agora, e com uma proposta um pouco diferenciada dos jovens, sendo que ele tem a escolha de algumas oficinas que os mesmos podem realizar, então este tem dias e horários determinados por eles mesmos, da escolha deles, da proposta deles.

Através da nossa observação, constatamos que, de fato, ocorre essa interação entre a equipe dirigente e os educandos e as educandas na definição das atividades, sejam elas esportivas ou não, ocorre sempre muita “conversa” na decisão de todas as atividades, o que proporciona a participação da grande maioria.

Ainda segundo Rodrigo Boneti:

É uma educação física voltada para a formação integral do ser humano, a gente já deu início esse ano, segundo os nossos relatos e avaliações que a gente faz na nossa área, os menores estão chegando dentro desse planejamento que a gente organizou com outras idéias em relação à educação física e os nossos maiores que a gente plantou a sementinha estão lá no juventude que é o projeto que a gente tem de 13 a 16 anos, então assim quem tava conosco desde o início e quem tá chegando agora a gente vê uma diferença enorme. Esse é um grande desafio para nós enquanto educadores, porque ultrapassa aquela barreira de educar através do esporte, que é um desafio muito grande, porque tu vai mexer com aquela

educação tradicional que todo ser humano teve que é jogar bola, vai mexer com isso, essa resistência é grande, pois quando começamos o projeto tinha resistência a outros esportes que a gente apresentou dentro do projeto, só se poderia valorizar o futebol, dentro do contexto estabilizado não tava bem claro, o projeto é uma escolinha de futebol? Ou é um projeto social? Depois com um tempo a gurizada aqui de dentro entendeu isso e agora com essas mudanças, reformulações que a gente tá fazendo, isso faz a gente refletir muito no dia a dia naquela formação que a gente acredita do cidadão, um ser mais crítico, autônomo, independente, criativo depois desse início que a gente deu, tu podes trabalhar qualquer linha pedagógica com relação ao desenvolvimentismo que fala sobre habilidade motora, capacidade motora, que fala sobre esportes, fica muito fácil, se tu aplicares propriamente os jogos, os mini-jogos vão ter outro caráter, porque a gurizada vai definir isso, eles vão participar desse planejamento, eles estão contentes de fazer parte deste planejamento é outra educação física, incluindo gente que não gostava de fazer educação física, é outra visão, dando ênfase também a outros ambientes, proporcionando para esta criança não só o ambiente da quadra, trazendo a cultura deles local, os jogos populares deles para dentro da nossa realidade, para dentro daquilo que a gente acredita que é o conteúdo, o planejamento, isso a gente tá em uso, tá sendo muito prazeroso, tá dando trabalho, a avaliação remenda algumas coisas, porque aqui o projeto social é uma educação informal, 'vai ser aprovado? Não vai ser?', mas tem que ter alguns parâmetros de avaliações.

Evidencia-se, portanto, que uma das formas bastante efetivas utilizadas pela equipe dirigente para a manutenção dos educandos e educandas é fazer o planejamento das atividades em comum acordo, desta forma levando os beneficiários a terem comprometimento e responsabilidade sobre o funcionamento das atividades.

Não se pode deixar passar despercebido que a questão relativa ao planejamento das atividades em acrescentar jogos e brincadeiras da cultura local, o que faz com que os beneficiados sintam-se integrados em outro ambiente como em seu cotidiano. Verifica-se, desta forma, uma interação mais ampla e menos imposta entre equipe dirigente e os beneficiados pelo projeto.

Isabela, assistente social do projeto, comenta que:

A gente apaga incêndio também, vai lá, ajuda nas situações complicadas, a gente faz reuniões semanais para discutir casos de dificuldades que os educadores têm como em relação aos educandos, qualquer coisa sempre mantendo sigilo profissional, claro

que a gente revela aquilo que vai ser pertinente na prática deles, o que ele não precisa saber não tem porque saber, né, mas tem coisas que às vezes fazem diferenças, *olha fulana é que na verdade o pai dessa criança tá passando por uma dificuldade ta preso, foi preso essa semana a criança é ligada ao pai de repente.*

O depoimento da assistente social do projeto remete à preocupação que a equipe dirigente tem em relação às questões sociais que os educandos e educandas enfrentam em seu dia-a-dia, fazendo com que os educadores possam interagir de forma mais específica e compreensiva, podendo, assim, compreender as dificuldades que, por ventura, venham a surgir dentro das atividades propostas.

3.5.2 Estratégias Institucionais: Formação pessoal dos Educandos e Educandas

Observamos que a formação pessoal dos educandos e educandas pela equipe dirigente como marco identitário da mesma manifesta-se na formação pessoal e busca a transformação social. Nesse sentido, acredita a equipe dirigente que a criatividade, o espírito de iniciativa, a capacidade de liderança e a perseverança são aspectos que contribuem para a realização dos objetivos da instituição. Buscam estimular e preparar os educandos e as educandas para enfrentar a realidade social em que convivem procurando modificá-la.

Através de atividades variadas, procuram promover o desenvolvimento físico, intelectual e emocional dos educandos e educandas. O PECC oferece aos educandos e educandas as seguintes atividades: educação física e os jogos, as oficinas de artes, as oficinas de informática, o apoio pedagógico, além da alimentação no período em que permanecem na instituição.

Os dirigentes do PECC procuram adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações educativas, lúdicas e esportivas, procurando desta forma, proporcionar aos educandos e educandas a descoberta e a construção de valores que os levem a se sentirem atuantes e responsáveis em seu meio social.

Através dos jogos realizados em grupos, através dos quais um ajuda o outro a vencer e ser solidário na hora da derrota, as atividades recreativas, lúdicas, que

trabalham as valências físicas; e as atividades artísticas que trabalham a criatividade dos educandos e educandas, proporcionam motivação a estes para as atividades pedagógicas.

Nesse sentido declara o Coordenador do Projeto Esporte Clube Cidadão Rodrigo Boneti:

A gente tá cada vez mais estudando esporte, educação física, esporte, mais educação física pensando na parte social, educacional, na formação integral do cidadão, que é um desafio muito grande, porque tem alguns paradigmas que a educação física evita como jogar futebol. E dentro do contexto do bairro, eu sou morador desse bairro, às vezes a gente se depara com alguns comentários, algumas trocas de idéias com pessoas da comunidade mesmo, no sentido de rever isso para formar uma escolinha de futebol, e a gente faz bastante parte dessa situação de educação e a gente tem que mostrar um outro lado para a comunidade, que tu podes ser muito bem sucedido ou não, conforme a tua administração e isso vai com relação a tua educação, são valores que a gente pensa, então dentro do bairro a gente conversa bastante com a comunidade, é curioso que algumas pessoas ainda não tem concepções formadas sobre esse projeto que é uma das coisas que a gente tá divulgando, mais dentro do bairro que fora, porque a criança que tá aqui dentro com a gente já tem algumas concepções sobre o que é o projeto, agora a pessoa que tá de fora nem imagina o que tá funcionando lá dentro, então nós estamos passando e tá até mesmo fazendo encontros com outros educadores, dentro da Restinga, para situar o que tá sendo feito aqui e o que está sendo feito lá, para a gente mostrar para a Restinga que existe algum trabalho sócio – educativo.

Rodrigo Boneti comenta a questão do projeto como apoio à educação:

O projeto para mim serve como um suporte na parte educacional, se a criança está vinculada conosco, mais a escola, mais a casa, isso são informações que ela está adquirindo, e essas informações ela vai levar adiante, e já se ela não está vinculada ao projeto, esta só na escola e em casa, ela pode ter um dano, agora se ela esta nesses três ambientes, com certeza ela [a criança] terá um bem maior.

O esporte é uma das ferramentas utilizadas pela instituição para estimular o desenvolvimento integral dos educandos e educandas, motivados pelos fatores que desenvolvem a atenção, disciplina, autocontrole e respeito a regras, além de

habilidades motoras, sendo que os educadores encontram-se sempre presentes visando estimular os participantes.

3.5.2.1 A participação dos Educandos e Educandas nas Atividades Esportivas

Os educadores buscam conscientizar os educandos e educandas em relação à violência no esporte como fator negativo, salientam a importância de se ter relações equilibradas e construtivas, respeitando as características físicas e o desempenho do próprio educando e educanda bem com dos outros participantes.

O projeto busca promover atividades esportivas de lazer, reconhecendo nesta uma ferramenta que pode oferecer melhoria da qualidade de vida dos educandos e educandas em vários aspectos, como meio de socialização, consciência comunitária, coesão social, equilíbrio social, entre outras.

3.5.3 Estratégias Institucionais: Relação com os Familiares dos Educandos e Educandas

Nesse ponto busquei verificar como a instituição, através da equipe dirigente, atua junto às famílias dos educandos e educandas. Procurei analisar o modo como se articulava esta atuação através das diversas possibilidades de socialização e a interação entre o Projeto Esporte Clube Cidadão e as famílias dos beneficiados.

Nesse contexto, observamos que a equipe dirigente busca atrair os pais dos educandos e educandas para o círculo de influência da instituição, procurando compreender as atitudes e expectativas dos pais, além de orientá-los sobre o projeto e suas possibilidades.

A instituição mantém uma cozinha industrial através da qual proporciona um curso de gastronomia o que já possibilitou emprego aos que fizeram este curso, como vimos em depoimento anterior. Cabe ressaltar que este curso não é exclusivo somente para os pais, mas extensivo à comunidade. No entanto, como há a busca

pela aproximação dos pais dos beneficiados pelo projeto; certamente estes tomam conhecimento de forma mais efetiva sobre as atividades do projeto.

Torna-se oportuno transcrever as falas do Coordenador do Projeto Rodrigo Boneti:

A busca sempre do nosso papel de educador é trazer a família junto com a gente para desenvolver algumas idéias e planejamentos no sentido do que a gente tá passando pra garotada.

A Assistente Social do projeto, Isabela, comenta as questões relativas as famílias dos educandos:

[As famílias] querem fazer com que as crianças ingressem no projeto. Também vem pra informações em geral daí aqui nesse setor que elas vão conhecer, porque muitos chegam e ficam pensando que é uma escolinha de futebol, algum clube de futebol, que, de repente, vai vim aqui e levar os guris para joga então aqui que eles ficam sabendo, que fica esclarecido o projeto como um todo, então a gente explica a questão educacional que tem, que não é só o esporte, tem mais duas áreas, que é a pedagogia e arte da educação, que é o desenvolvimento da criança acreditando que é um desenvolvimento integral, muitas vezes eles também ficam na dúvida se é um projeto ou se é escola eles imaginam que é um outro colégio, sabe, as famílias trazem muito isso nos relatos e às vezes justamente a gente explica, esclarece mais. Eles têm dificuldades de compreender o que é esse projeto social qual é a diferença daqui pro colégio.

Sobre a questão de a família achar que o projeto é só de esporte, visão esta relacionada ao apoio do ex-jogador de futebol Dunga e atual técnico da seleção brasileira de futebol, a assistente social comenta:

Tem tudo a ver, acho. E eu acho que, na verdade esse é um fator. eles vêm com essa função do esporte daí eles descobrem que não é só isso, né, acho que não é ruim essa propaganda eu vejo como muita vantagem, o que pode dificultar são as expectativas que geram de que é uma escolinha de futebol, meu filho vai ser jogador.

Quando eles ficam sabendo que não é uma escolinha de futebol que é um projeto que abrange as outras áreas?

Eles se surpreendem e daí ficam mais interessados ainda. É um fator bem positivo.

Outra atuação do projeto, conforme observamos, é que caso o educando falte por mais de quatro vezes consecutivas o responsável pelo(a) educando(a) é comunicado, pelo serviço social, visando encontrar soluções para que o educando ou a educanda volte a freqüentar o projeto. As famílias são convidadas para várias outras atividades junto ao projeto, como festas e comemorações, buscando sempre integrá-la e, de alguma forma, participar e entender sobre o funcionamento da instituição.

CONCLUSÃO

Pode-se sustentar neste estudo que o esporte exerce grande poder agregador e motivador de identidade cultural sobre os educandos e educandas, atores desta pesquisa, seja pela reconhecida “paixão nacional” que é o futebol, tendo como padrinho do projeto Carlos Caetano Bledorn Verri, mais conhecido como “Dunga”, atleta consagrado na modalidade de futebol ou, de forma geral, relacionado aos outros esportes como atletismo, basquete, vôlei, handebol, os quais proporcionam que haja certa equidade em relação ao gênero. Foi destacado, também, o entendimento cultural do esporte como um fenômeno reprodutivo das relações sociais através da ludicidade, da criatividade da educação, do lazer, da tomada de iniciativas, da tomada de decisões e na formação de cidadãos participantes da sociedade. Pude perceber que o esporte permaneceu integrado e harmônico em conjunto com as outras atividades paralelas.

Constatai que o “Projeto Esporte Clube Cidadão”, no universo investigado, proporciona atividades que eram desconhecidas por boa parte dos educandos e educandas antes de virem a fazer parte do projeto. Nesse contexto, os educandos e educandas reconhecem como benefícios recebidos do “Projeto Esporte Clube Cidadão” o sentimento de pertencer, de formar parte, incluir-se.

Os anseios dos beneficiados são supridos na medida em que percebem que são valorizados e a partir do momento em que lhes é proporcionado a participação no planejamento de várias atividades tais como jogos e mini-jogos. Nesse sentido, são incentivados a programarem jogos populares conhecidos e praticados por eles, valorizando, desta forma, a cultura local, propiciando maior integração entre a instituição e os educandos e educandas. Assim, estas populações infanto-juvenis

não ficam isoladas em um mundo à parte sendo respeitadas suas linguagens, necessidades e a própria cultura.

Considero, a partir deste estudo que o esporte como ferramenta de desenvolvimento integral da criança e do adolescente pode cumprir seus objetivos na construção das relações sociais, dos valores e da afirmação positiva de sua identidade. Proporciona uma melhor interação com outros autores sociais oferecendo oportunidades para que educandos e educandas promovam o uso do raciocínio e das habilidades de modo que possam enfrentar os problemas vivenciados no dia a dia de forma consciente.

Importa ressaltar que o esporte contribui como estímulo para a aprendizagem através do espírito esportivo “[...] conduz à disciplina, ao respeito ao adversário, à solidariedade, à tolerância, à liberdade e à democracia, [...] compreendendo desde escolar até o talento esportivo” (Tubino, 2001 p. 62). Nessa perspectiva, colabora para o aperfeiçoamento dos educandos e educandas nos aspectos pessoal, intelectual, emocional e social proporcionando a possibilidade de virem a ser cidadãos participativos e conscientes na busca de possíveis mudanças de desenvolvimento social.

O esporte, para os educandos e educandas, conforme as entrevistas e as observações feitas neste estudo, constitui-se de importante mecanismo de descontração, diversão e desenvolvimento pessoal, propiciando interação e aumento de autonomia através das escolhas das atividades entre os participantes, além de ampliar os vínculos sociais.

Cabe ressaltar que a instituição tem como um dos seus objetivos “incluir” através da escolarização. No entanto, ficou demonstrado neste estudo, como na fala do Líder Comunitário de “Luis”, que esta inclusão ocorre eventualmente junto à população infanto-juvenil que está minimamente incluída. Nesse contexto, podemos destacar que em nenhum momento das entrevistas e nas observações que fiz foi apontado pelos educandos, educandas ou responsáveis a questão da alimentação oferecida pela instituição nos períodos de atividades, não obtendo destaque sob o ponto de vista positivo ou negativo, além dos indicadores evidenciarem não haver defasagem na idade escolar e praticamente todas as famílias apresentarem renda por parte de pelo menos um dos pais. Evidenciando, portanto, mais uma vez, a questão da instituição “incluir”, na sua grande maioria, aqueles que estão minimamente incluídos.

Os índices de aprovação pelos educandos, educandas e seus responsáveis relacionados à equipe dirigente e às atividades oferecidas pelo “Projeto Esporte Clube Cidadão” são altos. Os responsáveis pelos educandos e educandas encontram no “Projeto Esporte Clube Cidadão” um forte aliado para a formação educacional, de caráter e proteção das “ruas” para os participantes do projeto. Avaliam, também, de forma positiva a inclusão de portadores de necessidades especiais junto aos educandos e educandas considerados “normais”. Uma das questões consideradas de forma muito positiva é o curso de cozinheiro proporcionado aos adultos, em especial aos pais dos participantes do projeto, sendo que partes dos que fizeram o respectivo curso já estão trabalhando. Consideram o projeto de amplo apoio a toda família.

Cabe ressaltar que a equipe dirigente tem formação superior nas suas áreas de atuação. Observei a que equipe dirigente apresenta significativo empenho no atendimento e busca de soluções nos mais variados níveis de situações.

Cabe salientar que o fato do “Projeto Esporte Clube Cidadão” não ser uma “escolinha de futebol” e estar relacionado à educação física, esporte em geral aliado à educação, cultura e artes proporciona que haja certa equidade entre educandos e educandas. Esta questão do esporte ser considerado como um meio de formação integral, aliado a outras atividades e não somente a uma modalidade esportiva, evita desenvolver ilusões, em especial nos educandos, em torno da expectativa de uma possível profissionalização como jogador de futebol, a qual o êxito de se tornar um atleta profissional, nesta modalidade, em um grande clube, circunscreve-se à minoria. Embora este seja o anseio de alguns educandos, este sistema apresenta um leque de opções em suas várias modalidades de desenvolvimento pessoal como esportes, artes, informática e educação, que colaboram para que o número de frustrações, no decorrer da participação no projeto, seja reduzido.

Cumpram assinalar que um dos objetivos do projeto é a formação integral de crianças e adolescentes através do esporte. Nesse sentido, a instituição não busca a profissionalização dos educandos no esporte, em especial a modalidade de futebol, embora não haja nenhum impedimento, por parte da equipe dirigente, em restringir os talentos de seus beneficiados em nenhuma de suas atividades desenvolvidas.

Durante a investigação, percebemos que a “Associação Cristã de Moços” não é reconhecida como mantenedora do “Projeto Esporte Clube Cidadão”. O projeto é visto por parte da comunidade onde está inserido como sendo um projeto do ex-

jogador de futebol “Dunga”, que é reconhecido pela grande maioria dos moradores do Bairro Restinga, como o responsável por uma grande escolinha de futebol.

A comunidade do Bairro Restinga, em especial aquelas famílias que não conseguiram vagas para a população infanto-juvenil, sob sua responsabilidade, para fazerem parte do projeto, apresentam críticas em relação à instituição por considerar que o processo de liberação de vagas não seja “transparente”.

Considero que seria de bom alvitre que houvesse uma melhor divulgação sobre o que é e como são realizadas as atividades do “Projeto Esporte Clube Cidadão”, o papel de sua mantenedora, a “Associação Cristã de Moços”, e quais os critérios adotados para a participação do projeto junto à comunidade, proporcionando, desta forma, maior “transparência” no processo de atendimento à população do Bairro Restinga. Essas informações poderão auxiliar na construção das relações sociais entre os moradores do bairro e a própria instituição.

Outra questão que considero relevante neste estudo está relacionada ao espaço físico para atividades esportivas nos dias de chuva, as quais são realizadas no refeitório. Neste espaço, com a reunião de vários grupos de educandos e educandas acaba por ocorrer certa agitação. Este alvoroço é motivado pela remoção dos bancos, mesas e por este espaço físico não ser adequado às atividades esportivas. Acreditamos que com a construção de um ginásio de esportes será proporcionado um melhor atendimento aos educandos e educandas, especialmente nos dias de chuva, além de propiciar o aumento gradual da população a ser atendida, sendo que este é um anseio da comunidade do Bairro Restinga.

Evidencia-se também a importância que o “Projeto Esporte Clube Cidadão” busque uma forma de atendimento que englobe todos os dias da semana, para os educandos e educandas, e não somente três dias por semana. O atendimento em todos os dias da semana é uma reivindicação veemente dos responsáveis pelos participantes do projeto, já que nos dias que estes não freqüentam o “Projeto Esporte Clube Cidadão” no contraturno escolar voltam, em sua grande maioria, para as “ruas” e todas as “possibilidades” que estas oferecem.

Em relação aos portadores de necessidades especiais, tornam-se necessárias rampas de acesso adequadas. Um curso de Libras²¹ seria de grande

²¹ Libras é a abreviatura de Língua Brasileira de Sinais, é a língua oficial da Comunidade Surda Brasileira, largamente utilizada pelos Surdos, por ser a forma mais eficaz, objetiva e clara de poderem se comunicar.

importância para os educadores tanto quanto para os educandos e educandas, o qual poderá possibilitar uma melhor comunicação com os portadores de necessidades especiais, como o caso do educando “Marcos” que “não escuta e nem fala”.

Fica demonstrado neste estudo que a atuação da Associação Cristã de Moços através do seu “Projeto Esporte Clube Cidadão”, utilizando o esporte como um aliado ao lazer, à cultura e à educação representam um caminho alternativo junto ao público infanto-juvenil, que faz parte de um contexto caracterizado pela precariedade dos direitos sociais. Nesse sentido, considero que os esportes aliados a atividades paralelas, como no universo investigado, podem ser utilizados como espaços de socialização que permitem o lazer de tempo livre, afastando, assim, crianças e jovens das “ruas” proporcionando socialização e ressocialização.

Cumpra assinalar que espaço é um termo que pode tornar-se ponto de referência para população infanto-juvenil, vulnerabilizada por questões sociais, e possibilitar uma reunião saudável que poderá levá-los a construir valores capazes de promover a solidariedade, a aceitação do diferente e a convivência pacífica além de desfrutar de momentos de lazer.

Ao final desta pesquisa, pode-se destacar algumas dificuldades e potencialidades na implementação de uma política de inclusão social através do esporte. A experiência do “Projeto Esporte Clube Cidadão”, em que pese sua opção por selecionar crianças e famílias minimamente “incluídas”, evidencia um caminho promissor.

REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACM no Mundo (2005 –a). Criação da ACM no Mundo. Disponível em: <<http://www.acm-rs.com.br/sector1.php?IUP=4>> Acesso em 28 nov. 2005.

ACM Perfil (2006-b). Perfil da ACM Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.acm-rs.com.br/>> Acesso em 26 out. 2006.

ABRAMOVAY, Miriam. et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO. BID, 2002.

_____. **Escolas de Paz**. Brasília: UNESCO. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

ACM no Mundo. **Criação da ACM no Mundo**. Disponível em: <<http://www.acm-rs.com.br/sector1.php?IUP=4>> Acesso em 28 nov. 2005.

ARPINI, Dorian Mônica. **Violência e Exclusão: adolescência em grupos populares**. Bauru: EDUSC, 2003.

ARRUDA, Gerardo Clesio Maia. **Crescimento Econômico e Exclusão Social**. Disponível em: <<http://www.fa7.edu.br/rea7/artigos/volume2/artigos/read1.doc>> Acesso em: 1 jul. 2005.

AZEVEDO, Janete M. Lins de. **A Educação como Política Pública: Polêmicas de Nosso Tempo**. Campinas, 1997.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Traduzido por Pedrinho Alcides Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4.ed. Traduzido por Marco Estevão; Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Como é possível ser esportivo?** In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BULLA, Leonia Capaverde; MENDES, Jussara Maria Rosa; PRATES, Jane Cruz (org). **As Múltiplas Formas de Exclusão Social**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CASTEL, Robert. **Desigualdade e a Questão Social**. São Paulo: EDUC, 2004.

_____. **As Metamorfoses da Questão Social: Uma crônica do salário**. Traduzido por: Iraci D. Poleti. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CAMINHOS E PARCERIAS. **Paralelas Cidades**. Porto Alegre: TV Cultura, 2000-a. PROGRAMA DE TV. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/caminhos/23paralelas/paralelas1.htm>> Acesso em: 3 nov. 2006.

_____. _____. _____.: TV Cultura, 2000-b. PROGRAMA DE TV. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/caminhos/23paralelas/paralelas2.htm>> Acesso em: 3 nov. 2006.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Por Um Novo Paradigma do Fazer Políticas: políticas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2003.

CAVALCANTI, Kátia Brandão. **Esporte para todos: Um Discurso Ideológico**. São Paulo: IBRASA, 1984.

COELHO, Olímpio. **Pedagogia do Desporto Contributos para uma compreensão do desporto juvenil**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

CRUANHES, Maria Cristina dos Santos. **Cidadania: Educação e Exclusão Social**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2000.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e Identidade Social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS 2002.

DUARTE, Adriano Luiz. **Cidadania e Exclusão**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. **Planejamento de lazer no Brasil: a teoria sociológica da decisão**. Traduzido por Regina Maria Vieira. São Paulo: SESC-CODES/DICOTE-CELAZER, 1980.

DUMAZEDIER, Joffre. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

_____. **Sociologia Empírica do Lazer**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DUPAS, Gilberto. **Economia Global e Exclusão Social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESPORTE Clube Cidadão. **Não Fique só na Torcida!** Porto Alegre: 2006.

ESTATUTO da Criança e do Adolescente. Disponível em:
<<http://www.eca.org.br/eca.htm#60>> Acesso em: 5 jul. 2005.

ESTIVILL, Jordi. **Panorama da Luta Contra a Exclusão Social**. Organização Internacional do Trabalho. 2003.

EXCLUSÃO Social. Que bicho é esse? Disponível em:
<<http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/95/36/>> Acesso em: 5 jul. 2005.

FREHSE, Fraya. Antropologia do Encontro e do Desencontro: Fotógrafos e Fotografados nas Ruas de São Paulo (1880-1910). In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia; NOVAES, Sylvia Caiuby (orgs.). *O Imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2005.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas Para o Trabalho Científico**. 14.ed. Porto Alegre: [s.ed.], 2006.

GASTALDO, Édison. *Erving Goffman: Desbravador do Cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

GODOLPHIM, Nuno. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul.-set. 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A Produção Cultural do Corpo**. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). *Corpo Gênero e Sexualidade. Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GAYA, Adroaldo; MARQUES, António; TANI, Go (orgs). **Desporto para Crianças e Jovens: Razões e Finalidades**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

GUEDES, Simoni Lahud; OLIVEIRA FILHO, Pedro Pio A; NOVAES, Roberta Brandão. **Meninos e meninas no campo de futebol: concepções de gênero em um projeto social**. In: GUEDES, Simoni Lahud (org). et al. Gênero e Sexualidade: estudo em torno da Pesquisa Social Brasileira (PESB). Niterói: Intertexto, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

HISTÓRICO da ACM Porto Alegre. Disponível em:
<<http://www.acm-rs.com.br/sector1.php?IUP=5>> Acesso em 28 nov. 2005.

HELAL, Ronaldo. **O Que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HISTÓRICO da ACM Porto Alegre. Disponível em:
<<http://www.acm-rs.com.br/sector1.php?IUP=5>> Acesso em 28 nov. 2005.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi. Associativismo civil e Estado: Um estudo sobre organizações não governamentais (ONGs) e sua dependência de recursos públicos. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. v. 1, n. 1 (1), ago.-dez. 2003. p. 109-127.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: **O Jogo Como Elemento da Cultura**. Cultural. São Paulo: Perspectiva, 1996.

HUMPHREYS, Laud. **A Transação da Sala de Chá: Sexo impessoal em lugares públicos**. In: A Observação sociológica. Matilda White Riley e Edward E. Nelson, orgs. Rio de Janeiro: Zahar 1974.

IBGE (2005-a). **Síntese de Indicadores Sociais 2004**. Disponível em:
<http://www.ibge.com.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=317&id_pagina=1> Acesso em: 26 Jul 2006

IBGE (2005-b). 2005: **Ano Internacional do Microcrédito e do Esporte**. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/confraternizacao/micro_esporte.html> Acesso em: 26 Jul 2006

IDDC - O Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão (2006). Disponível em:
<<http://www.capitaodunga.com.br/html/projetos.html>> Acesso em 26 out. 2006.

JOHANN, Jorge Renato (coord.). **Introdução ao Método Científico**. 2.ed. Canoas: ULBRA, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAMPERT, Ernani (org). et al. **Educação para a Cidadania**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOPES, José Rogério. **Anthropsys: Relações teórico-práticas entre a Psicologia e a Antropologia**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O Esporte na Cidade: Aspectos do Esforço Civilizador Brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MACHADO, Evelcy Monteiro; CORTELAZZO Iolanda Bueno de Camargo (org). **Pedagogia em Debate: desafios contemporâneos**. In: CORTINHAS, Maristela Sobral. **Inclusão/Exclusão e Infância**. Curitiba: UTP, 2004. Disponível em: <<http://www.utp.br/mestradoemeducao/pddmsc.htm>> Acesso em: 2 jul. 2005.

MACHADO, Leda Maria Vieira. **Atores Sociais: Movimentos Urbanos, Continuidade e Gênero**. São Paulo: Annablume, 1995.

MAGNI, Claudia Turra. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 141-149, jul.-set. 1995.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). **Políticas Públicas Setoriais de Lazer: o papel das prefeituras**. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **Lazer e Esporte: Políticas Públicas**. 2.ed. Campinas, 2001.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98 1996.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch; WERTHEIN, Jorge. **Pobreza e Desigualdade no Brasil: Traçando Caminhos para a Inclusão Social**. Brasília : UNESCO, 2003.

MELUCCI, Alberto. **Por uma Sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Traduzido por Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005.

MERCADANTE, Aloizio. **Construindo Estratégias Para Combater a Desigualdade Social uma Perspectiva Socioeconômica**. In: WERTHEIN, Jorge. NOLETO, Marlova Jovchelovitch; **Pobreza e Desigualdade no Brasil: Traçando Caminhos para a Inclusão Social**. Brasília : UNESCO, 2003.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (orgs). **Fenômeno Esportivo Início de um Novo Milênio**. Piracicaba: Unicamp, 2000.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Visões Estereotipadas Sobre a Mulher no Esporte. Efdportes Revista Digital**. Buenos Aires - Año 10 - N° 75 - Agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd75/mulher.htm>> Acesso em: 5 jul. 2006.

PARKER, Sanley. **A Sociologia do Lazer**. Traduzido por: Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PREFEITURA Municipal de Porto Alegre. Coordenação de Comunicação. Social Restinga participa do Programa Cidadania e Paz de combate à Violência. Porto Alegre: 2005. Disponível em: <http://www.portoalegre.rs.gov.br/noticias/ver_imprimir.asp?m1=31569> Acesso em: 1 out. 2006.

_____. Portal da Prefeitura do Município de Porto Alegre. Mapa da cidade de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/infocidade/default.php>> Acesso em: 27 out. 2006.

PROJETOS - O Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão (2006). Disponível em: <<http://www.capitaodunga.com.br/html/projetos.html>> Acesso em 26 out. 2006.

PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (org). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

REQUIXA, Renato. **O Lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

ROMERO, Elaine (org). et al. **Mulheres em Movimento**. Vitória: EDEFUS, 1997.

_____. Corpo, **Mulher e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.

STOER, Stephen R.; MAGALHÃES, António M.; RODRIGUES, David. **Os Lugares da Exclusão Social: Um dispositivo de diferenciação pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2004.

SPOSATI, Aldaíza. Exclusão Social e Transferência de Renda. In: WERTHEIN, Jorge. NOLETO, Marlova Jovchelovitch; **Pobreza e Desigualdade no Brasil: Traçando Caminhos para a Inclusão Social**. Brasília : UNESCO, 2003.

SAWAIA, Bader. **As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cad. CEDES. ago. 1999, v.19, n. 48, p.52-68. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 5 jul. 2006.

SUASSUNA, Dulce; ALMEIDA, Arthur. **Políticas públicas para o esporte e o lazer no Brasil (1996-2005)**. 30º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Sessão Temática 03 - Esporte, política e cultura. Disponível em: <www.unb.br/feef/cedes/arquivos/texto_anpocs-%20politicas_publicas-27-08-06.doc> Acesso em: 12/10/2006.

SUGIMOTO, Luiz. Eva Futebol Clube. **Jornal da Unicamp**. Campinas, ed. 211 - 5 a 11 mai. 2003. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2003/ju211pg12.html> Acesso em: 9 jul. 2006.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilo de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

_____. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

TUBINO, Manoel. **O Que é Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **A Educação Física e o Esporte do Ocidente no Século XX**. In: Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 99-100, jul-dez. 2005.

VARGAS, Ângelo Luiz. **DESPORTO: Fenômeno Social**. Rio de Janeiro: SPRINT, 1995.

_____. **Educação Física e o Corpo: A Busca da Identidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: Da teoria ao trabalho de campo**. Traduzido por Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1998.